



UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

**CRÍTICA TEXTUAL E *CORPORA* PARA A LINGUÍSTICA HISTÓRICA: PADRÕES ORTOGRÁFICOS
OITOCENTISTAS EM FOLHETINS (CRÔNICAS) DE FRANÇA JUNIOR**

Alexandre Xavier Lima

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas, na Área de Concentração Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Doutor Afranio Gonçalves Barbosa.

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2010.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Lima, Alexandre Xavier Lima.

Crítica Textual e *Corpora* para a Linguística Histórica: Padrões Ortográficos Oitocentistas em Folhetins (crônicas) e França Junior. / Alexandre Xavier Lima. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2010.

xvii, 329f. 2v. il.; 31 cm.

Orientador: Afranio Gonçalves Barbosa.

Dissertação (Mestrado) – UFRJ / FL Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2010.

Referências Bibliográficas: f. 166 – 171.

1. Linguística Histórica 2. Crítica Textual 3. Padrões Ortográficos Oitocentistas 4. Folhetins

I. Barbosa, Afranio Gonçalves. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. III. Crítica Textual e *Corpora* para a Linguística Histórica: Padrões Ortográficos Oitocentistas em Folhetins (crônicas) e França Junior.

Dedico este trabalho aos meus pais, Antônio Lima e Sidnéa Xavier Lima, aqueles que me deram o primeiro livro e me ensinaram sobre a importância do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus irmãos, Antonio Lima Filho e Luciana Xavier Lima, por tudo que vivenciamos, partilhamos e aprendemos juntos; pela sempre tranquila e revigorante companhia.

À Fátima Monteiro por me ensinar o sentido da palavra “persistência”; e por me mostrar que é possível compartilhar cada conquista e desafio quando se tem carinho, paciência e respeito.

Aos meus amigos de todas as horas, pela amizade incondicional e pela compreensão, nos momentos em que não pude ser presença ou fui uma presença mal-humorada. À Comunidade Católica de Santa Teresinha do Menino Jesus, minha segunda casa, pela sempre calorosa acolhida, por me fazer sentir mais próximo de Deus.

Aos colegas do Projeto PHPB-Rio. Aos colegas do mestrado; sobretudo Fernanda Gomes pela partilha das dores e alegrias da época do mestrado. Aos colegas de trabalho do colégio André Vidal de Negreiros com os quais compartilho as alegrias e as tristezas do ensino público brasileiro; e por demonstrarem sempre esperança na vocação que nos reuniu.

Ao professor Doutor Edwaldo Machado Cafezeiro e à professora Doutora Maria Carlota Rosa por aceitarem de forma tão atenciosa compor a banca examinadora desta dissertação.

Por fim, agradeço de todo coração ao orientador e amigo Afranio Gonçalves Barbosa por acreditar em mim, quando nem eu mesmo acreditava; por me indicar os caminhos a percorrer, quando eu nada enxergava; por se preocupar comigo ao longo de toda minha vida acadêmica; e, principalmente, por me ajudar a ser um ser humano melhor.

SINOPSE

Estudo da ortografia portuguesa efetivamente praticada por um redator carioca oitocentista. Construção de edição crítica dos folhetins (crônicas) de França Junior para investigações linguísticas e epilinguísticas.

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!
(Olavo Bilac)

A mui leal e heroica cidade do Rio de Janeiro
(França Junior)

RESUMO

CRÍTICA TEXTUAL E *CORPORA* PARA A LINGUÍSTICA HISTÓRICA: PADRÕES ORTOGRÁFICOS OITOCENTISTAS EM FOLHETINS (CRÔNICAS) DE FRANÇA JUNIOR.

Alexandre Xavier Lima

Orientador: Afranio Gonçalves Barbosa

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

Objetivamos realizar um estudo da ortografia portuguesa para o século XIX, praticada por redatores vinculados aos periódicos cariocas que funcionaram como modelo de erudição escrita para o Brasil oitocentista. Demonstramos como a fase *pseudo-etimológica* funciona, para o século XIX, como índice de erudição, bem como os veículos pelos quais os textos estão vinculados e a intervenção do autor determinam perfis gráficos que resultaram em padrões para a época. Paralelo a essa tarefa, trouxemos à luz, por meio de uma edição crítica, folhetins (crônicas) escritos e publicados no periódico *Gazeta de Notícias* entre 1877 e 1878 por Joaquim José da França Junior, um personagem fluminense reconhecido, em seu tempo, como erudito. Cotejamos os textos modelares dos jornais com suas versões (1878 e 1894) em livro a fim de justamente observar as semelhanças e diferenças de tais perfis gráficos presentes nesses veículos. O termo *folhetim* é avaliado como uma estratégia de convergência de gêneros e maneira de cativar o público leitor. Com acepção específica de crônica, os folhetins de França Junior além de servir de fonte para investigações epilinguística, linguística e literárias, também são importantes testemunhos culturais da sociedade carioca do século XIX. Assim, este trabalho deixa sua contribuição na desafiante tarefa de reconstrução do passado da língua portuguesa, fazendo emergir aspectos linguísticos e aspectos da história social da escrita ao redor da figura de um erudito do final dos oitocentos.

Palavras-chave: crítica textual, linguística histórica, ortografia, folhetins, século XIX.

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2010.

ABSTRACT

TEXTUAL CRITICISM AND CORPORA FOR HISTORICAL LINGUISTICS: THE NINETEENTH CENTURY ORTHOGRAPHIC STANDARDS IN FEUILLETONS (CHRONICLES), BY FRANÇA JUNIOR.

Alexandre Xavier Lima

Supervisor: Afranio Gonçalves Barbosa

MSc Thesis submitted to the Vernacular Language Graduate Program of the Language and Literature Faculty of the Federal University of Rio de Janeiro in partial fulfillment of the requirements of the degree of Masters of Science in Portuguese Language.

In this thesis we aim to conduct research on the 19th century Portuguese orthography used by editors who used to write for Rio de Janeiro newspapers. These newspapers served as examples of well-written texts for writers in 19th century Brazil. We describe the spelling regularities used in 19th century printings in order to: 1) show the rules of usage that became a standard reference; 2) discuss the idea of “false” concerning the Latinisms in the so-called *false etymology period*; 3) contribute to the methodology of control of socio-historical profiles. In order to achieve the goals mentioned above, it is necessary to work with authentic corpora. We have therefore conducted research by selecting and editing feuilletons (chronicles) which had been written and published in the newspaper called *Gazeta de Notícias*, by Joaquim da França Junior between 1877 and 1878. Joaquim da França Junior was known as a learned person in the state of Rio de Janeiro. We have also compared the original texts to their book versions (published in 1878 and 1894) so as to observe the similarities and differences of the spelling regularities between the two types of publication. In the scope of the Discourse Tradition Theory we evaluate the *Gazeta de Notícias*'s feuilleton section in order to show that different entertainment genres are labeled as ‘feuilleton’. The feuilletons written by França Junior are considered to be chronicles, and besides being the source of epilinguistic, linguistic and literary investigation, they are an important cultural reference of the carioca society from the 19th century. Therefore, this thesis has contributed to the challenging task of rebuilding the past of the Portuguese language, and has also put in evidence the linguistic and social-historical aspects of the writings of a learned person at the end of the 19th century.

Keywords: textual criticism, historical linguistics, orthography, feuilletons, 19th century.

Rio de Janeiro
February, 2010.

SUMÁRIO

VOLUME I

CONVENÇÃO DA REFERÊNCIA DOS EXEMPLOS	16
APARATO CRÍTICO	17
0 – INTRODUÇÃO.....	18
1 – METODOLOGIA.....	20
1.1 – Linguística Histórica e Crítica Textual.....	20
1.2 – Levantamento de jornais oitocentistas	33
1.3 – Resultados do levantamento	35
1.4 – Biografia de França Junior.....	45
1.5 – Gazeta de Noticias	46
1.6 – Estabelecimento do testemunho-base	50
1.7 – Escolha do tipo de edição	54
1.8 – Normas de transcrição consoantes ao PHPB	56
1.9 – Aparato Crítico	62
2 – GÊNERO TEXTUAL E TRADIÇÕES DISCURSIVAS: O RÓTULO FOLHETIM	64
2.1 – Tradições Discursivas	64
2.2 – O Rótulo Folhetim	67
2.3 – Flutuação e convergência do rótulo	70
2.4 – Estrutura dos textos sobre o rótulo <i>folhetim</i>	73
2.4.1 – A crônica	73
2.4.2 – O Conto	75
2.4.3 – O Romance-folhetim	76
2.5 – O Folhetim de França Junior	77
2.6 – Convergência de gêneros	79
2.7 – Tendências: diferenciação ou especialização dos gêneros.....	81

3 – DA EDIÇÃO CRÍTICA: ESTUDO DE VARIANTES	83
3.1 – Alterações Epilinguísticas.....	84
3.1.1 – Abreviaturas	84
3.1.2 – Sinais de Acentuação	89
3.1.3 – Flutuação no emprego de letras.....	101
3.1.4 – Junção ou separação de segmentos	113
3.1.5 – Uso de letras maiúsculas e minúsculas	117
3.1.6 – Uso do itálico	120
3.1.7 – Latinização gráfica	121
3.1.8 – Pontuação	123
3.2 – Alterações linguísticas nas sentenças.....	134
4 – DA AVALIAÇÃO DO PERÍODO PSEUDO-ETIMOLÓGICO DA ORTOGRAFIA PORTUGUESA: LATINIZAÇÃO GRÁFICA EM TEXTOS-MODELO OITOCENTISTA	146
4.1 – A Etimologização gráfica	146
4.2 – Resultado das latinizações nos folhetins de França Junior.	153
4.3 – Procedimento Sintático – Formas Sintéticas e Analíticas de Gerúndio.....	156
5 – CONCLUSÃO.....	164
BIBLIOGRAFIA	167

SUMÁRIO
VOLUME II

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO.....	12
APARATO CRÍTICO.....	13
O RIO DE JANEIRO E A RUA DO OUVIDOR.....	14
Rio, 22 de agosto.....	19
OS BAILES.....	26
JANTARES.....	33
VISITAS.....	38
MUDANÇAS.....	44
ENTERROS.....	49
O NAMORO.....	55
CRIANÇAS.....	61
PRETENDENTES.....	67
ENCOMMENDAS.....	74
VIZINHOS.....	81
FEIJOADAS.....	88
LUMINARIAS.....	96
BONDS.....	102
FEIJOADAS.....	109
A REPUBLICA.....	117
CASAMENTOS.....	125
ORGANISAÇÕES MINISTERIAES.....	133
FRIBURGO E PETROPOLIS.....	139
O CANTOR DE SERENATAS.....	146
DILETTANTI.....	150
OS RECITATIVOS.....	153

ÍNDICES DE GRÁFICOS, ESQUEMAS, QUADROS E TABELAS

Figura 1: <i>layout</i> de um periódico.....	32
Figura 2: Capa de Folhetins (1878).....	37
Figura 3: Folhetim A Rua do Ouvidor	47
Figura 4: Localização dos folhetins no periódico.....	67
Figura 5: Seção Appendice.....	70
Figura 6: Seções de miscelâneas	71
Figura 7: Anúncios de obras publicadas nos periódicos	72
Figura 8: Passagem de Appendice para Folhetim	72
Tabela 1: Títulos e autores de folhetins.....	25
Tabela 2: Ficha Catalográfica.....	33
Tabela 3: Exemplo de Ficha Catalográfica de Periódicos.....	35
Tabela 4: Catálogo Dicionário por assunto	36
Tabela 5: Levantamento na ABL.....	37
Tabela 6: Catálogo Dicionário por autor	38
Tabela 7: Periódicos em que França Junior Colaborou.....	39
Tabela 8: Manuscritos de França Junior.....	42
Tabela 9: Peças Teatrais de França Junior	42
Tabela 10: Dissertações e tese sobre França Junior	43
Tabela 11: Textos sobre França Junior.....	44
Tabela 12: Organização dos folhetins em livro	48
Tabela 13: Colaboradores da Gazeta de Noticias.....	49
Tabela 14: Ordem de publicação dos folhetins no jornal	52
Tabela 15: Títulos de folhetins inéditos em livro	53
Tabela 16: Especialização do rótulo e do gênero	69
Tabela 17: Seções de miscelâneas	71

Tabela 18: A crônica ao longo dos séculos	74
Tabela 19: Divergência da crônica	74
Tabela 20: Exemplo de organização textual das crônicas de França Jr. (Os Massantes).....	78
Tabela 21: Dados de Abreviaturas.....	86
Tabela 22: Distribuição dos dados de Abreviaturas	86
Tabela 23: Casos de abreviaturas	87
Tabela 24: Distribuição de s/z nos 3 testemunhos.....	103
Tabela 25: Comparação de vocábulos com "s/z"	104
Tabela 26: Distribuição das vogais.....	108
Tabela 27: Alterações de vogais.....	110
Tabela 28: Omissão de sílaba	113
Tabela 29: Irregularidade na representação da junção	116
Tabela 30: Latinização nos testemunhos em livro.....	122
Tabela 31: Alterações envolvendo a vírgula	125
Tabela 32: Distribuição das variantes vírgula/zero	126
Tabela 33: Alterações significativas.....	134
Tabela 34: Taxas de uso e de Acerto da latinização gráfica.....	150
Tabela 35: Modelo de comparação de vocábulos latinizados	151
Tabela 36: Resultados da Latinização em França Junior	153
Tabela 37: Resultado de latinismos nos textos-modelo.....	155
Tabela 38: Distribuição da formas de gerúndio em França Jr.	157
Tabela 39: Resultados de gerúndio no Folhetim A Filha do Povo.....	158
Tabela 40: Resultados de gerúndio das cartas do Sr. Ottoni	158
Tabela 41: Resultados de gerúndio em notícias	158
Tabela 42: Resultados de gerúndio em textos publicados do Sr. Ottoni	158
Tabela 43: Distribuição de gerúndio pelos folhetins de França Jr.	159
Tabela 44: Os modos de organização do discurso nas formas de gerúndio	161

Tabela 45: Os diálogos nas formas analíticas.....	162
Tabela 46: Resultados de gerúndio sem os dados em diálogos.....	162
Gráfico 1: Distribuição de latinismos nos folhetins de FJ.....	154
Esquema 1: Convergência dos gêneros no folhetim de França Junior	79
Esquema 2: Gênero romance-folhetim	81
Esquema 3: Formação do conto contemporâneo	82
Esquema 4: Formação da crônica contemporânea	82

CONVENÇÃO DA REFERÊNCIA DOS EXEMPLOS

- [1] – A Rua do Ouvidor
- [2] – Massantes
- [3] – Os Bailes
- [4] – Jantares
- [5] – Visitas
- [6] – Mudanças
- [7] – Enterros
- [8] – O Namoro
- [9] – Crianças
- [10] – Pretendentes
- [11] – Encomendas
- [12] – Vizinhos
- [13] – Feijoadas
- [14] – Luminarias
- [15] – Bonds
- [16] – A Missa do Gallo
- [17] – A Republica
- [18] – Casamentos
- [19] – Organizações Ministeriaes
- [20] – Friburgo e Petropolis
- [21] – O Cantor de Serenatas
- [22] – Dilettanti
- [23] – Os Recitativos

APARATO CRÍTICO

Símbolos	Descrição
A	Folhetins publicados no jornal entre 1877 e 1878
B	Folhetins reunidos em livro em 1878
C	Folhetins reunidos em livro em 1894
:	Início da variante destacada
>	Passagem de um testemunho para outro

Contextos	
A: só > B: sô > C: só	Realização de um item em cada testemunho
A/B: fôra > C: fôra	Discordância ocorrendo no último testemunho
A: Reffiro-me > B/C: Refiro-me	Discordância ocorrendo entre o testemunho dos jornais e os testemunhos em livro
B/C: durante tres mezes ; dissolvem-se os clubs	Trecho ilegível no testemunho A preenchido com os demais testemunhos

0 – INTRODUÇÃO

Este trabalho orienta-se para o estudo grafológico da Língua Portuguesa no século XIX a partir de textos publicados em periódicos cariocas que serviram de modelo de escrita culta não apenas para a sociedade fluminense, mas para toda a rede de leitores assinantes de outras regiões do Brasil oitocentista. Parte desse empreendimento, portanto, foi estabelecer uma edição confiável para que fosse possível investigar e refletir sobre a norma gráfica “praticada” por redatores capazes de difundir modelos, relacionando, assim, aspectos epilinguísticos com aspectos sociais e culturais.

Pretendemos, ao longo deste trabalho, aprofundar a discussão sobre a ortografia demonstrando como a fase dita *pseudo-etimológica* pôde representar um modelo de erudição escrita para sua época, qual foi a investida dos redatores nesse modelo e qual foi o impacto sobre os novos redatores que surgiram no século XIX.

Aliamos a descrição da ortografia do século XIX à necessidade de construir *corpora*, uma vez que tem sido esse um dos principais problemas da Linguística Histórica: estabelecimento de textos fidedignos e editados criticamente. Desde o surgimento do projeto coletivo, de âmbito nacional que objetiva fazer uma história do português brasileiro, o *Para uma História do Português Brasileiro* (PHPB), dentro do qual este trabalho se insere, pesquisadores de todo o Brasil discutem a importância de localizar, construir e disponibilizar *corpora* diacrônicos confiáveis, que sejam representativos de sua época e que não tenham interferências de editores de outras sincronias.

Por isso, construímos um *corpus* formado por folhetins (crônicas) de um autor oitocentista carioca, cujo perfil era reconhecido, pelos seus, como o de um erudito, e, além disso, capaz de assumir o papel de difusor de modelos e formador de opinião. Editamos os

folhetins de França Junior, autor muito popular no século XIX, graças as suas peças teatrais e sua presença crítica nos principais periódicos do último quartel do século XIX.

Adotamos critérios, à luz da Crítica Textual, que nos possibilitassem selecionar esses textos dentre dezenas de outros que levantamos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, editá-los com confiabilidade e disponibilizá-los para a investigação linguística. A disponibilização do material serve não apenas para aquilo que estamos realizando neste trabalho, estudo da grafia, mas para qualquer fenômeno linguístico ou crítico literário dos que se ocupam em estudar o Brasil do século XIX.

Inicialmente apresentamos um breve panorama da Linguística Histórica a fim de contextualizar e fundamentar pesquisas, como esta, que têm sido realizadas vinculadas ao PHPB. Oferecemos um breve panorama da investigação diacrônica e os principais problemas; sobretudo, uma das motivações deste trabalho, a construção de *corpora*. Desta maneira, relacionamos a Crítica Textual, apresentando suas principais ferramentas na tarefa de reconstruir textos. Utilizamos essas ferramentas para descrever os passos que nos levaram até os textos de França Junior. Nesta etapa do trabalho, apresentamos a estrutura dos jornais oitocentistas, damos notícia do levantamento de periódicos e aspectos biográficos e bibliográficos de França Junior. Refletimos também sobre a escolha do testemunho adotado como base para a edição, bem como as normas adotadas para a transcrição dos textos e o aparato crítico para a apresentação da edição estabelecida.

A seguir, discutimos sobre o rótulo que dá nome à seção do jornal em que aparecem os textos de França Junior. Com base no conceito de *Tradição Discursiva*, observamos a evolução e a aplicação do rótulo *folhetim*. Verificamos como o rótulo recebe um tratamento peculiar nos jornais brasileiros, promovendo a convergência e a divergência de gêneros.

No capítulo central, analisamos as alterações epilinguísticas e linguísticas entre os testemunhos, buscando comparar o primeiro testemunho, publicado na *Gazeta de Notícias*

entre 1877 e 1878 com as edições em livro de 1878 e 1894. Além de oferecer o perfil das escolhas gráficas de cada testemunho, demonstramos que a opção por uma edição crítica fundamenta-se no objetivo de fornecer *corpora* enriquecido por comparações de variantes dessas três edições. Não apenas variantes gráficas, mas qualquer variante que possa ser observada por outro investigador.

No último capítulo, avaliamos o período ortográfico conhecido tradicionalmente de *pseudo-etimológico* e, por meio da aplicação de uma etapa da metodologia de Barbosa (2005), que visa identificar objetivamente redatores modelares de uma norma culta dos oitocentos, podemos observar o desempenho dos redatores na estratégia de latinizar a grafia.

Por fim, apresentamos, no volume II, a edição crítica dos 23 folhetins (crônicas) de França Junior, publicados na *Gazeta de Notícias* e, que agora são reconstituídos com o aparato da Crítica Textual, como fonte de pesquisa linguística e, sobretudo, como ícone da cultura oitocentista carioca.

1 – METODOLOGIA

1.1 – Linguística Histórica e Crítica Textual

Conforme mencionado no capítulo anterior, esta dissertação ocupa-se em realizar um estudo grafológico do século XIX, com base em um material impresso, os folhetins de França Junior. Soma-se a esse objetivo central a intenção de editar com aparatos críticos esse material, disponível não apenas para estudos grafológicos dos oitocentos, mas para qualquer investigação na área da Linguística Histórica. Portanto, norteamo-nos, neste trabalho, na tradição dos estudos de Linguística Histórica, bem como na contribuição da Crítica Textual, que instrumentaliza os estudos diacrônicos da língua. Desta forma, faremos um breve apanhado dos principais momentos da Linguística Histórica e da Crítica Textual a fim de contextualizar teórica e metodologicamente esta pesquisa.

Segundo Faraco (2005), a Linguística Histórica surge no século XVIII. Motivados pela descoberta do sânscrito e da difícil tarefa que os sábios dessa língua tiveram, no século IV a.C., para estabelecer e preservar os textos religiosos, os estudiosos, em meio à especulação filosófica e a descrição filológica, notaram que a língua muda no eixo do tempo. Como observa Faraco (2005), a disciplina começa a se delinear como tal a partir de William Jones (1746-1794). Foi Jones quem primeiro percebeu o parentesco entre o sânscrito, o grego e o latim. Bopp, no início do século XIX deu continuidade ao trabalho de Jones: restabelecer o parentesco entre as línguas (FARACO, 2005, p. 134). No entanto, apenas em Jacob Grimm a comparação passa a ser estabelecida numa perspectiva histórica, fundando assim com outros pesquisadores a linguística histórico-comparativa, o que deu força ao desenvolvimento da filologia românica, aprimorando a metodologia de estudo da Linguística Histórica.

Outro ponto decisivo apresentado por Faraco (2005) é a contribuição de Schleicher. Influenciado pelos estudos darwinistas, Schleicher compreende a língua como um organismo vivo em constante evolução, organiza as línguas europeias em subgrupos até a reconstrução daquilo que seria a língua mãe de todas as outras.

A seguir, os neogramáticos, com a intenção de aperfeiçoar os procedimentos metodológicos, buscam uma orientação psicológica para explicar as mudanças. Linguistas como Verner tentaram demonstrar que há regularidade na mudança e que atendiam ao princípio da analogia. Alguns autores, como diz Faraco (2005, p. 146), negavam a possibilidade de um estudo que não fosse histórico e que a fonte da mudança era o indivíduo. Contudo, Faraco adverte que:

os estudos empíricos têm mostrado que a realidade da história das línguas envolve grande complexidade e que soluções para fenômenos irregulares, por meio de conceitos vagos, como da analogia, ou de qualquer outro de caráter puramente interno, dificilmente auxiliam a destrinçar tal complexidade. (FARACO, 2005, p. 149)

Percebe-se que, a partir dos estudos da dialetologia, a mudança é lenta e atende a diversos fatores condicionantes, como, por exemplo, o espaço geográfico, sexo, idade, nível de escolaridade do informante. Faraco (2005) diz que é Schuchardt o responsável por essa visão que introduz aos estudos linguísticos uma visão pautada no contexto sócio-cultural.

Seguindo os passos de Saussure, Meillet concebia a língua como um fato social (FARACO, 2005, p. 153). A diferença é que ele procurou desenvolver a afirmação, fazendo com que as condições sociais fossem fatores decisivos para a mudança das línguas. Assim:

as sociedades são heterogêneas e essa heterogeneidade do social é determinante da heterogeneidade linguística e condicionante da mudança. (FARACO, 2005, p. 154)

Na primeira metade do século XX, sob a forte influência da dicotomia saussureana entre estudos sincrônico e diacrônico, os linguistas chamados estruturalistas dão prioridade às investigações sincrônicas ao afirmar que a língua é um sistema de signos estabelecidos pela oposição de valores, sem que para isso seja necessário conhecer os estágios anteriores para se compreender o sistema em funcionamento. A mudança é vista como alteração do sistema. Como as peças que formam esse sistema nunca estão em perfeito equilíbrio, a língua está sempre sujeita a mudança sempre condicional a outra mudança de elementos internos da língua.

Se o Estruturalismo adota uma postura indutiva para elaborar suas afirmações, o Gerativismo de Chomsky tem uma postura dedutiva. Adotando uma visão inatista de língua, Chomsky afirma que a tarefa da linguística é descrever uma gramática universal. Inicialmente as mudanças eram entendidas como processos que alteravam as regras da gramática. Depois passa a considerar poucos princípios gerais e aquilo anteriormente entendido como alteração de regras é visto como possibilidades dos princípios gerais (FARACO, 2005, p. 164).

Foi a dialetologia, fundamentada na heterogeneidade, no contexto sócio-histórico da língua e na variação diatópica que abriu caminho para a sociolinguística, “estudo das

correlações sistemáticas entre formas linguísticas variantes e determinados fatores sociais” (FARACO, 2005, p. 184). A variação ocorre sistematicamente e pode ou não resultar em uma mudança. Como existe uma regularidade, é possível mensurar. Se por um lado o estudo sincrônico revela a variação estratificada social e estilisticamente, o estudo diacrônico permite a comparação de variantes candidatas a implementar uma mudança. Como observa Faraco (2005), já no final do século XX há um retorno dos estudos históricos da língua e dessa vez “vinculada intimamente à vida social e cultural dos falantes”

Por fim, o Funcionalismo, disciplina que concebe a língua como um sistema de unidades regulares sensíveis às situações de uso e expresso por formas linguísticas, descreve as regras pragmáticas que norteiam a atividade cooperativa de interação. Segundo Castilho (2006, p. 242), o Funcionalismo contribui para a compreensão da mudança ao “investigar o trânsito de expressões linguísticas do léxico para o sistema gramatical”. Segundo essa perspectiva, um item lexical sofre um processo de gramaticalização. Heine (2003, p. 575) afirma que a gramaticalização, termo introduzido por Meillet para explicar a teoria da mudança (HOPPER, 1991, p. 17), tem como meta descrever as formas gramaticais que se desenvolveram através do tempo e espaço. Assim é possível explicar porque uma categoria gramatical surge e se desenvolve. Segundo Heine (2003, p. 580), quanto mais um item ganha significado gramatical, mais perde propriedades categoriais e passa ser usado mais vezes em mais contextos. Hopper (1991, p. 19) destaca que categorias morfologizadas talvez sejam candidatas para a construção gramatical. Segundo Traugott (1991, p. 626), algumas unidades são recrutadas pela gramática. Para Heine (2003, p. 596), a gramaticalização tem ajudado a linguística histórica na atividade de reconstrução histórica:

while grammaticalization theory constitutes an enrichment of historical linguistics, since it offers an additional instrument for diachronic reconstruction (HEINE, 2003, p. 597)

A intercessão entre Linguística Histórica e Crítica Textual parece residir no problema da construção de *corpora* para estudos linguísticos. Com o respaldo dessas duas disciplinas, sabe-se que a escolha de um *corpus* deve ser criteriosa, sobretudo em relação à escolha do informante. É importante saber, por exemplo, quem é o autor do texto, quando, onde e em que contexto foi produzido. O conhecimento dessas informações permite-nos realizar afirmações sobre a norma em uso pelos redatores com mais precisão e segurança.

Está justamente nessas premissas de trabalho o problema da Linguística Histórica, porque a maioria dos textos não faz referência direta ao autor. Em muitos textos, só encontramos o pseudônimo. Quando localizamos o autor a partir de seu pseudônimo ou quando nos é oferecido, não encontramos muitas informações sobre esse personagem. A tabela ilustra a quantidade de textos publicados no jornal *O Annunciador*, publicado três vezes por semana nos jornais, entre 1850 e 1851, e a dificuldade de encontrarmos referência sobre os autores:

Título	Autor/Pseudônimo
O Anjo da Guarda	
Os Mysterios de um Palito	
O Amor Medico	
Ora sejam lá curto de vista ¹	
O Amor de uma mulher	Borboleta
Adeus de um Trahido	
Conto Moral	
Efeitos do Amor	
Luiza e Carlos	
Uma Reunião	
A Bella Eulalia	
Os amores de Julia	
Memorias de D. Miguel	
Amores do Diabo	
Congresso feminino	
Lucia Dalville	
As duas irmãs	J.X.F.S.
As aventuras de um estudante	

¹ Até esse título os folhetins não vinham no rodapé.

O noviço de Santa Cruz	
Amelia	J.C. Massa
Auzenda	
Adelaide de Sargans Baronesa de devuatz	Exir.
A véspera de um casamento	
Visita das priminhas ²	
As duas amigas	
O casamento em Petropolis ³	P. C. Dembertin
O valor de uma Donzela	D. C. M. Gomes de Macedo
O negociante de Zamora	
O Sapateiro D'escada	
Dous meses de casamento	Lady Blessengton

Tabela 1: Títulos e autores de folhetins

A tabela nos faz levantar a questão de como formar um *corpus* representativo da norma culta de um momento pretérito a partir de informantes cujo perfil é desconhecido. Além disso, mesmo se tivéssemos um *corpus* formado por apenas redatores conhecidos, ainda nos depararíamos com outro problema: o que é ser erudito no passado? Não podemos atribuir os atuais valores de erudição a outro momento de nossa língua. Portanto, faz-se necessário desvendar as estratégias de erudição no passado.

Ao identificar um valor, ou vários valores, temos que pensar ainda em uma forma de transformar esses valores em dados mensuráveis, descobrindo um meio de contabilizar e controlar estatisticamente essas estratégias.

Barbosa (2005) parece ter dado significativo passo na tentativa de responder essa questão. Esse autor criou uma metodologia que objetiva identificar graus de erudição de autores dos oitocentos. Ele, a partir da identificação da grafia etimológica como valor objetivo de erudição escrita, estabelece um controle estatístico em textos de jornais e cartas pessoais, observando a frequência e o sucesso dessas realizações. A metodologia prevê um controle da distribuição de dados em autores conhecidos para que depois seja possível comparar esse parâmetro com os dados de autores desconhecidos.

² Não está no rodapé.

³ Interessante.

Lima & Faria (2005) e Lima (2006) têm ajudado na construção de *corpora* cujo perfil sócio-cultural dos redatores oitocentistas seja conhecido. Dessa investigação, além da identificação, transcrição e edição de folhetins publicados no *Diario do Rio de Janeiro A Flor das Favas*⁴ (por Withelm Tenint), *O Ultimo dia de Frascati*⁵, localizamos um autor brasileiro de folhetins que poderia compor os *corpora*, uma vez que seu perfil era de um redator erudito.

Vamos, mais adiante neste trabalho, discutir algumas as normas de edição necessárias para tornar os *corpora* confiáveis, a fim de fazer emergir aspectos linguísticos e aspectos da história social linguística do Brasil em sincronias passadas (MATTOS E SILVA: 2002). Em relação à metodologia de Barbosa (2005), procuramos contribuir para a implementação dessa metodologia, cumprindo justamente a etapa de identificação de modelos de erudição e a aplicação dos parâmetros aos modelos, como verificaremos no capítulo 4.

Lançamos mão da metodologia da Crítica Textual para editar textos do século XIX, procurando a fidelidade à fonte, para que assim possa servir também a outros pesquisadores, uma vez que ainda são poucas as edições em que se tem uma preocupação em conservar características estruturais e linguísticas a fim de resgatar não apenas a temática, mas também traços linguísticos daquele momento da língua.

De forma geral, entende-se como Crítica Textual a disciplina responsável pela reconstituição do texto original ou do texto tomado como referência, na ausência do original. Segundo Cambraia (2005), “um texto sofre modificações ao longo do processo de sua transmissão”. Isso significa que uma cópia pode distanciar-se do texto que serviu de base. A Crítica Textual procura justamente restituir o texto em sua forma genuína.

A relação entre essa disciplina e a Linguística Histórica ganha força nas palavras de Cambraia (2005, p. 33). Segundo o autor, a Crítica Textual tem maior impacto sobre a Linguística Histórica, “pois a crítica textual debruça-se amiúde sobre textos do passado”,

⁴ Referência PR - SPR 5

⁵ Referência PR – SPRS (1-101)

facilitando os estudos diacrônicos ao garantir um *corpus* menos comprometido com as interferências ao longo do tempo e fazendo emergir os fenômenos linguísticos de determinada época.

Campbell afirma que uma das maneiras de se conceber a Filologia (para muitos autores, sinônimo de Crítica Textual) é como um método para extração de informações de fontes escritas para a Linguística Histórica (CAMPBELL, 2004, p. 361). Ao examinar textos escritos, podemos obter informações da cultura de um povo, como também da história de uma língua. Se a Filologia (ou Crítica Textual) nos ajuda a pensar em como obter tais informações, a Linguística nos ajuda a pensar no que fazer com essas informações:

In effect, if the right kind of information is preserved in the written sources, philology can contribute insight and understanding to most areas of linguistic change. (CAMPBELL, 2004, p. 367)

Como nos diz Cambraia, a modificação faz parte da história do texto. O autor pode ou não interferir nessas modificações:

Ter consciência de que os autores modificam suas obras de uma edição para outra é especialmente importante, pois a diversidade formal dos textos tem origem não apenas em lapsos de cópia mas também na mudança de vontade do autor (CAMBRAIA, 2005, p. 7)

As modificações podem ser exógenas ou endógenas. As modificações exógenas dizem respeito ao material corrompido para registrar um texto, geralmente associadas pelas condições de conservação. Mesmo o autor sendo responsável pela cópia, o texto pode ser produzido por diferentes tipos de papel ou tinta, o que pode resultar em alterações significativas. As modificações endógenas referem-se às alterações textuais, que podem ser do autor, ou realizadas por outra pessoa, com ou sem a sua autorização. A discussão sobre as alterações encontra espaço para aprofundamento no capítulo 3 deste trabalho, momento em

que procuramos dimensionar as alterações que indicam padrões sistemáticos da grafia oitocentista e alterações que modificam o sentido do texto, caracterizando cada testemunho.

Cabe ao crítico textual levantar elementos históricos e metodológicos daquilo que está editando. Investiga, portanto, informações bibliográficas do autor, a tradição manuscrita ou impressa da obra e o contexto sócio-político em que foi escrita. No corpo do texto, geralmente em nota, o crítico textual apresenta fontes, a genealogia, elenco de variantes, glossário, índices e bibliografia.

O exercício da Crítica Textual leva-nos ao uso de instrumentos de outras áreas do conhecimento. Por isso, Cambraia (2005, p. 22) diz que a Crítica Textual é uma atividade que sugere a transdisciplinaridade. Acessamos a paleografia quando avaliamos, interpretamos e decodificamos um sistema de escrita de outro período; a codicologia, quando buscamos entender as razões das alterações dos textos por meio de uma descrição sistemática de aspectos essenciais dos códices; a bibliografia material, quando fazemos um estudo dirigido especificamente de livros impressos (nosso caso); e a Linguística, quando reconhecemos uma etapa da língua com suas normas de uso.

A Crítica Textual conta com três etapas básicas. São elas a recensão, estemática e correção. A recensão é o levantamento de fontes de tradição direta e tradição indireta. A tradição direta refere-se ao documento essencial da edição. Pode ser o levantamento de cópias manuscritas e impressas. Já a tradição indireta refere-se aos documentos auxiliares de leitura. Na recensão, ocorre a colação, que consiste no confronto de testemunhos, tomando como base o mais original; e o expurgo, que consiste na exclusão dos exemplares considerados inúteis ao estabelecimento do texto crítico. Desta forma, nessa primeira etapa, é realizada uma triagem dos textos utilizados na edição.

A estemática é a fase de classificação e organização dos exemplares remanescentes. Nessa etapa, é estabelecida a árvore genealógica da tradição dos textos. Reconhece-se, portanto, a fonte primária e todas as outras fontes organizadas cronologicamente.

A correção é a fase de preenchimento de lacunas decorrentes da ilegibilidade de trechos corroídos na fonte básica. O preenchimento pode ser realizado pelo cotejo de códices ou por conjecturas.

Não por acaso decidimos utilizar os instrumentais da Crítica Textual aos textos de França Junior. No centro de nossas preocupações em construir *corpora*, está a recolha de autores brasileiros para que, pelo contraste com autores lusos, o PHPB possa reconstruir a história do português brasileiro. Por isso, cresce em importância o fato de, após longa busca nos periódicos da BNRJ, termos encontrado esses materiais raros de um oitocentista carioca, ícone da cultura popular de sua época.

A seguir, vamos contextualizar nossa edição estabelecida a partir de textos impressos em periódicos; por esse motivo far-se-á necessária a análise da estrutura dos jornais do Brasil oitocentista. Como percurso metodológico, descreveremos o levantamento de jornais, os resultados preliminares até a localização dos textos que constituem nosso *corpus*. Além do levantamento de jornais, realizaremos pesquisa biográfica e bibliográfica do autor e, por fim, estabeleceremos o testemunho que servirá de base para a edição, o tipo de edição, as normas de transcrição e o aparato crítico. Cabe inicialmente relacionar a importância dos jornais ao contexto em que foi escrito e publicado os textos que formam essa edição

O interesse pelo século XIX não é fruto de uma escolha aleatória. Se Marquilhas (1991) encontra, no século XVIII, para Portugal, condições decisivas para a construção de normas ortográficas; o século XIX, com suas transformações culturais, sociais e linguísticas, reúne um interessante quadro para uma história da ortografia da língua portuguesa no Brasil.

Observa-se que se trata de um período decisivo para a constituição de um público leitor efetivo, propiciado por grandes acontecimentos históricos, como, por exemplo, a Transferência da Família Real para o Brasil (1808), Independência do Brasil (1822) e Proclamação da República (1889). Destaca-se dentre os fatos históricos, a Transferência da Família Real. Em decorrência disso, houve uma série de medidas para adaptar o Brasil; sobretudo, o Rio de Janeiro, para melhor acolher a Corte Portuguesa. Entre as medidas, estava a liberação da imprensa brasileira, até então clandestina e, portanto, de difícil acesso.

As consequências dessa medida foram quase imediatas. Em pouco tempo, surgiram inúmeros periódicos pelo país, alcançando o público mais variado através de leituras pessoais e leituras em saraus.

No final da década de 1870, jornais, como, por exemplo, a *Gazeta de Notícias*, que tinha uma tiragem de 16 mil cópias, certamente ampliava seu poder de divulgação através dos saraus, leituras realizadas em encontros da sociedade, formando e servindo de modelo para novos redatores, como a escritora Júlia Lopes de Almeida, que, em sua infância, costumava ouvir de seu pai o *Jornal do Commercio* (LIMA & FARIA, 2005).

Foi o século em que tem sido considerado divisor entre Português Brasileiro (PB) e Português Europeu (PE). Como diz Pagotto & Duarte (2005):

sabe-se que o século XIX foi o período de consolidação do português (...) se apresenta como um turbilhão linguístico, no qual, de um lado muitos dos dialetos no território brasileiro passam por um processo de contato e de auto-reconhecimento, especificamente na capital, consolidando, como dissemos, a sua estrutura na direção do que viria a ser o português brasileiro moderno. (PAGOTTO & DUARTE, 2005, p. 68)

Os jornais estão para a sociedade oitocentista assim como a televisão e a internet estão para a nossa sociedade hoje. Isso quer dizer que os periódicos oitocentistas exerciam grande influência na sociedade fluminense. Afinal, os jornais eram a principal maneira de se inteirar dos acontecimentos, atualizar-se dos costumes modernos europeus e acessar a produção

literária. Não é, portanto, exagero afirmar que a vida da nascente burguesia carioca passava pelas páginas dos periódicos.

Os jornais foram os principais responsáveis pela divulgação da cultura. Entende-se por cultura “qualquer tipo de intervenção do homem na natureza” (RIGONI, PINILLA & INDIANI, 2009), não como criação individual, mas como elaboração coletiva, fruto de uma herança social. Para essas autoras, a linguagem também é uma manifestação de cultura. Por meio de uma linguagem, acumulamos, transmitimos e partilhamos experiências. A língua, além de ser uma manifestação cultural, é uma parte decisiva da cultura, pois ela viabiliza interação sócio-cultural de uma comunidade. A língua, materializada em textos, é uma fonte importante para sabermos como era a interação social em épocas pretéritas. Para o século XIX, o veículo de divulgação de textos com maior força era o periódico.

Com a liberação da imprensa, surgem inúmeros periódicos. Cada periódico é porta voz de uma ideologia. Tais periódicos surgiam e desapareciam à medida que surgiam e desapareciam ideologias. Havia jornais temáticos, destinados a um público específico, como, por exemplo, as mulheres (MORAIS, 2002). Geralmente, eram publicados semanalmente ou quinzenalmente. Havia também os jornais diários. De publicação regular e diária, informavam os acontecimentos políticos do governo. Geralmente tinham o aval do governo, por isso são esses jornais que tiveram uma circulação mais longa.

Diferente dos jornais da atualidade, os periódicos oitocentistas não contavam com muitos recursos gráficos. Eram poucas as ilustrações. Inicialmente os jornais tinham o formato de livro, o que facilitava a coleção. Depois passaram a ter o aspecto parecido como temos hoje em dia. Geralmente os jornais tinham quatro páginas. A primeira página reunia os acontecimentos da Câmara e do exterior. Também trazia em seu rodapé uma seção chamada de *folhetim*, responsável em tornar o jornal ainda mais popular.

Nas demais páginas, encontravam-se informações comerciais, alguns despachos, avisos, publicações a pedido, comunicados e anúncios. O jornal dispunha de um *layout* simples. No alto da página de cada folha, o dia da semana, seguido do dia, mês e ano. Na primeira página, além dessas informações, havia também o ano de publicação e o número daquele jornal. Com letras garrafais, o título do jornal. Logo abaixo, o nome dos responsáveis pelo jornal. No lado esquerdo superior, abaixo dessas informações, apareciam informações, como, preço diário, preço da assinatura e número de tiragem. Apesar de simples, é uma estruturação mais elaborada se compararmos com os primeiros periódicos de brasileiros, como a *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Correio Braziliense* que apresentavam *layout* mais livresco que de veículo jornalístico.

As seções ocupam lugares fixos nas colunas. Essas passam a variar em número com muita frequência nos jornais oitocentistas. No caso do *Diário do Rio de Janeiro*, tanto houve quatro colunas, durante uma época, quanto oito colunas mais adiante, conforme figura abaixo.



TÍTULO DO JORNAL

Figura 1: *layout* de um periódico

1.2 – Levantamento de jornais oitocentistas

Com o objetivo de localizar textos que fossem modelo da cultura escrita impressa, iniciamos um levantamento de textos literários e não-literário nos periódicos diários de ampla circulação. Recorremos ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional (BNRJ), que reúne a maior coleção de jornais do país. Para esse levantamento, cumprimos uma longa etapa de recolha de informações que nos permitissem identificar, em meio a variados textos, aqueles que atendessem plenamente à proposta deste trabalho. Assim, a partir da cota, investigando o conteúdo dos jornais, chegamos a formar fichas catalográficas específicas para nosso trabalho. Identificamos dados objetivos tais como cota, datação, local de publicação, como também avaliativos, sobre, por exemplo, gênero dos materiais (se o texto era ou não literário, se era, ou não, um romance-folhetim), dentre outras observações. Para contrapor textos literários e não-literários, o levantamento procura destacar os periódicos e os dias em que também se publicavam os folhetins. Como se observa no exemplo abaixo:

<p>1- NOME DO JORNAL: Jornal da Tarde 2- LUGAR (CIDADE/ESTADO): Rio de Janeiro-RJ 3- DATA DO PERIÓDICO:26/11/1869 4- COTA: PR-SOR 3453 (1) 5- PERÍODO DE PUBLICAÇÃO: 26 NOV. 1869 - JUN. 1872 6- FOLHETIM: Sim 7- TÍTULO/AUTOR: O Tenente Roberto/Alexandre de Laverne 8- PUBLICAÇÃO: 9- INDICAÇÃO DA PUBLICAÇÃO: 10- OBSERVAÇÃO:</p>
--

Tabela 2: Ficha Catalográfica

Essa ficha acima reúne os dados encontrados em cada dia de publicação dos jornais. Depois desse primeiro levantamento, as informações eram reunidas por jornal, como podemos observar no exemplo a seguir:

Periódico: O ANNUNCIADOR⁶

Local: Rio de Janeiro/RJ

Data: 1850-1851

Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL-RJ

Referência: PR-SOR 2279 2280

Autor/redator: A. M. Morando⁷

Tiragem:

Preço avulso:

Observações: esse periódico era publicado as terças, quintas e sábados. Para eles, o folhetim não era um gênero, pois atribuíam às suas Obras gêneros como conto, novela, etc.

LEVANTAMENTO

Título	Autor/Pseudônimo	Estado
O Anjo da Guarda		completo
Os Mysterios de um Palito		
O Amor Medico		
Ora sejam lá curto de vista ⁸		
O Amor de uma mulher	Borboleta	
Adeus de um Trahido		
Conto Moral		
Efeitos do Amor		
Luiza e Carlos		
Uma Reunião		
A Bella Eulalia		completo
Os amores de Julia		completo
Memorias de D. Miguel		
Amores do Diabo		
Congresso feminino		
Lucia Dalville		
As duas irmãs	J.X.F.S.	
As aventuras de um estudante		
O noviço de Santa Cruz		
Amelia	J.C. Massa	
Auzenda		
Adelaide de Sargans Baronesa de devuatz	Exir.	
A véspera de um casamento		
Visita das priminhas ⁹		

⁶ Tinha como subtítulo: Periódico dos Podres-RJ

⁷ Editor.

⁸ Até esse título os folhetins não vinham no rodapé.

⁹ Não está no rodapé.

As duas amigas		
O casamento em Petropolis ¹⁰	P. C. Dembertin	
O valor de uma Donzela	D. C. M. Gomes de Macedo	
O negociante de Zamora		
O Sapateiro D'escada		
Dous meses de casamento	Lady Blessington	

Tabela 3: Exemplo de Ficha Catalográfica de Periódicos

1.3 – Resultados do levantamento

Em trabalhos preliminares, construímos *corpora* a partir dos periódicos *Diario do Rio de Janeiro*¹¹ e *Jornal do Commercio*¹², também disponível na internet¹³, contendo textos literários, especificamente o *folhetim* e não-literários, notícias publicadas nos mesmos dias em que o folhetim foi publicado.

Os folhetins transcritos foram: *A Flor das Favas*¹⁴ (por Withelm Tenint), *O Ultimo dia de Frascati*¹⁵ (por Mary), *Inês de Las Sierras*¹⁶ (CH. Nodier) e *A filha do Povo*¹⁷ (por Jose Ferreiro y Peralta). Os três primeiros foram transcritos do *Diario do Rio de Janeiro* (1842-1843) e o quarto do *Jornal do Commercio* (1874-1875).

Continuamos o levantamento, dessa vez, dando prioridade a autores brasileiros, uma vez que esses folhetins são traduções de textos estrangeiros. A fim de otimizar as buscas, recorreremos ao Banco de Dados informatizado da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro com a intenção de localizar autores cariocas de Folhetins. No entanto, o sistema tem registrado apenas aquisições mais recentes. Como trabalhamos com textos oitocentistas, pesquisamos nos Catálogos Dicionários, que armazenam as entradas de livros anteriores a 1982.

¹⁰ Interessante.

¹¹ PR-SPRS (1-100)

¹² PR-SPR 1

¹³ www.lettras.ufrj.br/folhetim

¹⁴ Referência PR - SPR 5

¹⁵ Referência PR – SPRS (1-101)

¹⁶ Referência PR – SPRS (1-101)

¹⁷ Referência PR - SPR 1

Procuramos, num primeiro momento, pelo assunto, *folhetim*, e encontramos as referências abaixo:

CATÁLOGO DICIONÁRIO DA BIBLIOTECA NACIONAL – RJ ASSUNTO
CRUZ VIVA, José Gonçalves da (sacerdote). Folhetins. <i>Variedades e devaneios de Abdiel o Algarvio...</i> Lisboa: Typ. Universal, 1876-77. (BN: 869.8 / C957f)
GUANABARINO, Oscar. <i>Folhetins sobre a ópera Fosca de Carlos Gomes, publicados na Gazeta da Tarde</i> . Rio de Janeiro: Typ. Primeiro de Janeiro, 1880.
FRANÇA JUNIOR, Joaquim José da. <i>Folhetins</i> . Rio de Janeiro: Typ. Da Gazeta, 1878. (BN: B869.8 / F814.9f). 231 p.

Tabela 4: Catálogo Dicionário por assunto

Todos os três autores produziram e deixaram uma contribuição significativa para a compreensão daquilo que se entende como *folhetim*. José Gonçalves da Cruz Viva (1804-1891) em Lisboa com seus artigos do periódico *Campeão das Províncias* entre 1876 e 1877. Oscar Guanabarino (1851-1937) publicou entre 1879 e 1937, sob o rótulo de *folhetim* nos jornais *O Paiz* e *Jornal do Commercio*, extensa crítica de arte.

Mas foi a produção folhetinesca de Joaquim José da França Junior (1838-1890) que nos chamou a atenção. Além de ser reconhecido, em seu tempo, como erudito, teve uma intensa produção nos periódicos cariocas, abordando temas relacionados à sociedade fluminense dos oitocentos.

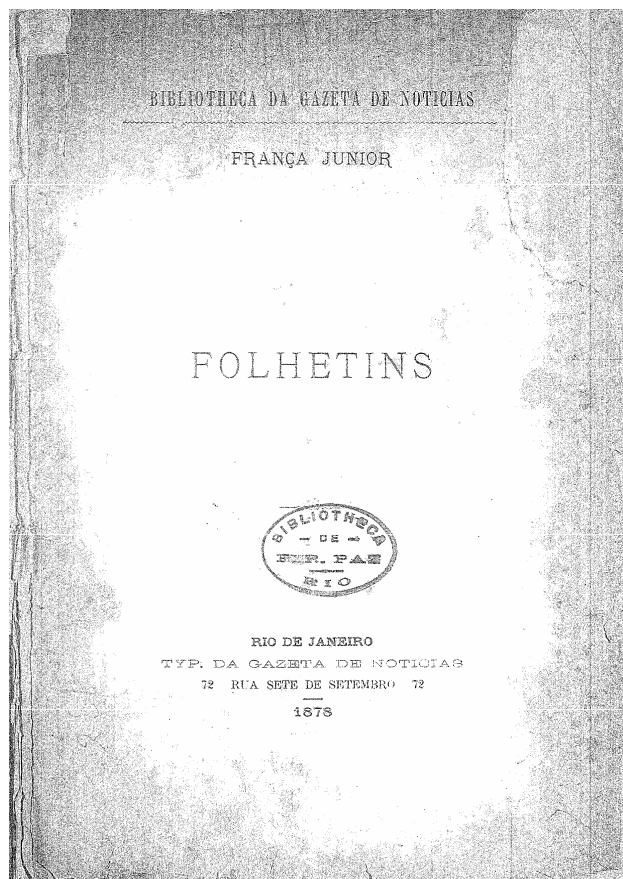


Figura 2: Capa de Folhetins (1878)

Consultamos também o acervo da Biblioteca Lúcio de Mendonça da Academia Brasileira de Letras da qual França Junior é o patrono da cadeira n.º 12. Dessa consulta, identificamos duas edições póstumas de Folhetins, como descrito na referência abaixo:

BIBLIOTECA LÚCIO DE MENDONÇA (ABL)
FRANÇA JÚNIOR, Joaquim José da. <i>Folhetins</i> . 2 ed. Aum. Rio de Janeiro: J. R. Santos, 1894. – (ABL: CA12-00/F881)
_____. <i>Folhetins</i> . 4 ed. Aum. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1926. Cod. 2959

Tabela 5: Levantamento na ABL

Há nesse acervo três exemplares da edição de 1894 e um exemplar da edição de 1926. Na ficha da primeira referência, o texto é descrito como *crônica literária* (discussão retomada no próximo capítulo). Paralelo a nossa primeira tarefa, continuamos com o levantamento da bibliografia de

França Junior, verificando a fortuna crítica do autor e se há manuscritos. A respeito disso, já sabemos que na Academia Brasileira de Letras, há alguns documentos do autor no Arquivo Geral dos Imortais. Os documentos são: um documento sem data, uma fotografia e alguns recortes. Nada muito significativo que possa de fato compor nosso material de pesquisa.

Ao analisar as edições de *Folhetins*, verificamos que a edição de 1926 é a “4ª edição”, percebemos que, em algum momento entre as datas da segunda e quarta edições, logicamente foi publicada a terceira edição. O que nos fez retornar aos catálogos dicionário da Biblioteca Nacional. Desta vez, pesquisamos a partir do autor e identificamos não só a 3ª edição de *Folhetins*, mas também outros livros que compõem sua fortuna crítica, como podemos observar a seguir:

CATÁLOGO DICIONÁRIO DA BIBLIOTECA NACIONAL – RJ AUTOR
FRANÇA JUNIOR, Joaquim José da. <i>Folhetins</i> . Rio de Janeiro: Typ. Da Gazeta, 1878. (BN: B869.8 / F814.9f)
_____. <i>Folhetins</i> . 2 ed. Corr. e Augm. Rio de Janeiro: Liv. De J. R. Santos, 1894. (BN: IV-332,5,9)
_____. <i>Folhetins</i> . [3 ed.] Publicados na Gazeta de Noticias. Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos, 1915. (BN: B869.8 / F814.5f)
_____. <i>Folhetins</i> . 4 ed. Augmentada com os folhetins publicados nos jornaes “O Globo Ilustrado”, “O Paiz” e o “Correio Mercantil”. Pref. e coordenação de Alfredo Mariano de Oliveira... Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos, 1926. (BN: B869.8 / F814.9f)
_____. <i>Política e Costumes, folhetins esquecidos (1867-1868)</i> . Organização, Introd. e notas de Raimundo Magalhães Junior... Edição Ilus. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1957. (BN: II-265,3,1)
_____. <i>Relatório de sobre a pintura e estatuaría apresentado ao Exmo Sr. Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior</i> . Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1874. (BN: II-199,4,16)
_____. Teatro de França Junior. Texto estabelecido e introd. por Edwaldo Cafezeiro... Rio de Janeiro: SNT, FUNARTE, 1980. (BN: VI-389,2,36-37) ¹⁸

Tabela 6: Catálogo Dicionário por autor

¹⁸ Colaboradores: Sábado Magaldi, Daniel Rocha, Aluísio Azevedo, Lúcia Benedetti, Raimundo Magalhães Jr. Biblioteca Mário de Andrade, Biblioteca Nacional, Museu Lasar Segall (SP), Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e Academia Brasileira de Letras.

Da fortuna crítica, identificamos quatro testemunhos do livro Folhetins (1878 / 1894 / 1915 / 1926), uma edição de folhetins antigos (1867-1868), publicada em 1957, uma edição de um relatório sobre pintura, publicada em 1874, e seu conjunto de peças de teatro, estabelecidas por Edwaldo Cafezeiro (1980).

Em algumas referências é indicado que os textos foram corrigidos e aumentados, como é o caso do testemunho de 1894. Observa-se também que o autor foi colaborador em outros jornais. Por isso, também levantamos os periódicos em que França Junior colaborou:

JORNAIS OITOCENTISTAS EM QUE FRANÇA JUNIOR COLABOROU
O PAIZ – 1884-1934 – PR-SPR00006[1-165] ou F1,3,11
O GLOBO ILUSTRADO – 18 DEZ 1881- 24 SET 1882 – PR-SOR 03508
CORREIO MERCANTIL – 2 JAN 1848 – 15 NOV 1868 – PR-SPR 00001[1-53]
GAZETA DE NOTICIAS – PRc SPR 61 (5) / C2, 4, 15
BAZAR VOLANTE – 27 SET 1863-SET 1864 / OUT 1865-30 DEZ 1866 – PR-SOR 02148
CORREIO DO POVO – 01 OUT 1889-31 MAR 1890 – PR-SOR 01824
DIARIO OFFICIAL
JORNAL DO BRASIL

Tabela 7: Periódicos em que França Junior Colaborou

Embora apareça antes que os testemunhos são aumentados, apenas no testemunho de 1926 aparecem folhetins de outros periódicos. Em *Folhetins* (1926), há 13 diferentes títulos acrescentados à coleção:

As Sogras
 O Casino de Petropolis
 Scenas de interior
 As nossas [ilegível]inhas
 Na roça
 Idealismo
 Um baile á fantasia
 Boas e más estrellas
 Omphalia
 Um novo Paturot
 A proposito de loucos
 A ambição do homem
 Em viagem

Enquanto o periódico *O Globo Ilustrado* publicou, sob o título *Notas de um vadio*¹⁹, folhetins apresentados em número romano (I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII) o periódico *O Paiz*, sob o título *Echos Fluminenses*²⁰, publicou uma série de folhetins organizados em número romanos e subtítulo:

- I-II – De Petropolis
- III – A proposito de artes
- IV – VI – De Petropolis
- VII – Episodio de entrudo
- VIII – A Unidade da estupidez
- IX – Uma Carta
- X – De Petropolis
- XI – Petropolis em Festa
- XII – De Petropolis
- XIII – A nossa riqueza
- XIV – XV – De Petropolis
- XVI – [sem título]
- XVII – Caron e Vasques
- XVIII – A' janella
- XIX – Historia real
- XX – Reclamação justa
- XXI – Das dez ás cinco
- XXII – A viola
- XXIII – As nossas tradições
- XXIV – Atribuições de um amator
- XXV – A proposito de musica
- XXVI – Entre o Beef e o Café
- XXVII – Os velhos
- XXVIII – Concertos classicos
- XXIX – Os especialistas
- XXX – O dentista Langerock
- XXXI – A porta do Sr. Pantaleão
- XXXII – As torrinhas do lyrico
- XXXIII – XXXIV – Outr' ora e Hoje
- XXXV – O Salão Haritoff
- XXXVI – Os Medicos
- XXXVII – De Botafogo á cidade
- XXXVIII – Botafogo e as regatas

¹⁹ O Globo Ilustrado, 12/1881-09/1882, localização – Pr-SOR 03492-03510 (1-228,03,17)

²⁰ O PAIZ, 10/1884-11/1934, Localização – Pr-SPR 00006 [1-165] (4-377,03,01).

XXXIX – A causa do mal
XL – Penteados
XLI – Os Santos
XLII – Rodolpho Bernardelli
XLIII – A luz d’outr’ora
XLIV – A civilização
XLV – Incendios
XLVI – O futuro da mulher
XLVII – O Dr. Rodrigues dos Santos
XLVIII – O futuro da mulher
XLIX – Infelizmente
L – Penteada por cabellereiro
LI – Férias
LII – O Perú e o leitão
LIII – A Roça
LIV – Nós
LV – Outr’ora e Hoje
LVI – Em Petropolis
LVII – O ridiculo
LVIII – O desenho
LIX – O habito
LX – Cacoetes
LXI – Pintura
LXII – Parece estrangeiro !
LXIII – A proposito de uma carta
LXIV – Dois partidos
LXV – A tanto por linha
LXVI – O paizagista Parreiras
LXVII – Onde está a felicidade
LXVIII – Virtudes e defeitos
LXIX – Resáca

Além de sua produção impressa, investigamos sobre a existência de textos manuscritos. Consultamos a Biblioteca Mario de Andrade em São Paulo, as bibliotecas de documentação oficial do município de Salvador e do estado da Bahia, localizadas em Salvador, porém não encontramos documentos escritos por França Junior. Apenas encontramos dois documentos na Biblioteca Nacional escritos pelo folhetinista:

MANUSCRITO DE FRANÇA JUNIOR NA FBN

FRANÇA JUNIOR, Joaquim José da. *Requerimento a Domingos Jacy Monteiro, solicitando licença para a representação da comédia em 1 ato: Ingleses na Costa*. Rio de Janeiro, 22/09/1863. **(I-08,25,043)**.

MONTEIRO, Domingos Jacy. *Designação para José Pedro Xavier Pinheiro examinar a comédia: Os ingleses na costa, de Joaquim José da França Junior*. Rio de Janeiro, 22/09/1863. **(I-08,21,065)** – 4 páginas.

Tabela 8: Manuscritos de França Junior

Os documentos são, respectivamente, o requerimento de França Junior para a representação de uma comédia e a designação e o parecer a respeito da peça. Em relação ao teatro, o autor escreveu, desde 1861 até perto de sua morte em 1890, comédias de costumes. Cafezeiro (1980) foi o responsável em organizar e estabelecer suas peças teatrais. A propósito, difícil expediente filológico, uma vez que os testemunhos estavam dispersos e alguns quase perdidos. Veja os títulos das peças:

Comédias de Costume de França Junior		
Títulos	Período	Situação da edição
Meia hora de cinismo	1862	ESTABELECIDA
Ingleses na costa	1889	
Amor com amor se paga	1870	
O defeito de família	1870	
O tipo brasileiro	1882	
Maldita parentela	(S/D)	
Entrei para o Clube Jácome	1887	
Dois proveitos em um saco	1883	
A lotação dos bondes	(S/D)	
Tipos da atualidade	1862	
Direito por linhas tortas	1870	
Como se fazia um deputado	1882	
Caiu o ministério!	1882	
As doutoras	1889	

Tabela 9: Peças Teatrais de França Junior

A edição de Cafezeiro (1980) não seleciona a peça *A República modelo* (1861). Como o pesquisador aponta mais adiante, o texto não foi encontrado, assim como *Em Petrópolis*, *O Beijo de Judas*, *Três Candidatos*, *Trunfo às avessas*, *Um Carnaval no Rio de Janeiro*, *Bendito*

Chapéu, Portugueses às direitas, Os Candidatos e De Petrópolis a Paris. Na apresentação de Orlando Miranda de Carvalho, afirma-se que “resta-nos a esperança de que, mais tarde, possamos publicar outro volume que contenha os textos não encontrados até agora”.

Nota-se que muitas cenas que figuram suas comédias também habitam os folhetins. É o caso, por exemplo, da peça *Meia hora de cinismo* (1862), comédia que tem como cenário uma república de estudantes em São Paulo, em que os personagens tentam livrar-se de um cobrador de dívidas. O mesmo assunto é retomado no folhetim *A Republica* (1878). No folhetim, há um grupo de jovens estudantes em São Paulo, vivendo de forma cômica e, dentre as aventuras, o confronto inevitável com um cobrador de dívidas.

A seguir, passamos a procurar trabalhos sobre França Junior, além do trabalho já apresentado de Cafezeiro (1980). Encontramos as dissertações de Freitas (2005), Borges (1991) e Bento Filho (1997) e a tese de Faria (1990):

TESES PUBLICADAS SOBRE FRANÇA JUNIOR

FREITAS, Eduardo Luiz Viveiros de. Folhetins e Máscaras. PUC, 2005. (Mestrado em Ciências Sociais)

BORGES, Luiz Eduardo Ramos. Comigo em França Junior: Uma análise a partir do modelo Bergonosiano. USP, 1991. (Mestrado em Artes)

BENTO FILHO, Egídio. O Riso na Comédia brasileira no séc. XIX. PUC-Rio, 1997. (Mestrado em Letras)

FARIA, João Roberto Gomes de. O Teatro realista no Brasil: 1855-1865. USP, 1990. (Doutorado em Literatura Brasileira)

Tabela 10: Dissertações e tese sobre França Junior

Freitas (2005) reflete, na perspectiva das Ciências Sociais, as dimensões da sociedade carioca da segunda metade do século XIX. A história contraditória da nascente burguesia do império é contada no palco e nos folhetins. A caricatura critica o comportamento de uma sociedade aquém da modernidade européia.

Borges (1991), pesquisador da área de Artes, estuda a produção de comicidade nas peças de teatro, relacionando tais comédias, inseridas na vida nacional à discussão teórica criada por Bergson sobre o riso. Na mesma linha de pesquisa Bento Filho (1997), em seu mestrado em Letras, discute a comicidade de França Junior e outros autores brasileiros, como Arthur Azevedo e Martins Pena, relacionando com a visão teórica de Propp, Freud e Bergson.

Faria (1997), não objetiva, em sua tese em Literatura Brasileira, de forma central, a reflexão das peças de França Junior. Sua intenção é analisar o impacto da implementação do teatro realista em meados do século XIX e, dentre os autores que escreveram a história do teatro oitocentista brasileira, está França Junior.

Outras referências sobre a contribuição dramática de França Junior foram acessadas. Além disso, fornecem importantes informações biográficas do autor:

OUTRAS REFERÊNCIAS

LIMA, Israel Sousa. *Biobibliografia dos Patronos: Fagundes Varela e França Junior*. ABL: 2003.

PRADO, Décio de Almeida. *A Evolução da Literatura Dramática in: A Literatura no Brasil* (org. Afrânio Coutinho), Vol. II. Rio de Janeiro: Ed. Sul-Americana, 1955.

SOUSA, J. Galante de. *O Teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do Teatro Brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC/SNT/FUNARTE, s/d.

CAFEZEIRO, Edwaldo & GADELHA, Carmem. *Teatro de França Junior*. 1980.

COUTINHO, Afrânio (dir.) & SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. São Paulo: Global, 2001.

Tabela 11: Textos sobre França Junior

1.4 – Biografia de França Junior

Joaquim José da França Junior nasceu no Rio de Janeiro (18/03/1838) e faleceu em Poços de Calda – MG (27/09/1890). Além de patrono da cadeira nº 12 da Academia Brasileira de Letras, exerceu funções públicas. Foi promotor público e curador da vara de órfãos no Rio de Janeiro e secretário do governo da província da Bahia. Colaborou nos jornais *Bazar Volante* (1863-67), *Gazeta de Noticias* (1877-1878), *O Globo Ilustrado*, *Correio Mercantil* (1867) e *O País*. É mais conhecido como autor de peças de teatro²¹, vide os trabalhos acadêmicos, em sua maioria discutindo a contribuição para o teatro brasileiro.

Cafezeiro (1980)²² reúne informações biográficas fornecidas de personagens que conviveram com o França Junior: Aluísio Azevedo e Arthur Azevedo. Embora as mais importantes fontes apontem para a data de nascimento 13/03/1838 e local Rio de Janeiro, como já apresentados, outras fontes levaram a Arthur Azevedo à data de nascimento 19 de abril de 1838, na Bahia. França Junior teria frequentado o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, onde se formou em Bacharel em Letras. A seguir, partiu para São Paulo, onde se formou em Direito. Foi em São Paulo que iniciou sua carreira como colaborador dos jornais. Escreveu em periódicos acadêmicos paulistas. Foi redator do *Bazar Volante* (1863-1867) e colaborador no *Correio Mercantil*. De estilo humorado, sempre teve interesse pelo teatro. Publicou em 1861 suas primeiras peças *Meia hora de cinismo* e *Republica modelo* (1861).

França Junior, em 1873 foi membro da comissão que representou o Brasil na exposição universal em Viena d’Austria. Seu relatório foi impresso em 1874 no Diário Oficial. Depois publicado em folheto. Nesse período da viagem, animou-se pela pintura paisagística do alemão Grimm.

Como diz Arthur Azevedo, era um “observador incomparável dos nossos costumes”:

²¹ CAFEZEIRO, Edwaldo (1980)

²² FRANÇA JUNIOR, Joaquim José da. *Teatro de França Junior*. Texto estabelecido e introd. por Edwaldo Cafezeiro... Rio de Janeiro: SNT, FUNARTE, 1980. (BN: VI-389,2,36-37)

Abandonando quase completamente as letras dramáticas, o simpático escritor começou, em 1876, a dar aos jornais o material que tinha acumulado no cérebro para o teatro (CAFEZEIRO, 1980)

Na verdade, bem antes disso já colaborava para os jornais, como vimos anteriormente. Arthur Azevedo nos oferece o percurso feito pelos textos de França Junior nos jornais. Os folhetins publicados fizeram sucesso na *Gazeta de Noticias*, depois reproduzidos pelo *Jornal do Brasil*. Da Europa, mandou artigos (1878) para *Gazeta de Noticias* quando foi visitar a exposição em Paris. No *Globo* escreveu uma série de folhetins intitulados *Ecos da Cidade*. Em *O Paiz*, colaborou até morrer com *Ecos Fluminenses*.

Embora tenha sido casado com D. Clotilde de França, não teve filhos. Morreu em Poços de Caldas, mas teve, anos depois, seu corpo trasladado para o Rio de Janeiro por sua esposa.

1.5 – Gazeta de Noticias

Convém relembrar que o levantamento bibliográfico de França Junior é consequência da busca anterior, por autores brasileiros de folhetins publicados em jornais. Se reunimos até aqui sua fortuna crítica, foi com a intenção de demonstrar a importância do autor no cenário à cultura impressa do século XIX.

Cabe também recordar que a busca pelos catálogos de livro foi um caminho adotado para encontrar autores de folhetins publicados em jornais. Trata-se de um caminho paralelo para obter esse resultado. Com o resultado positivo, um livro publicado com os folhetins de França Junior, partimos para o testemunho mais antigo. Procuramos, portanto, localizar na *Gazeta de Noticias* os folhetins que foram reunidos em livro, como, por exemplo, *A Rua do Ouvidor*:

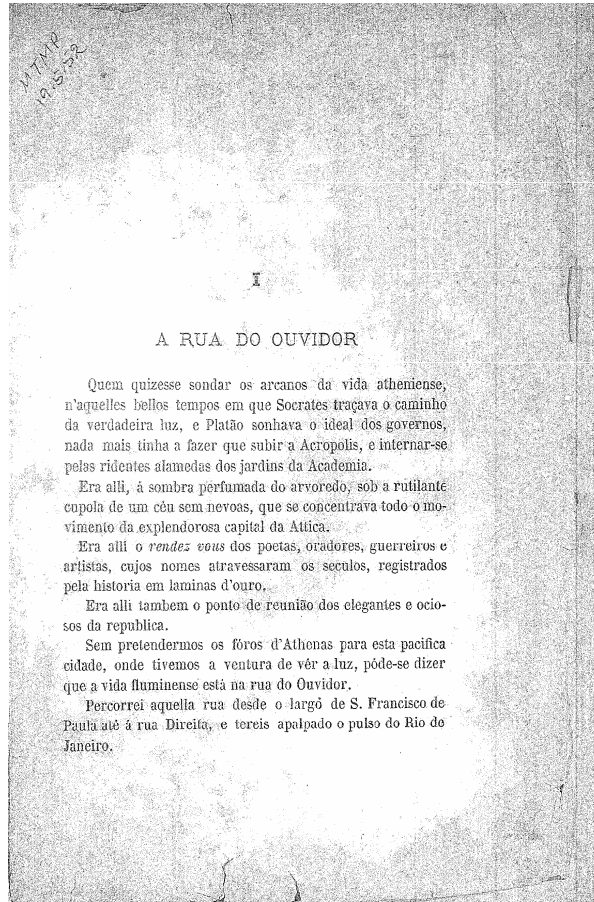


Figura 3: Folhetim A Rua do Ouvidor

A *Gazeta de Noticias* não chega a ser a fonte “primária”, mas é a fonte mais antiga localizada desses folhetins. Não encontramos manuscritos, sequer outra edição anterior. Como elaboramos uma edição crítica, na ausência do original, usamos aquele considerado o mais antigo e que serviu de base para as outras edições.

Como já comentamos, a edição em livro reúne folhetins de França Junior publicados na *Gazeta de Noticias* entre 1877 e 1878. No livro, os textos estão organizados por Alfredo Mariano de Oliveira da seguinte maneira:

Folhetim	Qtd. de páginas
A Rua do Ouvidor	7
Massantes	10
Bailes	9
Jantares	8
Visitas	8
Mudanças	7

Enterros	8
O Namoro	9
Crianças	9
Pretendentes	9
Encommendas	8
Vizinhos	9
Feijoadas	12
Luminarias	8
Bonds	10
A Missa do Gallo	11
A Republica	11
Casamentos	13
Organizações Ministeriaes	8
Friburgo e Petropolis	10
O Cantor de Serenatas	5
Dilettanti	3
Os Recitativos	6

Tabela 12: Organização dos folhetins em livro

O periódico *Gazeta de Noticias* estava em seu terceiro ano de vida, quando começou a receber a colaboração de França Junior. Seu escritório ficava numa rua central do Rio de Janeiro da época, a rua do Ouvidor, n. 70. Fora inaugurada por Manuel Carneiro²³ (1º editor) e Elycio Mendes e Ferreira de Araujo (2º redator). O período de publicação desse jornal foi de 02 de agosto de 1875 a setembro de 1901.

Sua tiragem, em 1877, era de 16 mil exemplares e custava 40 rs. No ano seguinte, ampliou a tiragem para 17 mil e, ainda em janeiro, 18 mil exemplares. A *Gazeta de Noticias* era um jornal de publicação diária, dirigido ao público geral. Além da seção *Folhetins*, localizada no rodapé da primeira página, havia outras seções, como: *Transcrição*, *Almanak*, *Avisos*, *Tribunaes*, *Publicações a pedido*, *Parte Comercial*, *Editaes*, *Declarações*, *Avisos Maritimos*, *Annuncios*. Nessa última seção, por exemplo, dentre os diversos anúncios, também eram oferecidos, como livros, alguns textos já publicados anteriormente como

²³ Tem publicado um texto: CARNEIRO, Manoel. *Avicultura pratica*. Rio de Janeiro: Typ. Do Jornal do Commercio, 1923. (Obra póstuma)

folhetins. Era o caso de A Indias Negras por Julio Verne e O Ventriloco por Xavier Montepin. Custavam 1\$000 e 1\$500, respectivamente.

Era comum a publicação de uma crônica folhetinesca na primeira página e a publicação de um romance-folhetim na segunda página, traduzida e já consagrada pelo público europeu. Assim aconteceu, por exemplo, com A Firma Social (A. Daudet), setembro de 1977.

Além de França Junior, havia outros folhetinistas colaborando para este periódico:

Gazeta de Notícias		
FOLHETIM	Autores estrangeiros	2ª página
FOLHETIM DA GAZETA DE NOTÍCIAS	Autores brasileiros	1ª página
Cronistas da Gazeta (1877-1878)	Título do folhetim	
Tralgadabas	Ao Caso	
Nemo	Conversemos	
Prouhdome	Semana Parlamentar	
Luiza B.	A terça-feira	
Varuna	Digressões científicas	
S. Saraiva	Revista Dramática	
Luiz Guimarães Junior		
Oscar D'alva	Cartas Romanas	
A. Cardoso de Menezes	Typos do Foro	
França Junior		

Tabela 13: Colaboradores da Gazeta de Notícias

A atividade de se produzir textos com características de crônicas não era exceção, não era exclusiva, tão pouco versava apenas sobre um assunto. Os autores se revezavam durante a semana na seção *Folhetim da Gazeta de Notícias*. França Junior publicava seus textos às quartas-feiras.

1.6 – Estabelecimento do testemunho-base

Após o levantamento de todos os textos publicados por França Junior, coube-nos a tarefa de escolher aqueles que fariam parte dessa edição crítica. Como nosso interesse é editar folhetins, todos os outros textos foram usados apenas para fornecer informações a respeito do contexto de produção em que o autor se encontrava; não para compor a nossa edição.

A decisão seguinte diz respeito ao grupo de folhetins que fariam parte do nosso trabalho: editaríamos os primeiros folhetins só publicados em livro em 1957? Ou a edição de 1926, com folhetins publicados em vários jornais? Enfim, qual seria nosso critério? Nosso critério foi de editar um material que tivesse várias edições com a mesma base de textos, o que nos levou aos folhetins da *Gazeta*.

Sobre essa tradição de textos, sabemos da inexistência de manuscritos originais (O); contudo, temos os impressos em jornais (A), os impressos em livro de 1878 (B), 1894 (C), 1915 (D) e 1926 (E). Além disso, há uma coletânea, não localizada, realizada ainda em 1877, com os sete primeiros folhetins (β), como podemos observar na transcrição abaixo:

|| FOLHETINS | DO | DR. FRANÇA JÚNIOR | ESTÃO
PUBLICADAS | AS QUATRO PRIMEIRAS FOLHAS | CONTENDO
| A RUA DO OUVIDOR | OS MASSANTES | Os Bailes, Jantares,
Visitas, | Mudanças | E | ENTERROS || Acham-se á venda no esri-
ptorio d’este jornal e nas casas | dos Srs. Castellões, Farani, José |
Vicente de Souza, Albernaz | & Fronteiro, confeitaria do Lar- | go de S.
Francisco de Paula, | Café Amorim, e Guimarães e Ir- | mão, á rua do
Ouvidor. || PREÇO DE CADA FOLHA 200 RS.

Optamos em editar os textos do jornal que tiveram uma edição imediata em livro, com o autor ainda vivo; portanto, os folhetins da *Gazeta de Noticias*. Cotejamos a edição A, restabelecida por nós, a partir dos jornais, com a edição B, primeira edição em livro e com autor ainda em vida; e com a edição C, segunda edição em livro, com indicação na capa de que foi corrigida e aumentada.

Sabemos que houve uma edição O, que provavelmente serviu de base para a edição A. A nossa dúvida é saber se todas as demais edições estudadas (B e C) tomaram como base a edição O, ou tomaram como base a edição que a antecedeu. A nossa hipótese é que cada edição foi elaborada a partir do cotejo da edição A e à luz de uma atualização gráfica.

O passo seguinte foi estabelecer quais folhetins seriam editados. Optamos pelos folhetins publicados nos periódicos e que também formaram a primeira edição em livro (B). Assim garantiríamos a comparação de variantes nesses diferentes testemunhos.

O *corpus* dessa edição é formado por 23 folhetins. No entanto, surgiu um problema. Um dos folhetins não foi encontrado. Provavelmente o folhetim foi publicado em fevereiro de 1878, lacuna de um periódico que existe no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Como as lacunas serão preenchidas com o cotejo a edição de 1878, transcrevemos dessa edição o folhetim, preenchendo a lacuna deixada pelo jornal.

A primeira coisa que fizemos foi comparar a ordem dos textos em livro e a ordem de publicação em jornal, os títulos dos folhetins nesses dois veículos. Desse levantamento construímos a tabela que segue:

Título da Edição A	Data de publicação	Ordem do testemunho B
Rio 22 de Agosto ²⁴	15/08/1877	2
O Rio de Janeiro e A Rua do Ouvidor ²⁵	22/08/1877	1
Bailes	29/08/1877	3
Jantares	05/09/1877	4
Enterros	12/09/1877	7
O Namoro	19/09/1877	8
Visitas	26/09/1877	5

²⁴ Na edição B, tem como título *Massantes*. A data e o dia não chegam a configurar o título desse folhetim. Diferente dos demais títulos, essas indicações aparecem do lado direito da coluna.

²⁵ Na edição B, como título *A Rua do Ouvidor*.

Luminarias	03/10/1877	14
Mudanças	10/10/1877	6
Pretendentes	17/10/1877	10
Crianças	24/10/1877	9
Encomendas	31/10/1877	11
Bonds	07/11/1877	15
Vizinhos	14/11/1877	12
Casamentos	21/11/1877	18
Feijoadas	28/11/1877	13
Friburgo e Petropolis	03/01/1878	20
A Missa do gallo	09/01/1878	16
Organizações Ministeriaes	16/01/1878	19
A Republica	23/01/1878	17
O Cantor de Serenatas	30/01/1878	21
Os Recitativos	06/02/1878	23
Dilettanti	Não localizado	22

Tabela 14: Ordem de publicação dos folhetins no jornal

A primeira coluna traz os títulos dos folhetins publicados na *Gazeta de Noticias*. Na segunda coluna, a data em que foram publicados no jornal. Já na terceira coluna, a numeração indica a ordem em que foram publicados em Folhetins (1878). Os textos em sua maioria eram publicados às quartas-feiras, de sete em sete dias. A ordem da publicação em livro não era exatamente cronológica, como podemos observar. Alguns textos publicados na *Gazeta de Noticias* não foram incluídos na primeira edição de Folhetins. Falta-nos saber se foram incluídos nas três edições posteriores.

A tabela seguinte indica os folhetins que também foram publicados na *Gazeta* até dezembro de 1879 e não compuseram a edição em livro:

Título	Data de publicação
[<i>como se ganha o habito da Rosa</i>]	13/02/1878 ²⁶
Festas	27/02/1878
[corroído] ²⁷	04/03/1878
Carnaval	06 e 07/03/1878
Rapazes	13/03/1878
Maridos e Mulheres	20/03/1878
A Bordo	03/04/1878
A Bahia	08/05/1878
Lisboa e o Larareto	15/05/1878
O Dia 1 de Maio	25/05/1878
Um domingo na Ilha Grande	29/05/1878
Pariz e a Exposição	12/06/1878
Pariz, 8 de junho de 1878	03/07/1878
Sem título ²⁸	18/07/1878
Pariz, [] de julho de 1878 ²⁹	31/07/1878
Pariz, 12 de julho de 1878	18/08/1878 ³⁰
Pariz, 25 de julho de 1878	04/09/1878
Pariz, 5 de agosto de 1878	11/09/1878
Pariz, 29 de agosto de 1878	17/10/1878 ³¹
Echos de Petropolis Petropolis 3 de março de 1879	09/03/1879 ³²

Tabela 15: Títulos de folhetins inéditos em livro

Após a apresentação do percurso de localização, levantamento da fortuna crítica e escolha de testemunho para fundamentar a edição, torna-se necessário adotar um tipo de edição, a fim de estabelecer de forma coerente os textos de França Junior.

²⁶ Difícil leitura

²⁷ O subtítulo é Conto Carnavalesco

²⁸ Primeira frase: *Festas!*

²⁹ Primeira frase: *Até que afinal partiu !*

³⁰ Domingo

³¹ Quinta-feira

³² Domingo

1.7 – Escolha do tipo de edição

Segundo Cambraia (2005, p. 87), a escolha de um tipo de edição obedece a certas categorias pertencentes ao texto editado. Uma das categorias é o material, ou seja, a dimensão do livro, ou a qualidade do suporte, se é um material de luxo ou popular. Outra categoria diz respeito ao registro, se é impresso ou digital. Uma categoria importante é a que diz respeito à publicação, se é *princeps* (primeira publicação), limitada (número de exemplares menor do que o habitual), extra (uma publicação extraordinária) ou comemorativa (publicação que celebra alguma data importante). Ou ainda, a permissão do texto, se é autorizada ou clandestina. Deve-se levar em consideração a categoria que destaca a integralidade do texto, se é integral ou abreviada; bem como a categoria da reelaboração do texto, que pode ser revista (revisada), atualizada (substituição de dados ultrapassados), ampliada (acrescentaram novas partes) e modernizada (modernização da forma linguística de acordo com o público a que se destina a edição).

Os folhetins de França Junior que compõem o testemunho A tem como suporte o jornal. Por ser de circulação diária, destinado ao grande público e preço inferior ao livro, o papel utilizado para impressão era de baixa qualidade. Há um composto ácido que, com a ação do tempo, agiliza a deteriorização. É comum não conseguirmos ler as extremidades dos jornais, pois esfarelam muito. O registro do testemunho *princeps* é impresso e autorizada pelo autor, que era colaborador do veículo no qual foi publicado. A edição é integral. Os outros testemunhos com as quais comparamos (B e C) são revistos e modernizados. Embora haja na capa do testemunho C que o texto foi aumentado, a comparação com os demais demonstrou que nenhum outro texto foi acrescentado à coletânea.

Da observação dessas categorias, fundamenta-se a escolha por um tipo de edição. Como apresenta Cambraia (2005, p. 91), as edições podem ser monotestemunhais ou

politestemunhais. A primeira quando só há um testemunho do texto. A segunda quando a edição baseia-se em mais de um testemunho.

As edições monotestemunhais dividem-se de acordo com o grau de intervenção do editor. Cambraia apresenta quatro tipos: fac-similar, diplomática, paleográfica e interpretativa.

A edição fac-similar é uma reprodução através de algum meio mecânico (fotografia, escanerização etc.). Os testemunhos B e C foram digitalizados. Pretendemos posteriormente restabelecer ao público esses testemunhos através de uma edição fac-similar.

A edição diplomática procura a transcrição conservadora de todos os elementos presentes no texto. Portanto, mantêm-se sinais abreviativos, pontuação, paragrafação etc. Embora haja o rigor na conservação dos elementos originais, já constitui o primeiro grau de subjetividade, pois já conta com a interpretação que o especialista faz do modelo. Esse tipo de edição serve para trabalhos como este que estamos desenvolvendo que investiga a ortografia dos textos oitocentistas:

A disponibilização de dados para o estudo de história da língua, especialmente dos sistemas gráficos de representação linguística (CAMBRAIA, 2005, p. 95)

A edição paleográfica, também conhecida como diplomático-interpretativa, procura reproduzir o modelo com fidelidade, mas em um grau um pouco menor de intervenção, ao tentar decodificar algumas informações para o leitor, como inserção ou supressão de elementos por conjectura, ou ainda o desenvolvimento de abreviaturas. Segundo Cambraia, “este tipo de edição tem sido particularmente adotado na edição de documentos para o estudo da história da língua portuguesa” (CAMBRAIA, 2005, p. 96).

A edição interpretativa, além de desenvolver abreviaturas e acrescentar conjecturas sobre as lacunas existentes, realiza a uniformização gráfica. Cafezeiro (1980) realizou esse tipo de edição com as peças teatrais de França Junior, mas teve o cuidado de indicar todas as intervenções no texto.

Há dois tipos de edições politestemunhais: crítica e genética. A crítica, segundo Cambraia, caracteriza-se pelo “confronto de mais de um testemunho [...] com o objetivo de reconstituir a última que seu autor lhe havia dado.” (CAMBRAIA, 2005, p. 104). Já a edição genética procura confrontar testemunhos, dentre eles o original autógrafo.

Quando iniciamos a transcrição dos folhetins, tomando como base o testemunho A, seguimos a conduta de uma edição paleográfica. Optamos passar da edição diplomático-interpretativa para uma edição com o aparato crítico-textual porque, para além dos objetivos propedêuticos de construção de *corpora*, no âmbito do Projeto PHPB, confiáveis quanto à forma, reconhecemos ser necessário aos futuros *pesquisadores-usuários* de nossos materiais editados, ter acesso a comentários que lhes ajudem a compreender valores contextuais de certos usos pretéritos ou mesmo dimensionar certos dados modificados de um testemunho a outro. Esse foi o caso, por exemplo, de *fôra* que passou a *fóra* no testemunho livresco 16 anos depois da publicação em jornal. Informação importante para um potencial pesquisador que venha a recolher dados de abertura vocálica nos oitocentos.

Assim, construímos uma edição em que se tenha a preocupação não só de restituir a versão mais antiga, mas também informar aos pesquisadores com diferentes trabalhos as variantes linguísticas incluídas nas versões posteriores, do mesmo século e, no caso de uma delas, autorizada pelo autor.

Encerramos o este capítulo, apresentando a discussão sobre a construção de normas de transcrição, etapa fundamental para a construção de qualquer edição.

1.8 – Normas de transcrição consoantes ao PHPB

Como afirma Mattos e Silva (2002, p. 18), desde a origem do *Projeto Para uma História do Português Brasileiro* (PHPB), pesquisadores espalhados por todo Brasil, ligados pela investigação linguístico-histórica, preocupam-se com o *corpus* (ou os *corpora*) que serve

de fonte para os estudos diacrônicos. Sob três vertentes (corpus documental, estudos linguísticos e história social linguística do Brasil), encontraram-se em 1997 e constataram que, naquela altura, a primazia era a construção de uma fonte confiável que fornecesse bons dados. Para isso, tornava-se indispensável a integração de disciplinas, como linguística, filologia, história social, cultural, demográfica e econômica.

Mattos e Silva, avaliando os encontros, destaca que a constituição de *corpus*:

engloba o trabalho filológico, propriamente dito, ou seja, a edição de textos para uso em análise linguística e, por fim, deverá interrelacionar fatos sócio-históricos da história brasileira, como embasamento essenciais para a reconstrução da sócio-história linguística do português brasileiro” (MATTOS E SILVA, 2002, p. 18)

Já no segundo encontro, em 1998, a partir das questões levantadas por Heitor Megale a respeito do tipo de fonte, recorte histórico e, principalmente, transcrição de documentos, são oferecidos subsídios para a fixação de normas de transcrição de textos para estudos linguísticos. Colaboram com o instrumental da Crítica Textual César Nardelli Cambraia, Heitor Megale e Sílvio de Almeida Toledo Neto. Toledo Neto (2001, p. 547) afirma que as normas devem favorecer a uma transcrição rigorosa, em que os critérios estabelecidos sejam de tal forma adotados que não se permita a oscilação de leitura.

As normas para transcrição do PHPB são o resultado da discussão de experiências em trabalhos individuais que vinham sendo feitos até aquele momento. Como vem indicado (MATTOS E SILVA, 2001, p. 253), trata-se de normas de transcrição de “manuscritos”. No entanto, estamos editando um impresso, o que exige uma adaptação do elenco de normas às necessidades estabelecidas por esse material específico. A seguir será apresentada cada norma de transcrição do PHPB. O número da norma aparecerá entre parênteses.

Assumimos a mesma postura do PHPB ao editar o texto adotando “uma transcrição conservadora” (1). Como a edição volta-se para estudos linguísticos, é importante manter

cada realização do testemunho escolhido como *princeps*. Assim mantivemos realizações consideradas “erros tipográficos”, como, *qarteirão*, em que o editor omitiu uma vogal. Mantivemos estruturas sintáticas, como, *estou me tractando*, em que o pronome clítico não está ligado ao verbo auxiliar, como recomendam os compêndios gramaticais. Não atualizamos a grafia, como podemos ver nos vocábulos *veiu*, grafado com u no final, diferente da forma atual, da mesma forma que *cançada*, grafado com ç; e *chloroformisado*, realização espelhada na forma grega – *khlóros*. Os itens como esse último, em que observamos a etimologização da grafia, são quantificados neste trabalho a fim de verificarmos o quanto o redator aproxima ou se afasta dos modelos escritos da época.

Embora seja fácil a identificação, desenvolvemos as abreviaturas (2). Diferente dos manuscritos, os textos impressos nos jornais oitocentistas possuem um repertório limitado de abreviaturas e fáceis de identificar. São todos pronomes de tratamento, como, *E o Sr. Antonio sahe* e - *V. Exa. está cada vez mais bella*. Reconhecemos facilmente o pronome *Senhor* no primeiro exemplo e *Vossa Excelência*, no segundo exemplo. As abreviaturas são desenvolvidas em itálico, o que preserva a variante de cada testemunho, como, por exemplo, no testemunho A, temos *Senhor.* e *Vossa. Excelência.*

Além de não estabelecermos fronteiras de palavras escritas juntas, como em *emcima*, também não juntamos palavras que deveriam vir juntas, ou seja, “conservamos a fronteira vocabular do primeiro testemunho” (3), como casos a seguir:

de pressa

Sigamos a nossa **de rota**;

passou-me **se quer**

Os passageiros de **d’entro**

Neste último caso, por exemplo a junção por apóstrofe indica que são vocábulos diferentes, retomando sua formação do latim, de – preposição latina – intro – advérbio latino.

“A pontuação original foi mantida” (4). Mantivemos conforme o original, portanto, as escolhas de pontuação, mesmo que nos demais testemunhos tenha sido revista, como, por exemplo:

Testemunho **A**: Em política não se lhes póde accusar de - vira casaca - , porque opinam sempre,

Testemunho **B**: Em política não se lhes póde accusar de - vira casaca ; porque opinam sempre,

Testemunho **C**: Em política não se lhes póde accusar de - vira casaca ; - porque opinam sempre,

Em nossa edição, adotamos a pontuação do testemunho A, ou seja, travessão seguido de vírgula, diferente dos demais testemunhos, como podemos ver acima. Assim é possível estudar o sistema de pontuação desse primeiro testemunho e até comparar com os outros, identificando a mudança de sentido em função da pontuação.

“A acentuação original foi rigorosamente mantida” (5). Verificamos isso nos exemplos *alcôva*, *continua*, *flôr*; tivemos ainda o cuidado de preservar a sua ausência, como em *serie*. Mantivemos as hesitações, ou seja, mantivemos as variantes, como em *especie de chapeu* (sem acento) e *caixa do chapéu* (com acento). A conservação da acentuação pode revelar traços da pronúncia daquele período.

“Respeitamos o empregado de maiúscula e minúscula” (6), assim como o uso do itálico em algumas palavras. Um exemplo do emprego de maiúscula pode ser observado em *O Marido volta-se para um lado*, opção alterada no testemunho C. Outro caso interessante é da sentença *Figurem os leitores qualquer rua da cidade Nova* em que só o modificador aparece com letra maiúscula. Quanto ao uso de itálico, que procuramos respeitar do testemunho A, pode-se inclusive afirmar que tal testemunho é econômico em relação a esse recurso. Utiliza-se, sobretudo, para estilizar a fala do personagem como em “- *A bença , sinhá*”.

“Os eventuais erros por parte do editor foram remetidos em nota” (7), como em *Reúnde sob as janellas*, quando na verdade o autor queria dizer *Reúne*. Expresso em nota: “Reúnde por Reúne, provavelmente erro tipográfico”.

Não há inserções nas entrelinhas ou nas margens (8), nem supressões (9), ou seja, não há intervenções de terceiros (10). Por isso, não adotamos sinal para indicá-las, como recomendam as normas do PHPB.

Todas as intervenções por parte dessa edição foram indicadas entre colchetes (11). No entanto, são raros os casos, pois as lacunas decorrentes de ilegibilidade do testemunho A foram preenchidas com os demais testemunhos, a não ser que a forma ilegível fosse bem diferente da que aparece nos outros testemunhos, ou de elemento que, devido a alteração de suporte, não aparece nos demais testemunhos como em *o thurybulo perfumado*. O hífen usado para marcar a separação de sílaba devido a mudança de linha foi dedução do editor em comparação com os demais casos do texto e não aparece nos demais testemunhos, pois a disposição das palavras é outra.

Como as lacunas por ilegibilidade foram preenchidas através de outros testemunhos, não usamos sinalização no texto (12 e 13). Apenas indicamos em nota o motivo de inserção de trecho de outro testemunho.

Como trabalhamos com impresso, diferente das cartas em que é possível manter a disposição das linhas na transcrição, mudança de linha (14) é indicada por uma barra vertical, a mudança de parágrafo é indicada por duas barras e a mudança de coluna é indicada por colchete, dentro do colchete, [2ª COLUNA]. Temos um exemplo:

|| Ha uma época feliz na vida, em que a alma se expande.

Para evitar a sobrecarga de marcação no texto e pelo fato do texto já ser dividido em colunas, optamos em não inserir a numeração a cada cinco linhas (15), conforme recomenda o PHPB.

Como são textos impressos, não há rubricas (16), por isso não há qualquer sinal para indicar essa realização.

É importante ressaltar que as normas devem ser usadas (não há sentido em uma norma que não é empregada em algum momento da edição) e aplicadas a todos os casos, o que garante a coerência interna, como nos diz Cambraia (2005, p. 110). O que fizemos foi apontar os critérios escolhidos para o estabelecimento de uma edição crítica. Assim chegamos às seguintes normas:

- 1) Conservação da Grafia. Ex.: atheniense;
- 2) Desenvolvimento das abreviaturas. Ex.: *Senhor*. Bulhão | Pato;
- 3) Conservação das fronteiras vocabulares do original. Ex.: de pressa; emcima;
- 4) Manutenção da pontuação;
- 5) Manutenção dos acentos gráficos e diacrítico;
- 6) Conservação do emprego de maiúsculas, minúsculas e itálico;
- 7) Comentário de eventual erro do autor em nota;
- 8) Inserção por nossa dedução ou por comparação com demais testemunhos será indicada por meio de colchete - o thurybulo perfu[-] | mado e comentado em nota;
- 9) Divisão de linhas e de parágrafos será marcada por duas barras e uma barra, respectivamente- || Ha uma época feliz na vida, em que a | alma se expande;
- 10) A mudança de coluna será indicada entre colchetes [6ª COLUNA].

Além de adotarmos essas normas, dando à edição uma organização consistente e coerente, tomamos o cuidado de indicar em nota todas as variantes entre os testemunhos (A, B e C). Tais variantes foram agrupadas de acordo com o grau de alteração do texto.

1.9 – Aparato Crítico

O aparato crítico é a organização de instrumentos necessários para a realização de uma edição. Segundo Beclua (1983, p. 147), um aparato crítico é composto pelo conjunto de variantes e por notas introduzidas pelo editor para justificar determinada escolha. Para Spaggiari & Perugi (2004, p. 213), é “um sistema de notação destinado a registrar, mediante símbolos especiais usados na transcrição, a sucessão temporal das emendas (...)”. A existência de um aparato crítico se fundamenta na importância de facilitar a apresentação do texto editado:

un correcto aparato será aquel que permita al lector seguir esa relación sin mayores esfuerzos que los propios de este tipo de lectura, de por si penosísima. (BECLUA, 1983, p. 147)

Um bom aparato reúne, segundo o mesmo autor, inteligibilidade, coerência e exaustividade. Ou seja, o aparato deve facilitar a leitura, estar de acordo com as decisões preliminares de edição e poder ser passível de ser aplicável a todos os casos.

O aparato pode ser positivo ou negativo. É positivo quando apresenta as variantes de todos os testemunhos selecionados, isto é, do testemunho-base e dos testemunhos remanescentes. Já no aparato negativo, há apenas a apresentação da variante sem indicar a outra variante e o testemunho. Adotamos para os textos de França Junior um aparato positivo, pois julgamos que, desta maneira, tornaremos mais inteligíveis as informações levantadas no cotejo dos três testemunhos.

As notas desta edição crítica são iniciadas pela indicação do testemunho (A, B ou C), depois dos dois-pontos a variante do testemunho referendado e as demais variantes presentes em outros testemunhos, indicados da mesma forma que o primeiro testemunho. Tais testemunhos são separados pelo símbolo >, que indica passagem. Assim temos:

¹ A: só > B: sô > C: só

Essa nota indica que, no testemunho A, o item em questão “só” aparece com o acento agudo, marcando o timbre aberto da palavra, este item passa no testemunho B a ter o timbre fechado indicado pelo acento circunflexo. Provavelmente, percebendo o possível erro que a acentuação do testemunho B estabeleceu, o testemunho C passa novamente a ser indicado por um acento agudo.

Podemos encontrar combinações de variantes entre dois testemunhos. Isso é indicado da seguinte maneira:

¹ A/B: fôra > C: fóra

¹ A: Reffiro-me > B/C: Refiro-me

No primeiro caso, queremos dizer que os testemunhos A e B possuem a mesma variante, “fôra”. Já o testemunho C possui outra variante, “fora”. No segundo caso, a combinação é diferente. No testemunho A, temos uma variante, “Reffiro-me”. Há uma substituição dessa variante por outra no testemunho B, “Refiro-me”, que se repete no testemunho C.

Quando um trecho só aparece em um testemunho é indicado da seguinte maneira:

¹ O trecho a seguir é exclusivo do testemunho A: [com as respectivas photographias, tendo | á margem notas luminosissimas ácerca dos habitos, costumes, vestuario e generos de manias dos mesmos,]

O trecho é reproduzido entre colchete precedido da informação de qual testemunho é exclusivo. Outro caso que merece menção a respeito do aparato é de trechos corroídos no testemunho A. Nestes casos, é indicado, no texto, entre colchetes, que a expressão está corroída, [*corroído*], e, em nota, com base no testemunho B, é reproduzido o trecho corroído, como no exemplo:

¹ B/C: durante tres mezes ; dissolvem-se os clubs

Esgotamos aqui a discussão sobre a construção e a apresentação da edição crítica dos folhetins de França Junior. Procuramos demonstrar, ao longo do capítulo, o percurso metodológico, materializado nas decisões tomadas para a elaboração desta etapa decisiva do

trabalho, desde a seleção do material impresso a ser editado até a forma de apresentá-lo. Foi também nossa intenção fundamentar nossa escolha por uma edição crítica, desta forma garantiríamos o estabelecimento de um *corpus* disponível a qualquer pesquisa linguística e enriquecido por informações da comparação entre os três testemunhos. No capítulo seguinte, discutiremos a aplicação do rótulo *folhetim*, mais um aprofundamento a partir de características centrais do nosso *corpus*.

2 – GÊNERO TEXTUAL E TRADIÇÕES DISCURSIVAS: O RÓTULO FOLHETIM

2.1 – Tradições Discursivas

Os textos de França Junior publicados no periódico *Gazeta de Notícias* aparecem sob o rótulo de *folhetim*, expediente muito frequente para a divulgação de textos e a promoção do próprio jornal. Queremos justamente neste capítulo refletir sobre a acepção de *folhetim* utilizada por França Junior em oposição a outras acepções coexistentes, por meio da descrição dos usos. Assim, verificaremos se por esse rótulo temos uma Tradição Discursiva (TD), termo que procuraremos conceituar na sequência.

Koch (1997, p. 1), ao fazer uma releitura de Coseriu, que procurava questionar a dicotomia saussureana, priorizadora dos estudos sincrônicos, propõe a integração entre descrição e história. Retoma também a compreensão de que a linguagem humana é dotada de três níveis. É universal, porque é competência do ser humano; é histórica porque se realiza em uma língua particular, fazendo parte de uma cultura; é discursiva, porque se materializa através de textos.

Para Koch (1997); contudo, ocorre um desdobramento no nível histórico. A língua particular e TD seriam domínios do nível histórico da linguagem, o que nos permite dizer que

é possível ter uma história do texto independente da história da língua. Entende-se por

Tradição Discursiva como:

a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos lingüísticos empregados. (KABATEK, 2006, p. 7)

Kabatek afirma com isso que algumas realizações discursivas evocam outros textos, outras fórmulas, outras marcas. Saudar alguém, por exemplo, não é simplesmente uma seleção lexical, mas uma seleção de uma tradição. Para que tenhamos uma TD é necessário que haja a repetição de algo:

repetição total do texto inteiro, como no caso da fórmula “bom dia”, mas também pode ser apenas a repetição parcial ou ainda a ausência total de repetição concreta e unicamente a repetição de uma forma textual, como, por exemplo, no caso de dois sonetos, ligados por uma tradição mesmo quando não contêm nenhum elemento concreto em comum (KABATEK, 2006, p. 5)

No entanto, as repetições às quais nos referimos são lingüísticas, portanto, nem todas as repetições poderão ser chamadas de TD. Kabatek diz ainda que “nem toda repetição de um elemento lingüístico forma uma TD, mas a formação exige a repetição de algo.” (KABATEK, 2006, p. 6). Para que uma repetição possa ser considerada uma TD é necessário que exista uma *evocação*. A repetição deve ser evocada em uma situação de enunciação. A sua não evocação pode comprometer o sucesso da comunicação. Evocação significa, desta forma, fazer com que uma determinada enunciação participe da história de um texto, de uma forma textual, ou elementos lingüísticos, estabelecendo, por meio de uma ritualização discursiva, um vínculo com uma tradição atualizada.

Uma TD pode ser um *estilo* de uma letra, um sistema gráfico – como a grafia etimológica, um layout de página, um rótulo de uma seção de periódico – como o folhetim, um elemento linguístico – como as formas sintéticas e analíticas do gerúndio, um conteúdo temático, uma estrutura textual, um veículo de comunicação, desde que sejam evocados em uma situação de enunciação.

Como observa Kabatek (2006), “o importante desse conceito parece residir, sobretudo, na volta à linguística, e, em particular, à linguística histórica.” (KABATEK, 2006, p. 20).

Essa perspectiva exige um cuidado na escolha do *corpus* a fim de que não se realize uma generalização para língua de algo que só participa da história de um texto. Como acessamos a língua por meio do texto, precisamos contar com corpora representativos, com variados textos. Assim teremos “uma história da língua menos monolítica que permitirá saber em quais *Tradições Discursivas* uma inovação é criada, como se difunde ao longo das TD, e também onde há TD resistentes às inovações.” (KABATEK, 2006, p. 12).

Os estudos históricos da língua são comuns tanto para quem deseja encontrar argumentos históricos para compreensão de fenômenos atuais, como também para quem trabalha com o recorte sincrônico e procura um enriquecimento cultural sobre o que está estudando. Por isso, pode-se dizer que o linguista pode simplesmente estudar o passado, pode voltar ao passado para compreender o presente, ou pode concentrar-se no presente para entender o passado. Procuramos, neste trabalho, através do passado, entender o presente.

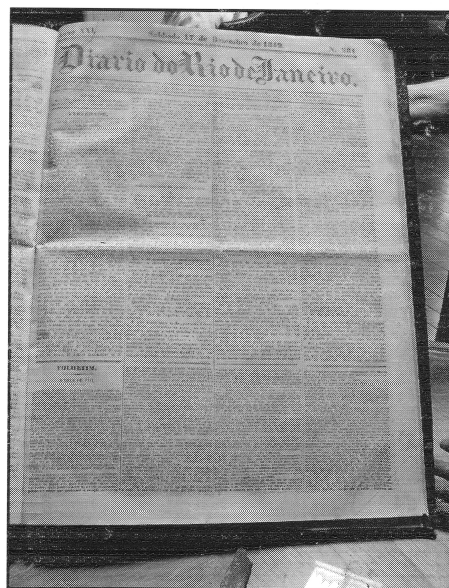
A Tradição Discursiva é uma determinada marca linguística do texto que o identifica como tal, sendo fundamental para sua existência. A palavra *Folhetim* seria uma marca textual que se repete em contextos específicos de enunciação como resultado de uma evocação que atualiza um uso consagrado. É nossa intenção ao descrever o rótulo folhetim demonstrar como as orientações dos estudos das TD nos ajudam a compreender os caminhos que os textos trilharam na história da escrita.

2.2 – O Rótulo Folhetim

Dentre as várias seções que compõem um periódico oitocentista, a seção que traz como rótulo a palavra *folhetim* apresenta sua própria história e sua contribuição particular para o sucesso do jornal como agente difusor de cultura. Analisar a história desse rótulo configura-se como uma oportunidade de se verificar a existência de uma TD.

Partindo do princípio de que o jornal é um importante modelo de escrita do século XIX e que os folhetins muito contribuíram para essa implementação, convém estudar a origem e as diversas acepções que o rótulo *folhetim* sugere.

O jornalista Émile Girardin, quando criou o termo *feuilleton*, na década de 1830, no rodapé do periódico francês *La Presse* (SODRÉ, 1978) atribuiu a esse rótulo inicialmente a possibilidade de apresentar variados textos a gosto do público, com expressa intenção de ampliar as vendas dos periódicos. Com o tempo, percebeu que um desses textos destacava-se dentre os demais em função da preferência dos leitores. Tratava-se do romance, que havia sido amplamente aceito e difundido pelo Romantismo.



DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO – SEÇÃO FOLHETIM
NO RODAPÉ (FIG. 1)

Figura 4: Localização dos folhetins no periódico

Girardin então passou a vincular romances consagrados no espaço do rodapé e sob o rótulo *folhetim*. A publicação seriada tornava viável a presença do romance e garantia um público fiel sedento por um novo capítulo. A presença dos romances no folhetim desencadeou uma nova acepção que devia atender à seriação e ao clímax, responsáveis por induzir a leitura do próximo capítulo e, por consequência, a compra do número seguinte do jornal.

A essa última acepção, dá-se o nome de Romance-folhetim. Não se trata mais de um romance publicado *no* folhetim, mas de um romance produzido especificamente *para* o folhetim, o que dá ao autor a noção de espaço utilizado para cada capítulo, recursos discursivos (para retomada do capítulo publicado anteriormente, bem como clímax ao final de cada capítulo induzido a leitura do próximo) e a interferência do leitor no desenvolvimento da narrativa, que se escreve conforme sua aceitação. No Brasil, tivemos uma situação singular. Muitos folhetins consagrados pelo público europeu foram traduzidos e colocados no rodapé dos periódicos:

Para esses devoradores de folhetins franceses, divulgados em massa a partir de 1830/1840, uma trama rica de acidentes bastava como pedra de toque do bom romance. À medida que os nossos narradores iam aclimando à paisagem e ao meio nacional os esquemas de surpresa e de fim feliz dos modelos europeus, o mesmo público acrescia ao prazer da urdidura o do reconhecimento ou da auto-idealização. (BOSI, 2006, p. 128-129)

O rótulo *folhetim*, portanto, promoveu o uso de um novo gênero à base de um gênero já existente, agregando elementos funcionais que o distingue do gênero *primitivo*.

A tabela a seguir ilustra a *especialização* do rótulo *folhetim*, bem como a dos gêneros vinculados a ele:

Seção	Gênero
Seção das Miscelâneas	textos variados
Seção dos Romances	Romances consagrados no folhetim
Seção dos Romances-folhetim	Romances produzidos para o folhetim (folhetim)

folhetim (crônica aos olhos contemporâneos)	folhetim: histórico / de costume
---	----------------------------------

Tabela 16: Especialização do rótulo e do gênero

Algumas ressalvas devem ser feitas. Tais ressalvas referem-se à suposta linearidade da *evolução* do rótulo e ao uso do termo *folhetim* para designar um novo gênero. Embora a tabela sugira uma mudança categórica, o que na verdade existe é uma tendência que se afirma gradualmente até o final do século XIX; porém, ainda se admitem, já no período dos Romances-folhetim, folhetins de miscelânea. Isso se comprova nos romances consagrados publicados no rodapé, nos folhetins (crônicas), nos Romances-folhetim importados (ou seja, foram produzidos aos poucos e ao gosto de outro público) e nos folhetins anúncios, como o exemplo abaixo:

Se alguém quer escrever á namorada | Em folha de papel assetinada, se de livros e escripta | Necessita. | E objectos d’escriptorio: | - Se deseja | A melhor tinta que possível seja, - [...] | A casa deves ir que te annuncia | a trombeta da fama em voz de bronze: | Moreira, Maxi[*mino*] & companhia; | Na rua da Quitanda, cento e onze ! | [...] (*Gazeta de Noticias*, 13/09/1875)

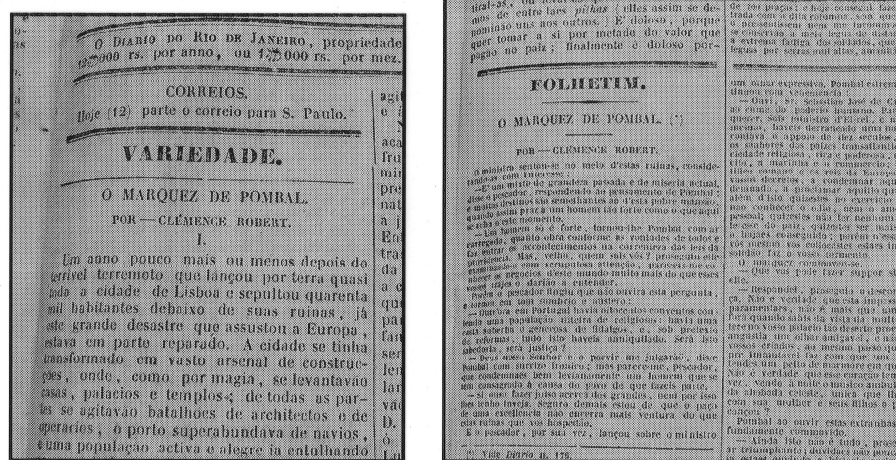
Percebe-se que algo de novo é introduzido, mas as acepções anteriores não são excluídas, pelo ao menos nas primeiras décadas (1840-1850). Lima & Faria (2005) estudam a coexistência das acepções de folhetim, o que podemos observar em um dos exemplos que apresentam sobre o assunto:

Alguns textos apresentando diálogo são publicados no espaço FOLHETIM no rodapé, mas a história é concluída no mesmo dia (não tendo a história fragmentada como o romance-folhetim). Ex: A Experiência (01/04/1842) (LIMA & FARIA, 2005)

A citação é um exemplo de que houve um período de flutuação, que será discutido a seguir. Cabe, a posteriori, observar a estrutura textual de cada uma das acepções apresentadas a fim de que se percebam os limites entre elas.

Diário do Rio de Janeiro	
Variedades→Folhetim	O Marquez de Pombal – 12/08/1842 (variedade) 16/08/1842 (folhetim)
Variedades↔Folhetim	Apontamentos de um caixeiro
Variedades / Folhetim	Viagens na minha terra- Almeida Garret
Sem rótulo (mas no rodapé)	Visita aos tumulos (poema) por A. C. L. dia 02/11/1842
Livros em fascículo	O Pirata Negro de Charles Expilly: 25/09/1847

Tabela 17: Seções de miscelâneas



TEXTO INICIADO NA SEÇÃO VARIEDADE E PASSANDO DEPOIS PARA A SEÇÃO FOLHETIM NO RODAPÉ DO JORNAL

Figura 6: Seções de miscelâneas

Outra prática comum era os Folhetins inconclusos. Esse recurso consistia em iniciar a publicação do texto no jornal, depois se interrompia e anunciava-se que a edição em livro estava à venda no escritório do jornal.

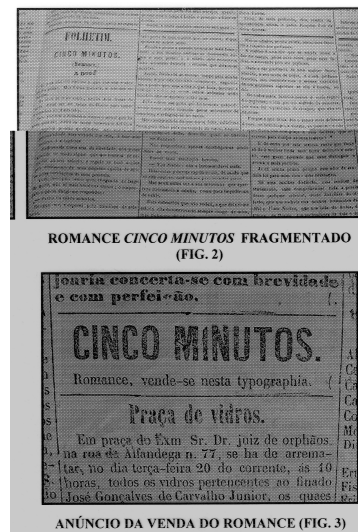


Figura 7: Anúncios de obras publicadas nos periódicos

Segundo Lima & Faria (2005), os rótulos *Litteratura*, *Variedade* e *Appendice* teriam dado lugar ao *folhetim* devido à maior aceitação do público:

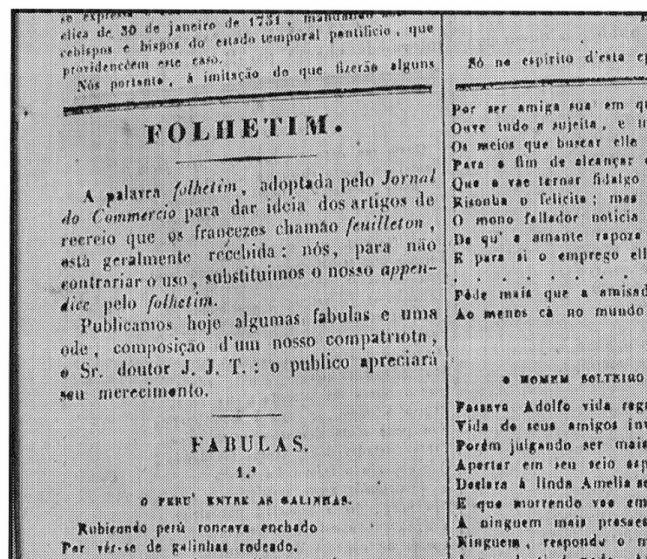


Figura 8: Passagem de Appendice para Folhetim

*A palavra folhetim, adoptada pelo jornal | do commercio para dar ideia dos artigos de | recreio que os francezes chamao feuilleton, | está geralmente recebida: nós, para não | contrariar o uso, substituímos o nosso appen- | dice pelo folhetim. || Publicamos hoje algumas fabulas e uma | ode, composição d'um nosso compatriota | o Sr. Doutor J. J. T.: o publico apreciará | seu merecimento [...]*³³.

³³ Diário do Rio de Janeiro (12/02/1841).

A palavra *Folhetim*, através da repetição, tornou-se essencial para o sucesso do texto a ela submetida. Da repetição, surgiu a ritualização, caracterizada pela localização no jornal (rodapé) e a sua presença, o que legitimou a sua identidade.

2.4 – Estrutura dos textos sobre o rótulo *folhetim*

Nas duas primeiras acepções, a estrutura do texto é a própria estrutura do texto que serviu de base, uma vez que se publica, nessa seção de miscelâneas, textos consagrados. Portanto, a crônica, o conto, o romance, o anúncio e tantos outros seguiram a estrutura da tradição que faziam parte. Já as duas acepções seguintes têm características peculiares advindas de sua veiculação nos jornais e o seu papel comunicativo. Contudo, essas estruturas inovadoras não perdem contato com a tradição que as originou, conforme nos diz Koch (1997), quando argumenta que “as inovações não se distanciam demasiadamente do estado de equilíbrio guardado”.

2.4.1 – A crônica

Segundo Hartuique (2003), não é uma tarefa muito fácil descrever a crônica, pois está em sua essência o caráter híbrido. O gênero parece se adequar às necessidades comunicativas, ou seja, é instável e modificável no tempo. O desafio parece ser maior quando se descreve esse texto em outro momento histórico, pois o conceito contemporâneo não necessariamente corresponde ao do passado.

Essa construção textual é um “fenômeno histórico que atende à determinada funcionalidade comunicativa. Um gênero surge a partir de outro já existente” (MARCUSCHI, 2005). Identifica-se com o jornal, pois esse veículo lança mão dos mais variados gêneros para

atender sua demanda ideológica. Convém fazer um passeio pela história identificando as principais formas de conceber a crônica.

A crônica no século XV era uma narração histórica, utilizada por autores, como Fernão Lopes, para registrar a história de um povo, na figura de seus patriarcas. Desse período, temos as Crônicas do Reino. No século XVI, as crônicas foram muito importantes para o projeto expansionista europeu. Escritores, como Pero Vaz de Caminha, utilizavam a crônica descritiva para apresentar aos soberanos europeus os novos territórios conquistados. Já no século XIX, a crônica, já veiculada ao jornal, passa a apresentar uma impressão pessoal da realidade. A tabela abaixo sintetiza as informações apresentadas:

	Período	Tipo de crônica	Alguns autores	Traço marcante
1ª	Séc. XV	Crônicas do Reino	Fernão Lopes	Narração histórica
2ª	Séc. XVI	Crônicas de viagem	Pero Vaz de Caminha	Descrição
3ª	Séc. XIX	“Crônicas folhetinescas”	França Junior	Impressão pessoal

Tabela 18: A crônica ao longo dos séculos

Embora haja diferença entre essas etapas históricas da crônica, a noção de tempo permanece, inclusive, está registrada na etimologia da palavra (do latim, *chronica, órum*, relato de fatos em ordem temporal). No entanto, nota-se que a ideia de tempo deixou de ser em relação somente ao passado para também incorporar os fatos do cotidiano (presente) (FÁVERO, 2005). Nota-se, com a alteração do tempo, o princípio de modificação proposto por Koch (1997). A modificação de pelo menos um traço de uma forma inicia, nas palavras de Kabatek (2006), o processo de divergência, como ilustrado a seguir:

Constância	Modificação
Tempo	Passado > cotidiano
Divergência	

Tabela 19: Divergência da crônica

Conforme Hartuique (2003), Fávero (2005) e Andrade (2005), pode-se dizer que a crônica, a partir do século XIX, além de contar com o elemento circunstancial, busca ser atraente ao público leitor que se identifica com o que é escrito. Geralmente, inicia-se com um

rodeio parcial que desemboca na motivação para se escrever sobre determinado assunto. A ausência de uma tipologia textual própria (MARCUSCHI, 2005) (expositivo, narrativo, descritivo e argumentativo) e a presença de subjetividade nas que se utiliza são recursos utilizados para dinamizar o texto que, teoricamente, teria vida curta, por estar preso ao tempo. Além de apresentar traços da dialogicidade (conversação simulada), localiza-se entre o literário³⁴ (poeticidade) e o jornalístico (concisão). Os textos de França Junior atendem à estrutura da crônica, muito embora tenhamos sempre como estratégia do autor a presença de pequenas narrativas para descrever o cenário carioca dos oitocentos. Por isso, nos deteremos a uma breve reflexão sobre o conto, gênero caracterizado pela apresentação de uma pequena narrativa.

2.4.2 – O Conto

Do latim, *computare*, no sentido de “enumerar os detalhes de um acontecimento, relatar, narrar” (HOUAISS, 2001). No século XIX, para Moraes Silva (1813), o conto seria uma história fabulosa, o que parece se encaixar com a produção de contos de Alexandre Herculano. Por essas definições, poder-se-ia crer na hipótese de que o que faz referência ao passado seria conto (se houvesse também diálogo dos personagens) e o que faz referência ao presente seria crônica. No entanto, cabe considerar a dupla possibilidade da crônica (presente e passado) e a única possibilidade do conto (passado).

Atualmente, entendemos o conto como uma narrativa de menor extensão que apresenta um flagrante ou instantâneo de um episódio singular (SOARES, 2006). Todavia, segundo Serra (1997), “o que no passado era conto hoje chamamos de romance”. Tal

³⁴ Segundo Moraes (1831) *apud* Pacífico Barbosa (2007), literatura é erudição, ciência, notícias das boas letras, humanidades, homem de grande literatura.

afirmação nos leva a tentar entender o que seria romance, porém a diferença entre os dois gêneros, quando desconsiderada a característica de concisão do conto, é difícil de ser marcada, pois o romance é uma narrativa em prosa dotada de enredo, personagens, noção de espaço, noção de tempo e ponto de vista da narrativa (SOARES, 2006), condições também presentes no conto.

A discussão sugere que outros trabalhos se debruçam sobre esse assunto, baseando-se em acepções do período e observando os textos da época. A intenção deste trabalho, quando propõe esse subtema, é identificar traços presentes nos contos que aparecem nos folhetins oitocentistas.

2.4.3 – O Romance-folhetim

O romance-folhetim preservou alguns traços do gênero do qual se originou, como, por exemplo, a tipologia textual em narrativa com presença dos diálogos, presença da figura do herói (gênio superior, solitário entre os medíocres, triunfante entre os vencidos) e oposições binárias (bem x mal, felicidade x amargura, perseguidor x perseguido, generosidade x mesquinhez, resolvidas pela ação heróica de uma individualidade poderosa).

O romance-folhetim, como nos diz Gramsci, abaixo, era elaborado através da interação do autor com o público leitor:

Os folhetins, tanto na intenção do diretor do jornal quanto na intenção do folhetinista, foram produzidos sob a inspiração do gosto do público e não do gosto dos autores. (GRAMSCI, 1986: 124)

No Brasil, devido à implantação tardia da indústria gráfica e o difícil acesso aos impressos, o público leitor estava em fase de construção. Bosi (2006) afirma que os leitores não tinham muito refinamento, apenas buscavam nos rodapés dos jornais textos ficcionais:

O romance romântico brasileiro dirigia-se a um público mais restrito do que o atual: eram moços e moças provindos das classes altas, e, excepcionalmente, médias; eram os profissionais liberais da corte ou dispersos pelas províncias: eram, enfim, um tipo de leitor à procura de entretenimento, que não percebia muito bem a diferença de grau entre um Macedo e um Alencar urbano. (BOSI: 2006, p. 128)

O início de cada capítulo, colocado sob o rótulo *folhetim* no rodapé do jornal, retoma algumas informações do capítulo anterior, dando continuidade com as novas sequências narrativas. No final de cada capítulo, há um suspense, responsável por influenciar o leitor a ler a próxima edição do jornal, conforme declara Dumas:

O folhetinista deve cercar-se de técnicas para envolver o leitor fazendo com que o fim de uma história/capítulo provoque o desejo seguinte. (DUMAS *apud* GRAMSCI, 1986)

2.5 – O Folhetim de França Junior

A publicação dos folhetins de França Junior entre 1877 e 1878 é uma evidência de que as acepções atribuídas a *folhetins* não se excluem. Convivem, às vezes, até no mesmo jornal. Para Andrade (2005), inclusive, “a crônica era o folhetim”.

Os textos de França Junior iniciam-se geralmente com um rodeio parcial, apresentando o objetivo de explicitar, delimitar, justificar e desfazer possíveis mal entendidos sobre o tema escolhido. Os dois exemplos a seguir ilustram a presença de rodeio parcial:

|| Ha na sociedade uma classe perigosa | de homens, cujos actos escapam á acção | da justiça, que commettem verdadeiros | crimes protegidos pelas leis, quando de | ha muito deviam estar até fóra do direito | commum || Não pensem os leitores que venho fallar | de capoeiras. || Estes Cambrones das grandes batalhas | eleitoraes, manuseadores da faca e do | cacete, são mais ou menos perseguidos | pelo gladio da policia, segundo a impor- | tancia dos padrinhos. || Reffiro-me a entes ainda mais offensi- | vos: - aos massantes. (Os Massantes)

|| Ora esta !! Pois este homem, que | [*ilegível*]ão inoffensivo, que fazia-nos rir sem | [*ilegível*], não está deitando | as manguinhas de fóra !! O que vem | fazer [*ilegível*] republica ?! Com pés de lã | [*ilegível*] maldito terreno da politica, | [*ilegível*] das organizações ministeriaes. || [*Hoje*] pretende[*m*] convencer-nos talvez | que a palavra que ahi esta em [*c*]ima [República], | traduz a [*futura*] felicidade do Brasil. | Não é com estas ! Enquanto [*ilegível*] | o infer[*ilegível*] ma- | [*ilegível*] | o que fazem os nossos filhos, o que diz a | vizinhança a nosso respeito, enquanto as observações limitaram-se a estas e | outras innocentes futilidades, demos al- | gumas gargalhadas, e nada mais. (A república)

Com intenção de ser atraente ao público leitor, além de escrever sobre os temas da época de maneira bem humorada, França Junior utilizava-se da dialogicidade, simulando um diálogo com o leitor que, muitas vezes, era convocado para participar das cenas propostas:

|| Não pensem os leitores que venho fallar | de capoeiras. (Os Massantes)

Os folhetins seguem geralmente a estrutura apresentada na sequência, ou seja, apresentação do tema, definição, classificação e conclusão. A classificação geralmente descreve os elementos que compõem o título e os coloca em cena exemplificando a descrição. Pode-se observar abaixo como os subtemas se organizam dentro do espaço do texto disposto em colunas:

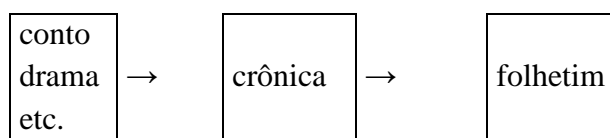
Tema	1ª col.	Definição	2ª col.	Classificação	3-7 col.	Conclusão	8ª col.
Massantes		Amoladores		Contador de histórias Retóricos (verbosos) Faladores Os que não falam Lírico (músico) Os que não gostam de música Hipocondríaco Valentões Solteironas Foqueiros		Solução Sociedade Resgate dos cativos Identificação Folhetinista	

Tabela 20: Exemplo de organização textual das crônicas de França Jr. (Os Massantes)

2.6 – Convergência de gêneros

O próprio rótulo e a própria situação comunicativa colaboram para a convergência de variados gêneros na crônica, pois, à medida que se tem uma seção responsável em prender a atenção do público e, por isso, vincular gêneros diferentes, acaba facilitando a convergência de gêneros em seu interior.

Os textos de França Junior exemplificam a convergência. O *folhetim* apresenta características de conto e de crônicas e traços do drama:



Esquema 1: Convergência dos gêneros no folhetim de França Junior

Além de características do gênero conto já percebidas, observa-se também uma aproximação com o gênero dramático. Entende-se por *Drama* a forma narrativa escrita para ser encenada em que se figura ou imita a ação direta dos indivíduos³⁵. A produção teatral do autor parece ter influenciado, ou melhor, enriquecido os seus *folhetins*.

Entre as características do teatro do autor que se aproximam de seus *folhetins* (CAFEZEIRO, 1980), temos a relação entre sátiras políticas e sátiras domésticas, reflexão sobre a sociedade em crise (realização social), elementos da pequena e média burguesia (classe com vícios e em crise existencial), estilização da fala de alguns personagens brasileiros e estrangeiros, preocupação com o cenário e efeito cômico.

Alguns fragmentos sugerem tal encenação dos personagens presentes nos textos:

O predio, onde se effectua a mudança, | torna-se teatro de scenas interessantissimas ; (Mudanças)

³⁵ Houaiss (2001) e Soares (2006).

|| Eil-os na casa, onde vão residir. || - Entrem todos com o pé direito, recommenda a mãe. || Começam de novo as scenas, e com ellas a vozeria. || (Mudanças)

|| Novo personagem apparece. || E' um intimo da casa que vem offerecer-se para o serviço o mais valioso que se póde prestar em taes occasiões: tratar do enterro. || (Enterros)

Na maioria das sequências narrativas, predomina o tempo verbal no presente, algo comum nas preparações dos diálogos em peças teatrais. Utilizando-se desse recurso, França Junior apresenta cenário e personagens e os coloca em ação. O primeiro exemplo demonstra a apresentação do cenário que os personagens irão participar e o segundo exemplo ilustra narrativa no presente:

|| Logo depois do almoço começam a chegar os convidados. || Entremos tambem nós. || Eis-nos na sala do banquete. || (Jantares)

|| São tres hora. || Está posta á mesa. || O movimento da sala e da cosinha recrudescce a ponto de já quasi ninguem se entender. || Ouve-se a dona da casa em todos os diapasões : || - O' diabo ?! (Jantares)

A crônica não apenas coloca personagens e leitores em cenas, mas também “Pinta” a sociedade, como sugere o fragmento abaixo:

|| Eis-nos hoje em face dos quadros os mais interessantes da nossa vida intima. || O pintor flamengo, que quizesse reproduzir na téla as variadas scenas do interior brasileiro, encontraria nas visitas manancial fecundo para encher uma pynacotheca. (Visitas)

França Junior era também um artista plástico. Segundo Levy (1980), ao descrever sua pintura:

O artista desenvolve uma obra de qualidade, com grande domínio dos meios expressivos, fortemente vinculada a uma nova visão da que se afirmava no Brasil durante a década de 1880. (LEVY, 1980)

Enfim, o *folhetim* de França Junior possui elementos que caracterizam a crônica; traços que caracterizam o conto; elementos dramáticos que lembram o seu teatro; e elementos paisagísticos que lembram a sua pintura. Observa-se, portanto, a complexa rede de influência que outros textos exercem sobre os textos aqui analisados.

2.7 – Tendências: diferenciação ou especialização dos gêneros

Segundo Tinhorão (1994), o Romance-folhetim se constitui como um gênero das grandes massas, associando-se sempre a veículos de comunicação de grande acesso, como o jornal, no século XIX, e o rádio e a televisão no século XX, como ilustra a tabela na sequência:

FOLHETIM				
→	→	→	→	→
Romance-folhetim	Novela de revista	Foto-novela	Radio-novela	Tele-novela

Esquema 2: Gênero romance-folhetim

A trajetória desse gênero, no entanto, não significa que uma fase anterior não exista mais. Embora tenha maior repercussão no meio televisivo atualmente, ainda se encontram folhetins nos veículos tradicionais. O trecho de folhetim abaixo possui a mesma característica de desfecho com suspense dos folhetins do século XIX, porém foi escrito no século XXI:

Furiosa, a fazendeira começou a gritar a plenos pulmões para seus capangas: || - Amaro! Sampaio! Peguem suas armas. Angélica está fugindo com a cigana trapaceira e o vagabundo do circo! || Num piscar de olhos, Angélica e Caetano se viram cercados pelos empregados, de armas em punho. ||

(continua na próxima edição)³⁶

A segunda acepção apresentada, a do romance no folhetim, não se perdeu por completo. Ainda na segunda metade do século XIX, já se encontravam textos publicados com o formato de livro, sugerindo o recorte e a encadernação. Atualmente tem-se a prática de oferecer aos leitores o livro na íntegra. Desta forma, pode-se afirmar que se as práticas não são as mesmas, são ao menos parecidas.

³⁶ Fragmento do folhetim de Micaela Fróes *Uma paixão proibida* publicado na Revista Mais Feliz Ano 4 nº131, 20 de maio de 2005.

Por fim, os exemplos apresentados demonstram a recombinação e diferenciação ocorridas no interior do jornal entre conto e crônica. A fórmula $\mathbf{A}^0 + \mathbf{B}^0 = \mathbf{Ab} / \mathbf{Ba} \rightarrow \mathbf{A}^1 / \mathbf{B}^1$ ilustra a autonomia inicial dos gêneros (\mathbf{A}^0 e \mathbf{B}^0), seguidas da convergência hipoteticamente ocorrida sob o rótulo folhetim ($\mathbf{Ab} / \mathbf{Ba}$), ou seja, os gêneros utilizar-se-iam como recursos características de outro gênero. Por fim, a diferenciação ($\mathbf{A}^1 / \mathbf{B}^1$), estágio em que já se assimilou a contribuição de outro gênero, estabeleceu-se novamente como gênero autônomo, mas com características diferentes ao do inicial.

O *folhetim* (crônica) e o conto teriam resultado no conto contemporâneo, ou seja, num texto narrativo, conciso e subjetivo:

→	→
Folhetim	Conto contemporâneo
Conto	
No folhetim	

Esquema 3: Formação do conto contemporâneo

Já o folhetim (crônica) teria resultado na crônica especializada. Entende-se por crônica especializada o texto conciso que aborda um determinado assunto, como, por exemplo, as crônicas esportivas, as crônicas políticas etc.

→	→
Folhetim	crônica especializada

Esquema 4: Formação da crônica contemporânea

Procuramos demonstrar ao longo deste capítulo que os textos de França Junior, vinculados aos jornais por meio do rótulo *folhetim*, faziam parte de uma TD em um percurso de mudança. Participar de uma TD significa incorporar um modelo que se espera de um determinado texto e servir de modelo a leitores, redatores em potencial. Será tarefa do próximo capítulo descrever a grafia, tendo como amostra esse *corpus*, constituído de textos elaborados dentro de uma TD e que funciona como modelo de erudição escrita para época.

3 – DA EDIÇÃO CRÍTICA: ESTUDO DE VARIANTES

Conforme anunciado na introdução desta dissertação, propomo-nos a investigar qual seria a norma gráfica oitocentista. Vale lembrar que não estamos pensando na normatização dos manuais, ou seja, em termos coserianos, na norma subjetiva. Aqui nos interessa o que era praticado pelos modelos que objetivamente poderiam orientar os redatores mais próximos dos veículos impressos de cultura escrita nos oitocentos. Em outras palavras, nosso objeto é a norma objetiva praticada no século XIX. Assim sendo, nossas variantes de edição nos proporcionam os dois principais modelos impressos aos redatores de manuscritos do século XIX no Brasil: os periódicos e os livros.³⁷

Como enfatizamos nas etapas preliminares deste trabalho, cotejamos o testemunho que serve de base para essa edição com testemunhos remanescentes. Dessa comparação identificamos variantes para agrupá-las de acordo com o grau de interferência no texto. Os grupos das variantes são: alterações epilinguísticas – abreviaturas, sinais de acentuação, flutuação no emprego de letras, junção e separação de segmentos, uso de letras maiúsculas e minúsculas, latinizações e pontuação – e alterações linguísticas dentro das sentenças – regência, pronomes, flexão, vocabulário; e alterações textuais por inserção ou exclusão de sentenças.

³⁷ Nesta investigação, decidimos não lançar mão de dicionários, ainda que modelos por excelência de grafiação para os redatores, exatamente por serem eles modelos subjetivos.

3.1 – Alterações Epiliguísticas

3.1.1 – Abreviaturas

A primeira variante que destacamos são as abreviaturas, ou seja, “formas reduzidas de se escrever uma palavra” (CAMBRAIA, 2005, p. 117), uso muito comum no passado, sobretudo em manuscritos, chegando, inclusive, à “saturação” já no reinado carolíngio, o que fez com que criassem disposições legais para conter a moda (SPINA, 1997, p. 45). A escassez de papel, os limites impostos no uso da pena e do tinteiro e a urgência de comunicação tornam compreensível a maior frequência em manuscritos. Spina (1977, p. 33) chama as abreviaturas, como também a pautação, a divisão entre as palavras, a paragrafação, a pontuação e os acentos, de acidentes desenvolvidos no mecanismo da escrita que funcionam como chave para a interpretação de documentos. Segundo o mesmo autor, ao se referir aos textos medievais, essas informações são importantes para determinar o documento cronologicamente.

Segundo Spina, “a sigla foi o processo mais antigo de abreviação por supressão” (SPINA, 1977, p. 45). Com o tempo, para facilitar a compreensão da abreviatura por sigla, passou-se a acrescentar outras letras do vocábulo, indicando ou não com um signo abreviativo (geralmente um traço sobre o vocábulo).

Spina (1977, p. 45) apresenta a seguinte classificação para as abreviaturas: abreviaturas por sigla, quando se utiliza a letra inicial para representar o vocábulo; abreviatura por apócope, quando são retirados os últimos elementos do vocábulo; abreviatura por síncope, quando são retirados elementos intermediários do vocábulo; abreviatura por letras sobrepostas, quando parte do vocábulo aparece sobreposto ao resto da palavra; abreviatura por signos especiais de abreviação, quando são utilizados signos específicos para denotar abreviação dos vocábulos; e letras numerais, conhecidas por nós como números romanos e que serviam para designar quantidade e marcos cronológicos.

A proposta de Cambraia, embora não muito diferente, (2005, p. 118) parece se adequar mais à realidade dos textos oitocentistas. O autor lista casos de abreviatura, como, traço sobrescrito, podendo ser por suspensão quando se mantém a primeira letra; e contração, por supressão de sequência. Pode ser indicada por um sinal especial próprio ou relativo. Ou ainda, letra sobreposta, quando há sobreposição de letras. Nos folhetins de França Junior, encontramos casos de contração de sequência sem indicação por sinal e supressão com sobreposição de letras. Todos os casos envolvem pronomes de tratamento. Os itens que aparecem abreviados são: *Senhor, Senhora, Sua Excelência, Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Excelentíssimo Senhor e Excelentíssima Senhora*. Podemos observar abaixo alguns exemplos em que aparecem os itens abreviados e suas variantes:

Testemunhos A B C: A familia do **Sr./snr** Sarmento a caminho : [5]

Testemunhos A B C: A' saude de sua digna consorte, modelo de virtudes, a **Sra./Snr.^a** D. N.... [4]

Testemunhos A B C: Já lhes disse e tornei a dizer que **S. Ex./S. Ex.^a** não está em casa. [10]

Testemunhos A B C: - Quando deverei procurar **V. Ex./V. Ex.^a** ? [10]

Testemunhos A B C: << Rogo a **V.S./V. S.^a** a bondade de entregar [11]

Testemunhos A B C: Foram padrinhos o **Exm. Sr./ex.^{mo} snr.** barão de... e a **Exma. Sra./ ex.^{ma} snr.^a** marquiza de... [18]

A primeira indagação é saber o quanto esses itens são abreviados ou são desenvolvidos nesses materiais. Entre itens abreviados e desenvolvidos, temos 255 dados. Desse total, 35% referem-se à quantidade de itens abreviados. A frequência pesou para os dados desenvolvidos devido à inflação de casos de *senhor* e *senhora* desenvolvidos. Só desses casos, contamos 161 dados, o que corresponde, do total de itens desenvolvidos, 97%. Sem dúvida, é o pronome de tratamento mais frequente nos textos. Não é por acaso que, dos 89 dados de itens abreviados, 81% são de *senhor* e *senhora*. Os dados podem ser visualizados organizadamente na tabela a seguir:

255 / 100%			
Abreviados		Desenvolvidos	
89 / 35%		166 / 65%	
89 / 100%		166 / 100%	
Senhor	Outros	Senhor	Outros
72 / 81%	17 / 19%	161 / 97%	5 / 3%

Tabela 21: Dados de Abreviaturas

Deixando à parte os dados de *senhor* e *senhora*, resta-nos ainda, *Sua Excelência*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, *Excelentíssimo Senhor* e *Excelentíssima Senhora*. Corresponderem ao total de 22 dados. Desse total, 77% são de itens abreviados. Portanto, com a exceção de *senhor* e *senhora*, que são muito usados, os pronomes de tratamento tendem a aparecer em sua forma abreviada.

255 / 100%			
Senhor / Senhora		Outros Casos	
233 / 91%		22 / 9%	
233 / 100%		22 / 100%	
Abreviados	Desenvolvidos	Abreviados	Desenvolvidos
72 / 31%	161 / 69%	17 / 77%	5 / 23%

Tabela 22: Distribuição dos dados de Abreviaturas

O levantamento dessas abreviaturas justifica-se na intenção de observar suas variantes nos testemunhos que compõem nossa edição. De todos os casos envolvendo abreviaturas, em apenas um ocorre o desenvolvimento nos testemunhos posteriores, ou seja, apenas um caso não segue a tendência geral dos testemunhos, que é abreviar:

Testemunhos A e B: Quando a Sra. precisar de alguma coisa [12]

Testemunho C: Quando a Senhora precisar de alguma coisa [12]

No entanto, esses dados não representam apenas a passagem de desenvolvido para abreviado. Na verdade, temos apenas 10 casos em que ocorre a abreviação, destes, 8 deles já ocorreram no testemunho B, sofrendo apenas alteração de abreviatura no testemunho C. Isso

quer dizer que em boa parte desses casos o termo já está abreviado no primeiro testemunho e sofre alteração nos demais. A maioria das alterações ocorre no testemunho C.

Com base em nosso material, há para o século XIX as seguintes variantes para as abreviaturas de pronomes de tratamento, já apresentados em exemplos anteriormente:

Itens desenvolvidos	A	B	C
Senhor	Sr.	Sr.	Snr.
Senhora	Sra.	Sra.	Snr. ^a
Sua Excelência	S. Ex.	S. Ex.	S. Ex. ^a
Vossa Excelência	V. Ex.	V. Ex.	V. Ex. ^a
Vossa Senhoria	V. S.	V. S.	V. S. ^a
Excelentíssimo senhor	Exm. Sr.	Exm. Sr.	ex. ^{mo} snr.
Excelentíssima senhora	Exma. Sra.	Exma. Sra.	ex. ^{ma} snr. ^a

Tabela 23: Casos de abreviaturas

Retomamos tais variantes para discutir a distribuição dos dados pelos testemunhos A, B e C, como visualizamos na tabela acima. O testemunho A representa os textos publicados em jornal (1877-1878), o testemunho B os folhetins em livro (1878) com o autor em vida e o testemunho C representa os mesmos folhetins em livro (1894), contudo, com o autor já morto. A retomada dessas informações é pertinente, pois é justamente na edição em que não havia a possibilidade de intervenção autoral que ocorre a alteração dos tipos de abreviatura. Como podemos verificar na tabela, a distribuição das variantes é categórica. O uso de “Sr.”, por exemplo, é uma das possibilidades do século XIX, adotada pelos periódicos, um dos principais modelos objetivos de escrita, e por redatores, como o França Junior, a um só tempo, influenciados por esses modelos e referência dentro desse modelo.

Os livros, outro importante veículo difusor de modelo gráfico, adotavam tanto *Sr.*, preferência dos jornais, como *Snr.*, muito frequente em manuscritos dos séculos XVIII e XIX. Os testemunhos A e B, mais antigos que o último do século XIX, testemunho C, representam um modelo que será adotado categoricamente para todos os textos escritos do século XX.

As letras sobrepostas ou simplesmente dispostas no final da contração ainda hoje são variantes, como podemos verificar em Cunha & Cintra (2007, p. 304), Cunha (1982, p. 291) e

André (1978, p. 137). Contudo, diferente do caso de *senhor*, as abreviaturas para *Sua Excelência*, *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria*, que se fixaram como norma do século XX, seguiriam o modelo do testemunho C.

Como vimos anteriormente, *Senhor* é mais produtivo (91% dos dados) e possui uma porcentagem menor de abreviaturas (31% de seu total). Já as outras abreviaturas, contabilizadas juntas, são menos produtivas, porém possuem uma porcentagem maior de abreviaturas (77% de seu total). As chances de um item produtivo ter variantes com certeza é maior, da mesma forma que a variante mais frequente, difundida pelo veículo mais influente (periódicos) tem mais chance de ser estabelecido como preferencial, mesmo que a abreviatura não seja tão produtiva. Por outro lado, se um item é pouco utilizado por um modelo de escrita, as chances de servir como modelo serão menores, muito embora apareçam quase sempre em forma de abreviatura. Se as demais abreviaturas escolhidas para o século XX não são de fato opções modelares dos jornais oitocentistas, ou não foram escolhidas com base no uso mais frequente dos redatores, tomaram como base outros modelos impressos (livro) e manuscritos. São essas abreviaturas, portanto, que dependem muito mais de manuais para implementar seu uso do que a estabelecida pela norma objetiva, conhecida por todos os redatores.

Outro caso de abreviatura que merece um comentário especial é do pronome *Vossa Senhoria* com as variantes *V. S.*, dos testemunhos A e B, e *V. S.^a*, do testemunho C. Há registrado apenas um caso, o que indica que é pouco frequente, embora não deixe de ser uma variante. Para o século XX, a variante dos testemunhos A e B seria considerada ambígua, pois os manuais prescrevem como abreviatura de *Vossa Santidade*. É possível que os responsáveis pelo testemunho C tenham adotado a variante *V. S.^a*, consoante à forma de *Vossa Excelência* (*V. Ex.^a*), justamente para desfazer um possível caso de ambiguidade já nos oitocentos.

Se levarmos em consideração todos os casos, os itens que formam esse primeiro grupo (formas abreviadas *versus* formas desenvolvidas) têm uma distribuição baixa de variantes em

forma de abreviatura. No entanto, se considerarmos apenas os “demais casos”, perceberemos uma distribuição mais equilibrada, embora prevaleçam os casos de abreviaturas. Com exceção de *Senhor*, que, pela força de sua frequência, impôs-se para os redatores do séc. XX, os demais casos que serviram como regra para ortografia do séc. XX configuraram os textos da última edição dos oitocentos, em plena transição das fases ortográficas. Convém ainda destacar a diferença entre o testemunho A e o testemunho C. Nota-se que as escolhas foram categoricamente diferentes. Percebe-se a proximidade das escolhas nos testemunhos A e B, possivelmente não só pela proximidade temporal em que foram produzidos, mas principalmente pela potencial interferência do autor ainda vivo. O fato é que a diferença se faz quando França Junior não pode mais autorizar ou desautorizar mudanças em seus textos editados.

3.1.2 – Sinais de Acentuação

A segunda variante diz respeito aos casos de acentuação. O final século do XIX parece representar a transição de um período completamente assistemático para um período sistemático, que, segundo Beclua (1983, p. 143) teve seu início por volta do século XVII com “a modernização da grafia e a regularização dos signos de pontuação e acentuação” (BECLUA, 1983, p. 143)³⁸. Cambraia (2005, p. 121) acrescenta ainda que, não os sinais de acentuação, mas qualquer diacrítico esbarra no problema de identificação no momento de transcrição. Pelo fato de serem sinais discretos, às vezes, podem passar despercebidos, ou serem confundidos com manchas deixadas no material. Por isso, mais uma vez, enfatizamos a importância da comparação das edições. O aparecimento de um acento nos testemunhos B e C nos levava, novamente, à fonte do testemunho A.

³⁸ Nossa tradução.

Neste grupo, procuramos refletir se, quando foram empregados sinais gráficos para marcar a acentuação, a variação entre sinais usados estaria mais ou menos condicionada pelo veículo (periódico *versus* livro). A seguir, observemos alguns exemplos de variantes de acentuação:

Testemunhos A e B: a ventura de **ver** a luz [1]

Testemunho C: a ventura de **vêr** a luz [1]

Testemunho A: Não ha exemplo nos nossos **annáes** judiariarios [2]

Testemunhos B e C: Não ha exemplo nos nossos **annaes** judiariarios [2]

Testemunho A: As pragas que os pais de familia rogam contra a rua do Ouvidor **tém** por causa aquella zona. [1]

Testemunhos B e C: As pragas que os pais de familia rogam contra a rua do Ouvidor **têm** por causa aquella zona. [1]

Levantamos 318 dados envolvendo variantes de acentuação. Procuramos agrupar esses dados em categorias que pudessem revelar informações ao leitor a respeito das decisões do redator em relação às regras de acentuação e à possível pronúncia da época. As categorias são: timbre, estratégia para desfazer ambiguidade, memória de formação e marcação de sílaba tônica. Procuramos distribuir os dados nessas categorias, tendo como critério a identificação da principal função do acento gráfico. Além dessas categorias, comparamos a tendência normativa na acentuação gráfica do século XIX, observada nos folhetins de França Junior, com a norma subjetiva fixada do séc. XX.

Na primeira categoria, reunimos os casos de variantes de abertura ou de fechamento de timbre, que foram marcados ou que deixaram de ser marcados pelo acento gráfico. Somam ao todo 166 dados, ou seja, 52% do total de dados de acentuação. Esse resultado demonstra a importância do acento gráfico na distinção de timbre, indicada na escrita. Os demais 48% distribuem-se entre casos de ambiguidade, memória de formação, tonicidade e nasais. A fim de constatar o que foi mais frequente, marcação de abertura ou fechamento, separamos os dados, tendo como critério a passagem de timbre, ou seja, passagem para timbre aberto e passagem para timbre fechado.

Assim sendo, dos 166 dados de variantes de acentuação por distinção de timbre, 91 dados, isto é, 54% dos dados indicam, por meio de acentuação gráfica, a passagem ou, simplesmente, presença de uma variante fechada. Desta forma, 75 dados (46%) indicam a passagem ou a presença de uma variante aberta. Os dados revelam certo equilíbrio na distribuição por timbre. Contudo, a presença de variantes fechadas com indicação de acento gráfico é um pouco mais frequente. Para um pesquisador (usuário dos *corpora* que disponibilizamos) que estuda a prosódia registrada na escrita pretérita, por exemplo, trata-se de uma informação importante, pois pode indicar uma tendência do final do século. Para exemplificar a categoria, apresentamos os exemplos abaixo:

Vem / Vêm logo em seguida a mulher, as filhas e os filhos. [5]
 Os bailes de terceira classe não reúnem a **flor / flôr** da sociedade, [3]
 - Porque não **pede / péde** o molde da Luizinha ? [1]
 E o leitor entra no **côro / còro** com o estomago vasio. [4]

Os dois primeiros casos exemplificados correspondem ao timbre fechado e os dois últimos casos, ao timbre aberto. Nota-se que nos casos de timbre fechado, os dois itens poderiam vir sem o acento sem ter a alteração de timbre, pelo menos para um falante contemporâneo nosso. O mesmo ocorre com o terceiro exemplo, no entanto a ausência do acento em “pede” poderia sugerir uma pronúncia variante. Se o terceiro caso figura uma hipótese de pronúncia variante, o quarto caso acena para a presença real de variantes.

Embora tenhamos mais casos de vocábulos com timbre fechado indicado por acento gráfico, são poucos os casos em que se percebe uma passagem de timbre aberto para fechado.

São inclusive listados abaixo:

- Você não teve ovo è [*sic*] / e eu tive. [9]
 vem a **résposta / resposta** da carta, [11]
 Se eu **fora / fôra** um d'esses entes felizes, [4]
 era pequeno e rochunchudo como uma **bóla / bôla**. [16]
 Ahi, **nhó / nhô** Chico !! || -[16]

No primeiro caso, os testemunhos seguintes tentaram corrigir, retirando o acento que marca a classe dos verbos de “è” em um contexto que, na verdade, o item funciona como conjunção. O segundo caso, o acento parece indicar não a sílaba tônica, mas a abertura de timbre da sílaba pretônica. Provavelmente, para desfazer a acentuação de uma pretônica o acento foi retirado. O acento do terceiro caso indica a diferença entre o verbo ir no pretérito mais-que-perfeito e o substantivo “fora”, ambiguidade que só existe quando as palavras estão descontextualizadas, o que não é o caso. Em *bôla*, temos uma variante que não foi incorporada pelos falantes e redatores do século XX. Provavelmente essa grafiação seguiu o modelo de outro vocábulo semelhante, como, por exemplo, *bôcca*. Por fim, o último caso de passagem de aberto para fechado é uma abreviação do vocábulo *senhor*. Provavelmente foi esse critério que norteou a troca de acento para esse item. Podemos dizer, a partir da leitura desses dados, que a passagem por acento que indica fechamento representou uma escolha que não foi incorporada à norma ortográfica. As variantes do testemunho do jornal, anterior a essas alterações, mais uma vez encontraram maior eco na construção de uma ortografia oficial.

Enquanto os casos de passagem para timbre fechado de variante de acentuação totalizam apenas 5 dados, a passagem para timbre aberto é mais frequente, totalizando 20 dados. Seleccionamos alguns deles para comentar a repercussão da mudança:

- Só dous mil **reis** / **réis**?! [12]

demos / **démos** algumas gargalhadas [17]

E’ um **credor** / **crédor**. [17]

para que os leitores tivessem diante dos olhos a **fôrma** / **fórma** exacta de taes convites, [7]

ha muito deviam estar até **fôra** / **fóra** do direito commum. [2]

No primeiro caso, embora não mude a classe do vocábulo, o acento muda o significado do item. A colocação do acento retifica a informação de que se discute não a respeito de um chefe de Estado investido de realeza, mas a respeito de uma moeda. Nos dois casos seguintes, “démos” e “crédor”, a abertura por acento aproxima duas realidades distintas.

No primeiro caso, ocorre a abertura da tônica; no segundo caso, acentua-se a pretônica marcando o timbre aberto do item. Esses dados e os de fechamento deixam-nos ver que a função do acento no século XIX está além de marcar tonicidade. Marca também a abertura de pretônicas. Outro caso que merece uma reflexão é o que envolve as variantes “fôrma” e “fórma”. Para o falante do século XXI, sem dúvida o contexto requer o timbre aberto. Basta, contudo saber se havia na época para esse contexto uma variante fechada. Sabe-se, contemporaneamente, que os dois itens existem com significados diversos. Ao contrário da investida oitocentista, os homônimos não são acentuados no século XX. O último caso traz justamente uma situação inversa a que foi apresentada na passagem de timbre aberto para fechado indicado por acentuação. Se não são variantes de timbre para o substantivo que preenche o contexto, o segundo item retifica a opção equivocada do testemunho anterior. Além de separar os dados de acentuação por timbres aberto e fechado, dessa divisão, também separamos os casos de vogais anterior e posterior. Como nos exemplos abaixo:

a ventura de **ver** / **vêr** a luz [1]
 vão se **expor** / **expôr** os medicos elegantes [1]
vêm / **vem** logo a sogra
 cavalheiros trajam calça **flôr** / **flor** de alecrim e paletot alvadio ;

Se se **desse** / **dêsse** credito ao que elles dizem já o mundo estaria despovoado.
 livrar os **socios** / **sócios** das garras dos massantes. [2]
 atordoando os **echos** / **échos** / **echos** [8]
 que **móra** / **mora** na rua do Machado Coelho ? [11]

Antes de relatar sobre o possível condicionamento do tipo de vogal no fenômeno de abertura e fechamento de timbre, convém ressaltar que dos 91 dados de timbre fechado, há um grupo, contendo 9 dados que, embora tenham o timbre fechado, tem como função indicar o plural. Nesses casos, observamos a mudança de estratégia que deixa de ser por acentuação e passa a ser a duplicação da vogal, como em:

Os recitadores d’esta especie **têm** / **teem** em | geral[23]

Se desconsiderarmos esses casos, passamos a ter 82 casos de timbre fechado, o que corresponde a 52% de um total de 157 dados. A distribuição fica ainda mais equilibrada. Apurados os dados, podemos voltar à distribuição por tipo de vogal nos casos de timbre. Tanto nos dados de timbre fechado quanto nos de timbre aberto possuem a mesma quantidade de casos com a vogal anterior (50 casos). Em termos de porcentagem, tal quantidade representa para o timbre fechado 61% e para o timbre aberto, 67%. As vogais anteriores parecem mais instáveis na distribuição de timbre. Contudo, mais uma vez a distribuição é equilibrada, o que nos leva a outra subdivisão. Em cada tipo de timbre, podemos separar os casos com acento e os casos sem acento, como exemplificado anteriormente.

Dessa nova subdivisão conseguimos enxergar uma diferença. Trata-se dos casos de vogais posteriores marcadas com acento. Enquanto as de timbre fechado totalizam 30 dados, as de timbre aberto somam 18 dados, quase a metade. Podemos, com isso, afirmar que a ténue vantagem do timbre fechado decorre de um número maior da vogal posterior, suscetível de marcação gráfica, que se presta a essa qualidade sonora.

Outra função para a acentuação gráfica por nós categorizada tenta cobrir a estratégia de usar sinais gráficos para desfazer potenciais ambiguidades que certos itens lexicais apresentam se permanecessem homógrafos. Note-se que, ainda que não ambíguos em muitos contextos de uso levantados, a variação gráfica persiste e parece revelar, assim, que sua lógica normativa é a de se considerar a oposição entre os itens tomada *in absentia*. Essa estratégia corresponde a 20% do total de dados de variantes de acentuação em situações tais como:

sapatinho **a** / **á** Luiz XV.
 - Eu dou o doce de **coco** / **côco**. [13]
 sob o ponto de vista **pratico** / **prático**. |[18]

O primeiro caso é mais comum. São 56 dados de acento indicando crase (87,5%). Como observa Teyssier (1982, p. 82), o Brasil ignora em sílaba pretônica o timbre aberto e fechado, não havendo, portanto, a distinção do artigo feminino “a” e da preposição “a”, o que

resulta na não adoção do sinal que indica crase, recuperado no último testemunho do século. Grande confusão ainda hoje causa os homônimos do segundo exemplo. Pelo acento, no último testemunho, observa-se a tentativa de marcar a pronúncia paroxítona do item. Por fim, no último exemplo, como no anterior, temos dois itens diferentes elencados como variantes. O primeiro item seria, contemporaneamente, um verbo, e o segundo um adjetivo.

Nota-se pela observação da ocorrência desses itens que o testemunho C, mais afastado do jornal, procura desfazer os possíveis casos de potencial ambiguidade acrescentando o acento gráfico, mesmo naqueles casos em que o contexto desfaria qualquer margem de dupla interpretação. O importante para esse testemunho parecer ser facilitar a leitura do folhetim, sobretudo a quem não domina a pronúncia desses vocábulos.

Outra categoria que elencamos é marcação de acentuação para assinalar o que denominamos aqui de *memória de formação vocabular*, isto é, alguma sinalização gráfica que recupere ou indique etapa anterior de uso do item lexical, comum em mais da metade do século XX. Assim, o adjetivo “pálido”, marcado com o acento agudo, após a inclusão de sufixo “-mente”, passava a ser grafada “pàlidamente”, ou seja, o acento grave mantém a memória de sua grafagem anterior à formação do advérbio em -mente. No século XIX, já ocorria esse tipo de marcação gráfica, como podemos ver em uma das variantes do exemplo abaixo:

anunciado **previamente** / **préviamente** [13]

Talvez, não por acaso, constatamos a presença desse caso de grafagem para memória da formação justamente no testemunho que mais se aproxima do século XX.

Os casos de memória de formação totalizam 20 dados (6%). Trata-se de um número pequeno de dados, mas que demonstra a versatilidade da acentuação gráfica dos oitocentos. Expressões como *já mais*, *á manhã*, *á cerca* e *á parte*, para o testemunho C, quando passam a

configurar um composto, mantém o acento que já existia antes da formação. Veja os exemplos:

sem que **j**amais / **j**ámais consigam chegar ao fim. [2]

- Deixa estar, que **a**manhã / **á**manhã

Duas palavras **a**cerca / **á**cerca do Cyro [9]

E *a*quelle **a**parte / **á**parte que elle deu

Para o investigador que estuda os processos de formação de palavras, um olhar atento sobre a acentuação pode levá-lo a identificar alguns dados e até refletir sobre propriedades de composição presentes, por exemplo, no sufixo “-mente” que se comporta de forma semelhante a outros compostos.

Diferente da maioria dos dados, os dois casos a seguir ilustram o caminho inverso, ou seja, indicam a perda da marcação de memória de formação. No primeiro caso, isso só ocorre no testemunho C. Já o segundo caso a perda ocorre no testemunho B. Isso significa que era prática do século XIX marcar com acento algumas formações de palavras, contudo, muito mais recorrente no testemunho em livro.

dá só **dô** m^ê r^{ês} / **do** m^e r^{és} [12]

do **nhônhô** / *nhonhô*. [12]

O dado que mais aparece com esse tipo de marcação é o que possui o item “ámanhã”, como exemplificado anteriormente. Corresponde a 60% dos casos de marcação por memória de formação, o que demonstra uma tentativa de padronização no sistema de acentuação. Todos os casos que aparece o acento em “ámanhã” estão no testemunho C.

Outra categoria que nos permite refletir sobre a variante acentuação é o uso do acento para marcar simplesmente a tonicidade. A princípio, podemos pensar que essa categoria não tem nada a oferecer. Mas uma análise mais apurada faz-nos perceber que ao olhar as marcações por acento indicando a tonicidade, podemos reconhecer variantes de pronúncia de um vocábulo, bem como as soluções gráficas para representá-lo.

Elencamos 65 dados de casos envolvendo a marcação de tonicidade (21%). Dividimos os dados em: monossílabos, oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, hiatos e ditongos. Nossa intenção com isso era perceber em quais desses casos os testemunhos consideravam importante marcar com acento gráfico e qual a variante que predominou no testemunho do jornal e no testemunho do livro.

Desse levantamento, verificamos que o grupo mais instável para mudanças é o das palavras oxítonas. Reúne 22 casos. Há nitidamente a distinção do sistema do testemunho A (jornal) e o sistema dos demais testemunhos (livros). O testemunho B, desta vez se posiciona ao lado do C, pois 17 alterações já ocorrem em seu escopo. Nesse grupo ocorrem várias divergências entre os dois últimos testemunhos. O que geralmente acontece é a concordância AB ou BC. Nos casos de oxítonas, encontramos a combinação AC, como no exemplo a seguir:

- Olhe, já lá **está** / **està** / **está** a família do Siqueira; [20]

Não há no exemplo a divergência em marcar ou não marcar a tônica, mas demonstra a divergência de escolha do tipo de acento (agudo ou grave) dos testemunhos B e C.

Com base nesses 65 dados, observa-se que os monossílabos tônicos em “a” do testemunho A são acentuados:

Fazemos desde **já** esta observação, [5]

O testemunho B prefere marcar o monossílabo tônico em “a” com acento grave, ou simplesmente deixa de marcar, como podemos ver nos exemplos:

Fazemos desde **jà** esta observação, [5]

- Eu **la** sei. |[18]

O testemunho C costuma seguir o sistema do testemunho A, mas não é categórico. No último exemplo, observamos a decisão de não marcar com o acento:

Fazemos desde **já** esta observação, [5]

Ja tres enterros n'este mez! ||

Voltamos às oxítonas para sistematizar utilização do acento nos três testemunhos. No testemunho A, as oxítonas terminadas em “a” são acentuadas:

aquella casa **está** excommungada ! [4]

Já no testemunho B, além de se acentuar as oxítonas em “a”, também se acentuam as palavras terminadas em “u” e “em”:

convém que saiba o que se passa de vespera [4]

Ha de servir tambem o **perú**, [4]

É nesse testemunho que o uso de acento grave se torna mais constante para marcar algumas palavras oxítonas:

aquella casa **está** excommungada ! [4]

Feliz ou infelizmente, **porèm**,

O testemunho C também acentua as palavras oxítonas em “a”, conforme o testemunho A, além de marcar os mesmos casos do testemunho B, casos terminados com “u” e “em”. Nos dados, aparece um único caso em que se lança mão do acento grave:

No dia seguinte logo pela manhã estão todos a postos, **inclusivè** o chefe da familia [4]

Quanto às palavras paroxítonas, a tendência do testemunho A é não marcar com acento gráfico, com exceção de algumas formas verbais terminadas em “-mos”:

- E como **estava** bonita ! ||[14]

Chegámos em casa [13]

que **traçámos** in men[t]e ao encetar[14]

O mesmo ocorre no testemunho B, as palavras paroxítonas não recebem acento grave. A única diferença que ocorre entre os dois primeiros testemunhos se verifica no exemplo abaixo, em que a forma verbal aparece sem acento:

que **traçamos** in men[t]e ao encetar[14]

Já o testemunho C tende a marcar as palavras paroxítonas terminadas em “a”, “e” e “o”:

- E como **estáva** bonita ! ||[14]

negocio é **gráve** [17]

- **Duvido.** [[18]

Mais sistemático que o testemunho B, o terceiro testemunho não marca com acento as formas verbais terminadas em “-mos”:

Chegamos em casa [13]

que **traçamos** in men[t]e ao encetar[14]

As palavras proparoxítonas não são marcadas com acento gráfico no testemunho A, com exceção da palavra “única”:

Dispõe-se a comer arroz ; **única** iguaria [4]

pondo-se de **cocaras**, [13]

Já os testemunhos B e C marcam com acentuação gráfica os casos de palavras proparoxítonas, com exceção justamente de *unica*:

Dispõe-se a comer arroz ; **unica** iguaria [4]

pondo-se de **cócaras**, [13]

O testemunho A costuma acentuar os ditongos crescentes como *cáes*, *annáes*, *máu*, *páu*. O testemunho B também acentua os ditongos crescentes, porém com menor frequência. Neste testemunho, também temos a marcação dos ditongos crescentes, formando com isso hiatos, como no exemplo abaixo:

Quando vinha o tufão e a **falua / falúa** adornava, [13]

Por fim, o caso de hiato possui um número muito limitado de dados. A maioria com as variantes *saude/saúde*. A primeira variante ocorre no testemunho A e a segunda, nos testemunhos B e C. Não há sinal da antiga variante colonial que marcava os hiatos com a intercalação do grafema <h>.

Os testemunhos B e C aproximam-se nos casos de oxítonas, proparoxítonas, ditongos e hiatos. Nos casos de monossílabos os testemunhos afins são A e C, muito embora o testemunho B não deixe de marcar, porém com acento grave. Outro ponto de contato entre os testemunhos, agora A e B, é das palavras paroxítonas. Nota-se com essa descrição que há

mais pontos de encontro entre os testemunhos em livro (B e C) do que um desses testemunhos com o do jornal (A).

Cabe-nos comparar as regras estabelecidas na leitura desses dados com a regra de acentuação do final do século XX, a fim de perceber o que foi incorporado (ou o que perdura) à regra subjetiva contemporânea.

No caso dos monossílabos, acertadamente os testemunhos antecipam aquilo que viraria regra dos manuais no século XX. É claro que a regra foi ampliada, acrescentando-se além dos casos de “a”, também “e” e “o”. Apenas a proposta do acento grave do testemunho B não foi aceita no atual acordo, vigente desde 1990.

Os testemunhos B e C “acertam” na antecipação da marcação de hiatos e proparoxítonas, consoante ao que vira regra do século XX. No entanto, todos os testemunhos “falham” na marcação dos ditongos. Os testemunhos B e C antecipam, em parte os acentos em palavras oxítonas. Tanto “em” quanto “a” terminando palavras oxítonas recebem acento. Já as palavras terminadas em “u”, durante certo tempo no século XX, foram acentuadas. Observamos, ainda hoje, a manutenção dessa tendência na escrita corrente menos cerimoniosa em palavras como “Bangú” e “Nova Iguaçu”. Levantamentos informais em letreiros de ônibus, ou qualquer rápida recolha de dados em placas de rua no Rio de Janeiro confirmam a vitalidade da regra antiga. Além dos casos apresentados, a regra vigente também acentua as palavras terminadas em “e” e “o”.

Percebe-se que o último testemunho reflete a transição de marcação de acentuação. Quase sempre o testemunho C se aproxima do que foi adotado no século XX, com exceção dos ditongos, já comentados, e das palavras paroxítonas, que deixam de ser acentuadas, seguindo, portanto, os testemunhos A e B, por não representar a exceção, o que inflacionaria os casos de palavras acentuadas.

3.1.3 – Flutuação no emprego de letras

A terceira variante agrupa casos de flutuação no emprego de letras. Reunimos aqui dados de inversão, omissão ou alteração de caracteres, ou acréscimo/omissão de sílaba, letras separadas ou juntas, maiúsculas e minúsculas, numerais, destaques por meio de itálico e latinizações:

Testemunhos A e B: os **pormenores** mais interessantes [12]

Testemunho C: os **promenores** mais interessantes [12]

Testemunhos A e B: **empresa** Gary, [1]

Testemunho C: **empreza** Gary, [1]

Testemunhos A e C: ha um homem, que **envenena**-me a existencia dia por dia, [2]

Testemunho B: ha um homem, que **envena**-me a existencia dia por dia, [2]

Testemunho A: e **sobretudo** eleições, [1]

Testemunhos B e C: e **sobre tudo** eleições, [1]

Testemunhos A e B: Sigamos a nossa **de rota**. [1]

Testemunho C: Sigamos a nossa **derrota**. [1]

Testemunho A: Passemos aos bailes de **2^a** classe. [3]

Testemunhos B e C: Passemos aos bailes de **segunda** classe. [3]

Testemunho A: Alli conversa-se do meio dia ás tres horas. || - Como pretende fazer a sua **polonaise**? [1]

Testemunhos B e C: Alli conversa-se do meio dia ás tres horas. || - Como pretende fazer a sua **polonaise** ? [1]

Testemunhos A e B: E' alli onde se armam os **cavalleiros** nas letras, [1]

Testemunho C: E' alli onde se armam os **cavaleiros** nas letras, [1]

Há apenas dois dados de inversão de letras: caso já citado no primeiro exemplo (pormenores/promenores) e o caso “d’esses > d’esess > d’esses”. O primeiro caso inversão de letras só ocorre no testemunho C. Ao que parece, houve um erro de tipografia, pois no contexto a variante “pormenores” preenche adequadamente, contudo deixa margem a existência da segunda variante. A respeito de *d’esses/d’esess* o percurso dessas variantes nos leva a conclusões mais consistentes. Nota-se que o item é realizado em A conforme o

conhecemos hoje em dia; no testemunho B, ocorre o possível “erro” que é retificado no testemunho seguinte. Em outras palavras, C volta à forma de A.

A alteração de letras apresenta um número bem mais significativo de dados. São, ao total, 180 dados, divididos em vogais e, dentre outras, consoantes, sibilantes e nasais. As sibilantes reúnem as variantes s/z, ç/s, x/s, c/s, sc/s, Ø/s e ss/s, como nos exemplos abaixo:

empresa / empreza Gary, [1]
 Quando chegam os **dançantes / dansantes** á ultima | marca, [3]
 sempre uma fila de **expectadores / espectadores**, [3]
 é do Ceará **Ceará / Seará**, a mulher do ministro [10]
 repete a | mesma **scena / sena** [12]
 - **Yess / Yes**.

O caso mais frequente reúne 50 dados das variantes de “s/z”. Com exceção de três dados em que as variantes aparecem no final de palavra, os demais casos s/z aparecem no interior da palavra, em contexto intervocálico. Os itens em que as variantes s/z ocorrem no final de palavras são “atrás/atraz, aliás/aliaz e assás/assaz”:

Atrás / Atraz caminha a consorte. [16]
 que têm a amabilidade, **aliás / aliaz** muito commum, [15]
 O interior das casas oferece tambem scenas **assás / assaz** interessantes. ||[14]

O testemunho C, diferente dos demais, optou em colocar “z”. Se por um lado observa-se a uniformidade da aplicação da escolha, por outro, observa-se que a representação gráfica acabou não seguindo a realização desse segmento dos falantes do Rio de Janeiro, o que não descarta a possibilidade de ter havido ainda no século XIX também essa realização. Outra tentativa de explicar o uso do “z” pode ser para marcar a pronúncia chiente do final da palavra, assim, tais vocábulos se diferenciariam de outros vocábulos que tivessem de fato o segmento fônico [s] no final de palavra.

As variantes de s/z que ocorrem em contexto intervocálico revelam com precisão que tais realizações possuem o som de [z]. A distribuição pelos testemunhos leva-nos a constatar a mudança progressiva, da forma inspirada na tradição, por exemplo, “mesa” (do latim, mesae, mesarum) para a forma baseada na pronúncia, “meza”.

Dessas 50 palavras em que ocorrem as variantes, selecionamos 30 ocorrências, baseados na “não repetição” do vocábulo, ou seja, não usamos palavras repetidas para formar uma tabela de progressão de variantes. Só repetimos os dados em que houve hesitação no primeiro testemunho, casos que veremos detalhadamente adiante. Na tabela abaixo, detalhamos a distribuição de s/z nos 3 testemunhos:

Testemunhos	S	Z
A	26	4
B	14	16
C	3	27

Tabela 24: Distribuição de s/z nos 3 testemunhos

Nota-se que o uso do “s” é mais frequente no testemunho A. No testemunho B, realizado logo a seguir a publicação do testemunho A, já observamos um equilíbrio na distribuição das ocorrências. Por fim, a situação se inverte no final do século, passando “z” a ser a opção para indicar o som [z] em contexto intervocálico. Verifica-se, assim, que a opção do periódico nitidamente se diferencia da opção dos livros. O equilíbrio no testemunho B se justificaria pela proximidade com a primeira edição e a intervenção do autor.

Apresentamos a seguir a tabela elencando as palavras não repetidas que apresentam tais variantes. Na primeira coluna, temos as variantes do primeiro testemunho, na segunda, do segundo testemunho, na terceira, do terceiro testemunho e na quarta como tais vocábulos têm sido escritos:

A	B	C	XX/XXI
Alcasar	Alcazar	Alcazar	alcazar
Aseite	azeite	azeite	azeite
bases	bases	bazes	bases
Brasil	Brazil	Brazil	Brasil
Briza	brisa	brisa	brisa
burguesia	burguesia	burguezia	burguesia
cosinha cozinha	cosinha cozinha	cozinha cosinha	cozinha
crusar	cruzar	cruzar	cruzar
delicadesas	delicadesas	delicadezas	delicadezas
empresa	empresa	empreza	empresa
Felisardo	Felisardo	Felizardo	felizardo
gozarem	gozarem	gosarem	gozarem
Jesus	Jezus	Jezus	Jesus
mesa	meza	mesa	mesa

mesa	meza	meza	
Nobresa	nobresa	nobreza	nobreza
Paraíso	paraizo	paraizo	paraíso
poseste	poseste	pozeste	puseste
praseres	prazeres	prazeres	prazeres
Proesas	proesas	proezas	proezas
rapasiada	rapasiada	rapaziada	rapaziada
resam	resam	rezam	rezam
singelesa	singelesa	singeleza	singeleza
sobremesa sobremesa	sobremesa sobremeza	sobremeza sobremeza	sobremesa
transitam	transitam	tranzitam	transitam
visinha vizinha	vizinha vizinha	vizinha visinha	vizinha
visinhança	visinhança	visinhança	visinhança

Tabela 25: Comparação de vocábulos com "s/z"

Ao compararmos tais testemunhos com as realizações do final do século XX e início do século XXI, verificamos que a investida gráfica desses testemunhos encontrou 50% de aceitação da escrita modelar dos séculos seguintes. Os testemunhos A e B adotaram 15 casos dentre as variantes que se fixaram no século XX. O testemunho C, 16 casos.

Alguns dados aparecem repetidos, como *cosinha/cozinha*, *visinha/vizinha*, pois em um mesmo testemunho (A), ora o vocábulo aparece grafado com “s”, ora com “z”, o que demonstra que são possibilidades tanto para o jornal, quanto para o livro. Contudo, distribuição acena para a tendência de cada testemunho: nos jornais, o uso do “s”, nos livros, o uso do “z”.

O caso da palavra “*mesa*” merece um comentário especial, pois, no testemunho A é grafada categoricamente com “s”. Já no testemunho B o vocábulo aparece grafado com “z”. No entanto, no testemunho C, encontramos a oscilação, ou seja, temos a ocorrência das duas variantes. Soma-se a esse exemplo o da palavra “*sobremesa*”. No testemunho A, realização com “s”; no testemunho B, oscilação, muito embora todos os casos de *meza* desse testemunho apareçam com “z”. Por fim, o testemunho C em que o vocábulo aparece grafado com “z”. Essa flutuação de grafação nos impressos modelares de item lexical tão comum é exemplar

para demonstrar o quanto a escrita culta oitocentista materializava um princípio bem simples: a norma é seguir tendências e não cumprir regras gráficas homogeneizantes.

Além das variantes s/z, temos ainda outros casos. São eles: ç/s, x/s, c/s, sc/s, Ø/s e ss/s. Aparecem em menor número, chegando a totalizar 18 dados apenas. Desses dados, o mais frequente (7 dados) é caso das variantes “x/s”:

sempre uma fila de **expectadores / espectadores**, [3]

Parece-me que os estou vendo em tão **esplendido / esplendido** cenário. [8]

Como podemos observar, a passagem de “x” para “s” não é categórica. Também encontramos a passagem da variante “s” para “x”, inclusive, com a mesma palavra (vide o exemplo). Contudo, são apenas dois dados em que essa última disposição de variantes aparece. O outro exemplo também é com vocábulo *esplêndido*:

os mais **esplendidos / esplendidos**

Outro caso que merece menção é das variantes s/c. O único dado em que elas ocorrem, aparecem em contexto intervocálico. O testemunho A, como lhe é comum, opta em utilizar “s”. No testemunho B, respaldado pelo testemunho C, observando que em contexto intervocálico o segmento passa a ser lido com som de [z], a opção de preenchimento passa a ser o “c”:

para **resitar / recitar**. [23]

Nos demais casos, em que, no primeiro testemunho, encontramos palavras grafadas com “ç, c, sc, Ø e ss”, como *cançada*, *Ceará*, *scena*, *chaine* e *yess*, convergem nos testemunhos seguintes para “s”, o que indica uma tentativa de simplificar a grafiação das simbilantes. Veja os exemplos:

Quando chegam os **dançantes / dansantes** á ultima marca, [3]

- Mamãï não está **cançada / cansada** ? [15]

é do **Ceará / Seará**, a mulher do ministro [10]

repete a mesma **scena / sena** [12]

- **Chaine / Chaines** des dames de apanhar jaboticabas. [13]

- **Yess / Yes**.

enche o vacuo dos pratos com **scentelhas** / **sentelhas** do mais fino espirito, [17]

Quando voltamos nosso olhar investigativo para as vogais, deparamo-nos com boa quantidade de dados. Ao total, são 82 dados em que procuramos dividir, levando em consideração a altura e posicionamento, ditongação, monotongação e introdução de segmento.

Assim, temos casos em que, na mudança de testemunho, a variante passa de vogal alta para média. É o caso de “i/e” e “u/o”:

uma das mimosas **crianças** / **creanças**. [9]
Então o **cumprimento** / **comprimento** é mais lisongeiro

Também ocorre o inverso. Temos casos de vogais médias que passam a vogais altas, como nos casos de “e/i” e “o/u”:

- Homem, isto não **endireita** / **indireita**, [15]
a inocente menina nunca o **sorprehenda** / **surprehenda** no meio da sala. [17]

Há casos de vogal média que passa para vogal baixa, “o/a”, e de vogal baixa que passa para média, “a/e”:

o ganso do **Capitolio** / **Capitalio** que dá o signal d’alarma. [3]
tem agua, gaz, esgoto, tanque **para** / **pera** lavar roupa, [6]

Temos casos de vogal anterior que passa a vogal posterior, “e/o”, e vogal posterior que passa a anterior, “o/e”:

phrases que só servem para **prolengar** / **prolongar** a agonia dos que soffrem, [7]
e **consento** [*sic*] / **consente** que o capim cresça em suas ruas, [20]

Existem casos de monotongação, ou seja, quando o ditongo sofre a redução de uma vogal. Em nosso *corpus* identificamos as variantes “ei/e”, “ou/o” e “io/o”:

uma negra com a competente **bandeija** / **bandeja** do chá, [5]
pertence a um **crioulinho** / **criolinho**, preto como o azeviche, [9]
é uma especie de vermuth ou **absinthio** / **absintho**, [5]

Os ditongos também compõem o grupo de dados de vogais. São, por sinal, como podemos perceber, bem variados. Realizam-se nas variantes “ou/oi”, “ão/õo”, “oi/ou”, “ã/ãe”, “ai/ae”, “au/ao”, “éu/éo” e “iu/io”:

- *Vai alta a **noute** / **noite**, na mansão da morte*
 dirige-se áquelle salvador da **situação** / **situação**, [3]
 que ninguém dizia **coisa** / **cousa** alguma, [5]
 minha **mã**i / **mã**e,... [7]
 uma rua muito comprida, que **vai** / **vae** desembocar n'um largo, [11]
 - **Máu** ! / **Máu**! / **Máu**!
 Que anjinho do **céu** / **céo**! [8]
 e a qual **veiu** / **veio** expressamente para fazer o vatapá. [4]

Além desses casos envolvendo ditongos. Há um caso de ditongação com as variantes “ê/ei”:

N'esta mesa uns **banquetêam-se** / **banqueteiam-se**, [10]

Por fim, alguns casos envolvendo a introdução de “e”, formando as sequências “es” e “eem”, fecham esse conjunto de dados de vogais:

Os maridos **têm** / **teem** a cautela de recommen- | dar[20]
 E' aquelle carro de boi, que vem acordando os échos da matta com o seu rinchar **stridente** / **estridente** e monotono, [16]

Podemos observar a distribuição dos dados na tabela a seguir:

Variantes	Quantidade	Grupo	%
i/e	7	Vogal alta para vogal média	18
u/o	8		
e/i	2	Vogal média para vogal alta	6,2
o/u	3		
o/a	2	Vogal média para baixa	2,4
a/e	2	Vogal baixa para média	2,4
e/o	6	Vogal anterior para posterior	7,4
o/e	3	Vogal posterior para anterior	3,6
ei/e	2	Monotongação	4,8
ou/o	1		
io/o	1		
ou/oi	6		

ão/õo	1	Ditongos	42,6
oi/ou	3		
ãi/ãe	3		
ê/ei	1		
ai/ae	5		
au/ao	2		
éu/eo	5		
iu/io (veiu/veio)	9		
ê/êem/eem	9	Introdução de “e”	12,2
s/es	1		

Tabela 26: Distribuição das vogais

As variantes mais frequentes desse grupo envolvem os casos de ditongo. Os 35 dados (42,6%) podem indicar tanto a instabilidade dos ditongos quanto a hesitação de sua forma escrita. Vocábulos como “coisa” e “cousa”, por exemplo, são realizados em um mesmo testemunho. Ou ainda, casos de oscilação, desta vez entre os testemunhos, em que *máu* do testemunho A passa a *máo* no testemunho B e volta para *máu*. Quanto o caso envolvendo as variante oi/ou, acompanhando o desenvolvimento das escolhas, é mais frequente a passagem de “ou” para “oi” (6 dados) do que “oi” para “ou” (3 dados).

Entre os ditongos, preferimos agrupar também as ocorrências das variantes *veio/veiu*, consideradas tradicionalmente como tritongo. Focamos apenas nos dois últimos elementos e mais uma vez os 9 dados indicam a preferência pelas vogais médias do último testemunho.

Embora só exista um caso de ditongação (**banquetêam-se > banqueteiam-se**), há 4 casos de monotongação, ou seja, mesmo não havendo instabilidade da escolha, todos os testemunhos escritos não criam outros casos de ditongo, apenas tendem a manter a ditongação e, em somente 4 casos, temos a monotongação, a maioria registrada no último testemunho.

O segundo caso com mais ocorrências reúne as vogais altas e médias. Há 15 ocorrências de passagem, de A para B, em que a vogal alta passa para média. Isso corresponde a 18,4% dos dados de vogais, mostrando, portanto, que a tendência na passagem de testemunhos é a vogal antes alta passar a média, sobretudo no testemunho C, em alguns

casos, como em “Miquilina”, observa-se a harmonização da vogal pretônica com as vogais adjacentes, não necessariamente a tônica, como “privilégio”, grafada também como “previlégio”, provavelmente por analogia a palavras com o prefixo “pre-”. Esses dados estão em consonância com os de ditongos em que o último segmento que era representado por “i” e “u” no primeiro testemunho passam a ser representados por “e” e “i”, respectivamente. Soma-se a isso o fato de todos os casos de monotongação convergirem também para uma vogal média.

Há 10 casos (12,2%) de introdução de “e”, um no início de palavra, *stridente/estridente*. Nessa realização, a primeira variante aparece no testemunho A, na sua forma latinizada, diferente do testemunho C que procura aportuguesar o item. Os demais casos utilizam o acréscimo da vogal “e” para indicar o plural, conforme observamos no exemplo abaixo:

Os maridos **têm / teem** a cautela de recommendar[20]
 Já **vêm / vêem** os leitores que não ha nada mais commodo ! [20]

Os demais 12,2% dos dados reúnem casos pouco frequentes de realizações pouco comuns de vogal média passando a baixa, vogal baixa passando a média, vogal anterior média, passando a posterior média e vogal posterior média passando a vogal média anterior. São casos que nos levam a refletir não sobre a existência de variantes gráficas para um elemento, mas sim sobre a existência de erros tipográficos, como em:

o ganso do **Capitolio / Capitalio** que dá o signal d’alarma. [3]
 pula para o meio da sala, bate **palmas / palmes / palmas** e exclama [3]

No primeiro caso, desde o latim a vogal tônica da palavra é grafada com “o” (do latim, Capitolium), que significa templo de Júpiter erguido em uma das sete colunas de Roma. No segundo caso, o testemunho B realiza com uma vogal média, no entanto, no testemunho C,

esse mesmo segmento é retificado, consoante o testemunho A. A tabela abaixo ilustra as ocorrências nos três testemunhos:

B	C	AC≠B
18	58	6

Tabela 27: Alterações de vogais

A maioria das alterações de variante só ocorre no testemunho C (70,7%), o que corresponde a 58 dados, indicando que o testemunho mais próximo ao século XX tende a regularizar a escrita, não tanto por aquilo que seria a pronúncia, como acontece no testemunho A, mas pela tradição de livro que segue outro modelo menos popular e mais acadêmico que o jornal. Ainda hoje tais casos causam dificuldade a um falante em processo de aquisição de escrita.

Os seis dados em que o testemunho C retoma a variante do testemunho A é uma boa indicação de que o editor tinha acesso aos dois testemunhos anteriores e que embora tivesse resolvido realizar uma edição revisada atualizando a grafia, como os dados estão indicando, ele também conserta os casos de possíveis erros tipográficos cometidos pelo segundo testemunho.

Os verbos na terceira pessoa do plural do presente do indicativo são um bom exemplo de diferentes escolhas entre o testemunho dos periódicos e os testemunhos dos livros. O testemunho A opta pela variante “ão”, como em “sentão-se”. As outras opções optam por “m”, como em “sentam-se”. Todos os 7 dados coletados ocorrem a partir do testemunho B e são mantidos no testemunho C, conforme observamos no exemplo:

limitão-se / limitam-se apenas a enxotar as moscas [4]

As variantes “b/v”, dos casos *assobiando/assoviando* e *esvelto/esbelto*, reúnem um total de 4 dados, dos quais 3 deles passam do primeiro testemunho para os demais de “b” para “v”. Esses três casos ocorrem no testemunho C. O único caso em que ocorre no testemunho C tem passagem inversa, ou seja, passa de “v” para “b”, como nos exemplos:

e que passa a vida cantarolando ou **assobiando** / **assoviando** pedaços de Operas. [2]
 é um crioulo **esvelto** / **esbelto** e inteligente. [21]

Há 3 dados das variantes “g/j”, como em *lisongeiro/lisonjeiro*. O testemunho A opta pela variante “g”, enquanto os outros testemunhos, pelo “j”, seguindo a mesma tendência das variantes “ão/m” e “b/v”.

Há outros casos com menor frequência envolvendo alteração de letras. Um deles envolve variantes provavelmente por decisão estilística, como em:

- **Chiii** / **Chii** !! [21]

Lembra-se ? *Tá, ró, ró, tri / tai, tri...* >> [2]

Ou ainda em outros casos de troca de consoante, como nos exemplos abaixo:

na Prainha, **Wallongo** / **Vallongo**, rua do Livramento [3]

que exerce as suas funções, supponhamos, na freguezia **frequenzia** / **freguezia** do Engenho Velho, [7]

Não haverá por ahí quem me dê um paletot **engommado** / **emgommado** !! || [5]

Desse último exemplo, há mais três casos em que há oscilação das variantes “m/n”.

Além desses casos, há mais 8 dados de variantes que sugerem erro tipográfico. O suposto erro tipográfico ocorre no testemunho A e já no testemunho B ocorre a revisão.

tão importante nos **fastos** [*sic*] / **factos** da nossa vida intima [12]

O **segungo** [*sic*] / **segundo** sofre [14]

mas m[*o*]de[s]ta, para **vê** / **vêr** chegar o trem da côrte á *Fonte dos Suspiros*. [20]

As variantes “fastos” e “segungo” são casos evidentes de erros tipográficos ocorridos no primeiro testemunho e revistos nos testemunhos seguintes. Diga-se de passagem, a realização “segungo” ocorre duas vezes no primeiro testemunho. As variantes do “Ø/r” presentes em “vê” e “vêr” pode ser tanto erro tipográfico, ou seja, erro de composição dos tipos gráficos, ou erro do editor, que poderia ter deixado passar um caso de infinitivo iniciado pela preposição “para”.

Até agora vimos casos de alterações gráficas, ou seja, a troca de um segmento por outro. Os próximos casos reúnem dados de acréscimo ou retirada de algum segmento, conforme os exemplos a seguir:

- Ora assim elle não póde **adivinhar** / **advihar**, [2]
 ha um homem, que **envenena-me** / **envena-me** a existencia dia por dia,
 unindo-se em fraternal amplexo ao **rubinco** / **rubicundo** paio d'além mar, [13]
 se não fôra o **susurro** / **sussuro** que alli reina, [16]

No primeiro exemplo, em relação à primeira variante, que figura o testemunho A, o item perdeu dois segmentos, o “i” após a consoante “d”, provavelmente em consonância com as palavras iniciadas por “ad”, como “advogado”. O outro segmento que não aparece na segunda variante é o “n” do dígrafo “nh”, que poderia sinalizar uma realização despalatalizada. O exemplo seguinte assiná-la um caso de retirada de uma sílaba, e por sinal, uma sílaba importante para a pronúncia e identificação da palavra. Trata-se de mais um caso que podemos associar ao descuido do editor, desta vez, no testemunho B. Inclusive esse item foi retificado em C de acordo com o testemunho A.

Os dois exemplos seguintes ilustram os casos de acréscimo. No primeiro deles, o acréscimo de uma sílaba. Nos dois casos, o acréscimo só ocorre no testemunho C. No primeiro caso, a ausência da sílaba impede a identificação do significado. No segundo caso, o uso de “ss” revela a coexistência das duas variantes no mesmo testemunho, chegando quase a se configurar como uma decisão do editor, a exemplo de “z”, caso já comentado, usado “geralmente” em contexto intervocálico quando o som é [z].

Os casos de acréscimo ou retirada de segmentos representa 2,8% do total de dados de alteração gráfica. São 13 dados que podem ser divididos, como o título do subgrupo sugere, em segmentos acrescentados e segmentos retirados. O que se observa é o equilíbrio na distribuição desses dados. Há 7 dados para a retirada de segmentos e 6 dados de acréscimo de segmento. As retiradas ocorreram, em sua maioria, no testemunho B, o que para nós, com olhos contemporâneos em relação às escolhas gráficas, representariam um problema de revisão do editor. Esse possível problema do editor também nos informa que o trabalho de passagem do jornal para o livro, elaborados na mesma época, não foi simplesmente pegar os tipos já compostos e colocar em formato de livro. Na verdade, os dados indicam que foram

recompostos. A inclusão de segmento praticada principalmente pelo testemunho C, com esses mesmos olhos contemporâneos, levar-nos-ia a crer na retificação do texto, uma vez que foram formas adotadas para o século XX e ainda vigentes no século XXI, como observamos em: “advinhou > adivinhou”, “susurro > sussuro”, “rubinco > rubicundo”, por exemplo.

O testemunho C procura, com base nesses e como sugere a capa do livro, revisar os folhetins interferindo nas construções consideradas “erradas” nos demais testemunhos, como também discordando com o testemunho anterior em livro quando lhe falta apuro na revisão. O exemplo abaixo demonstra justamente isso:

A	B	C
assassina	assasina	assassina

Tabela 28: Omissão de sílaba

Tanto no acréscimo, quanto na retirada, há apenas um dado em que elemento é uma sílaba. O não aparecimento de uma letra, ou o aparecimento de uma letra desnecessária são menos salientes do que o aparecimento ou não-aparecimento de sílaba, não só em termos fônicos, mas principalmente em termos semânticos. Nos dois exemplos apresentados, vimos que a ausência da sílaba dificulta identificação do significado do vocábulo.

3.1.4 – Junção ou separação de segmentos

Merecem também menção as variantes referentes ao limite das palavras, ou seja, aos casos de junção de palavras e separação de segmentos que formam palavras. O espaço em branco entre as palavras foi um recurso introduzido na escrita para facilitar a leitura. Cambraia (2005, p. 120) afirma que inicialmente o espaço em branco, durante o período medieval, envolvia aquilo que correspondia o vocábulo fonológico. Mais tarde, passou a corresponder ao vocábulo morfológico. No século XIX, encontramos ainda tensão na identificação dos limites de um vocábulo, como vamos ver na sequência.

Procuramos sistematizar os dados de separação e junção, embora não sejam muitos os de variantes de separação de segmentos. São, ao todo, 17 dados. A maioria (14 dados) indica a decisão dos testemunhos em livro de separar as preposições de outras classes de palavras. Em relação a isso, Beclua afirma, sobre outra fase gráfica (período medieval), que “los casos más frecuentes son aquellos en que aparecen preposiciones aglutinadas con artículos y pronombres” (BECLUA, 1983, p. 139). Ainda percebemos essa tensão no século XIX, por isso realizamos mais essa subdivisão, observando quais os segmentos que se juntam e quais se separam a fim de verificar se é uma opção de cada testemunho, estabelecendo a diferença jornal e livro, ou simplesmente demonstra a dificuldade de se estabelecer a fronteira entre esses elementos, fazendo com que apareçam as variantes na junção e na separação.

O caso de separação mais frequente conta com a presença da preposição “de”. No testemunho A, aparece a variante junta, como em “d’ourives” e a partir do testemunho B, encontramos “de ourives”. Há outros casos menos frequentes, como “emcima > em cima”. Nesse caso, a preposição “em” deixa de expressar o processo que a lexicalizou. Nos casos com a preposição “de”, encontramos esse elemento combinado com pronome, substantivo, advérbio e artigo, com podemos visualizar nos exemplos abaixo:

sem dó nem piedade mimosos versos **d’algum / de algum** poeta desconhecido, [3]
 como um especie de jogo **d’anel / do anel**. [4]
 - Menina sahe **de detraz / de traz** d’este armario! [6]
 com as saudosas estrophes **d’uma / de uma** canção da terra. [8]

Há dois casos de separação que sugerem erro tipográfico. Ambos ocorreram no segundo testemunho e não foram revisados pelo terceiro. O primeiro caso envolve uma palavra estrangeira, a inabilidade do editor para com outra língua pode ter sido decisiva. O segundo caso com uma palavra muito comum na língua, o que reforça a existência de erro tipográfico, em função da marcação de hiato. Veja os exemplos abaixo:

E a historia **continúa / continú a** por ahi além, [2]
 E’ aquella que começa assim: *Quando il tuo / tu o labro*. [2]

Por fim, uma decisão estilística no testemunho B separa segmentos idênticos de uma onomatopeia. Tal decisão do livro dificulta a visualização do item como vocábulo, por isso, no século XX, encontramos “tintim”, tin-tin” e “tim-tim”:

Isto é um peralta, canta *tintim por tintin / tin tin por tin tin* tudo quanto o senhor acabou de ouvir , [2]

Os casos de junção são bem mais numerosos. Correspondem a 86% dos dados desse grupo de variantes, envolvendo junções separações. Portanto, percebe-se ao mesmo tempo a tensão existente nessa variante e a tendência dos testemunhos de livro em usar as variantes juntas. Desses dados de junção, em 80,9% há uma preposição na constituição do elemento. A preposição mais recorrente novamente foi a preposição “de” com 72,9% de ocorrência entre as preposições. A preposição “de” se combina com substantivo, advérbio e verbo:

A cosinha é uma confusão indiscreta de cascas **de ovos / d’ovos**, pennas, [4]

- Sei que o senhor parte depois **de amanhã / d’amanhã** [11]

que a terra **ha de / ha-de** comer. |[23]

Diferente dos casos de separação de segmento com a preposição “de”, na junção não aparece a preposição combinando com artigos. Parece que esse tipo de decisão já foi resolvido nos testemunhos em livro. Em comum, temos a combinação de preposição “de” e substantivo e advérbio. Encontramos casos com pronome. No entanto, não são casos que indicam a passagem de uma variante para outra. São casos em que observamos a alteração da maneira de marcar a junção, como em:

e digo-lhe **d’esde / desde** já [10]

O que inflacionou a presença da combinação “de + substantivo/advérbio/verbo” foi a frequência de dados com verbo, com a estrutura “ha-de”, como no exemplo dado acima. A recorrência dessa estrutura chega a 75,8% dos dados (todas no testemunho C). Se retirarmos esses dados, teremos quase mesma quantidade de dados (15 dados) dos casos de separação (14 dados). No entanto, não significa que terá a mesma porcentagem, pois a distribuição de

junção é bem mais rica. Envolve também casos com outras preposições, advérbios, conjunções, prefixo, substantivos e adjetivo:

com **sobre casacas / sobrecasacas** domingueiras, [14]

e *termos de bem viver / bem-viver*. [12]

- E' verdade, nem **se quer / sequer** passou o pente pela cabeça ! [5]

co-religionario / correligionario entrar pela casa [6]

no **Cosme Velho / Cosme-Velho**. [11]

tenente coronel / tenente-coronel David Horacio das Chagas convidam aos seus parentes e amigos

Se na separação de segmentos encontramos casos como “continú a”, na junção encontramos casos em que o testemunho C retifica o primeiro testemunho, juntando segmentos, como observamos nos casos abaixo:

os **assignant es / assignantes** *quand-même*, [22]

e | os mais rigoristas **nã o / não** dispensam *gibus*. [22]

Verificamos que há 3 estratégias de juntar segmentos. Com o uso do hífen, do apóstrofo ou simplesmente eliminação de espaço, o redator podia marcar a junção:

pensa um momento **se quer / sequer** na dor pro- | [7]

no **Cosme Velho / Cosme-Velho**. [11]

- Sei que o senhor parte depois **de amanhã / d'amanhã** [11]

Nas combinações advérbio+substantivo, conjunção+verbo, substantivo+substantivo, substantivo+adjetivo e adjetivo+adjetivo e com algumas combinações com preposição, como o “ha-de”, a estratégia utilizada é marcar com hífen. É a estratégia mais recorrente do que as demais. Isso parece indicar que, ainda que o redator reconheça dois elementos, prefere adotar um determinado sistema pautado em tradição gráfica que marca a identidade dos elementos. O uso do apóstrofo não é muito frequente. Ele se opõe à eliminação de espaço em branco ao deixar no elemento formado o traço de composição dos elementos formadores, que, às vezes, só existiu no latim, como o caso de “d’entro” (do latim, de+intro). Por isso, também aparece como mais uma possibilidade para a escolha nem sempre sistemática do redator:

A	B	C
d'aquelles	daquelles	d'aquelles

Tabela 29: Irregularidade na representação da junção

Por fim, um último caso fecha o comentário sobre a junção de segmentos. A junção pode ser simplesmente para resolver problemas tipográficos, como o exemplo abaixo em que a junção representa a retificação de um erro tipográfico:

Sigamos a nossa **de rota** [sic] / **derrota** [1]

Há ainda o grupo de alteração de segmentos com os casos de numerais. Há apenas 4 dados de variantes numerais. São eles:

E' d'alli que sahem os assignantes para **as duas primeiras** / **as primeiras** filas de cadeiras do theatro lyrico, [1]

Passemos aos bailes de **2^a** / **segunda** classe. [3]

A's **6** / **seis** horas da tarde [11]

A's **3** / **tres** horas da tarde [12]

No primeiro exemplo, temos a omissão do numeral cardinal a partir do testemunho B. Enquanto no testemunho A, temos a precisão de quantas filas o autor se refere, nos demais testemunhos há uma informação genérica que pode corresponder as duas primeiras ou as quatro primeiras filas. Portanto, trata-se de uma opção que pode deixar a informação mais específica ou mais genérica.

Nos três exemplos a seguir a mudança de opção entre o testemunho dos periódicos e dos livros está na passagem do algarismo para a palavra, o que pode indicar que as opções dos livros são menos sintéticas que as opções do jornal.

3.1.5 – Uso de letras maiúsculas e minúsculas

Observamos também uma recorrência da variação entre letras maiúsculas e minúsculas entre os testemunhos. Cambraia diz que “são minúsculos os caracteres que se estendem conjuntamente por uma pauta tetralinear; e maiúsculos os que se limitam conjuntamente a uma pauta trilinear” (CAMBRAIA, 2005, p. 113). O caractere minúsculo se concentra nas duas linhas centrais da pauta, projetando as extremidades do módulo tanto para a linha de

cima quanto para linha de baixo. Já o caractere maiúsculo não tem projeções para a linha de baixo da pauta. Ele se concentra nas três linhas superiores da pauta.

Quem trabalha com a transcrição de manuscritos encontra alguns problemas para identificação desses módulos. Casos como “O” e “o” geram grande dúvidas. Ou ainda, há casos em que o redator não estabelece a oposição entre maiúsculas e minúsculas, trazendo como consequência a dificuldade de precisar o início de uma nova sentença. Nosso *corpus* é formado por textos impressos. Portanto, não enfrentamos dificuldades para a identificação desses elementos.

O que observamos com esses dados foi a frequência de variação, a tendência dos testemunhos em livro (passar para maiúscula ou minúscula) e observar os itens em que ocorreram a variação.

Foram 37 dados dessas variantes, o que corresponde a 8,1% do total de dados de alteração de segmentos. Trata-se de um valor significativo em virtude da quantidade de variantes que fazem parte desse grupo maior. Mudar o módulo para maiúsculo ou minúsculo significa ou mudar o início de uma sentença, portanto uma alteração sintático-semântica, ou mudar o destaque das informações. Em um *corpus* em que há 8,1% de variação demonstra a tensão envolvendo tal escolha, como também indica novas decisões.

Do total de dados das variantes maiúsculas e minúsculas, há mais casos de passagem de maiúscula do testemunho A para minúscula dos demais. Essa passagem corresponde a 67,6% dos dados. Existem 10 dados indicando que essa mudança é consequência da alteração da pontuação. Observa-se com isso que uma das funções da letra maiúscula nesses textos oitocentistas é marcar o início de período. Na passagem de minúscula para maiúscula também aparecem dados de mudança por consequência de alteração de pontuação, o que ratifica nossa afirmação:

|| - E' seu *Perú Recheado* , sim **senhora.** / **senhora, Aquelle** / **aquelle** homem , muito gordo, [9]

- Deveras ? || - Sim, **senhora.** || - Ninguém **dirá,** / **dirá. parece** / **Parece** que é incapaz de matar uma mosca. [12]

Observa-se ainda que os testemunhos em livro optam em não marcar com a letra maiúscula as palavras que seguem ponto de exclamação, ponto e vírgula, e, eventualmente, travessão:

- Meu Deus! **Acode** / **acode** o pai, pondo as mãos na cabeça . [9]
- Algumas; **Mas** / **mas** elle é tão amigo de servir... [11]
- **Vi** / **vi**, gostei,

Os demais casos ocorrem tanto na passagem para maiúsculas quanto na passagem para minúsculas, como, por exemplos, os casos de pronomes:

- seu** / **Seu** Campello, fique quieto. [13]
- O regresso de **Suas** / **suas** Magestades Imperiaes a este torrão, [14]

A diferença é que a quantidade de dados em que se passa para minúscula é maior. Quando o testemunho em livro opta em passar para maiúscula, procura destacar, sobretudo, nomes de lugares e de personalidades, como os exemplos demonstram:

- nomeou-o consul para a **suiça** / **Suissa**. ||[19]
- e não vêr o **papa** / **Papa**. [20]

Quando o lugar não parece ser específico, os testemunhos em livro deixam em minúsculas:

- costuma fazer mensalmente aos presos da **Casa de Detenção** / **casa de detenção**. [5]

As variantes desse último exemplo produzem inclusive uma leitura diferente. No primeiro caso, fala-se de uma casa de detenção específica, é algo que foi particularizado, como os nomes próprios. No segundo caso, é qualquer casa de detenção, sem individualização. É muito comum nos escritores do século XIX personificar algumas entidades com a letra maiúscula:

- || O **Marido** / **marido** volta-se para um lado, [9]
- o prato essencialmente nacional, como o theatro do Pen[a] e o **Sabiá** / **sabiá** das sentidas en[d]echas de Gonçalves Dias. [13]

O testemunho A costuma personificar entidades que seriam consideradas normalmente como substantivo simples. Para o autor, não é simplesmente descrever, por exemplo, o “Marido” de sua época. Trata-se de descrevê-lo como um personagem para encenar nos folhetins a comicidade da vida burguesa da sociedade carioca oitocentista.

3.1.6 – Uso do itálico

Outra forma de dar ênfase a uma determinada palavra é através do uso do itálico. Cerca de 7% dos dados correspondem às variantes itálico *versus* não-itálico. Vale ressaltar que na passagem de uma variante x para y e vice-versa, do periódico para livro, a distribuição é sempre equilibrada. Nesse caso é diferente. Há apenas um dado envolvendo a passagem de itálico para não-itálico:

- A *bença*, *sinhá* / *sinhá*. [12]

Os testemunhos usam o itálico para marcar uma palavra pontual do texto (37,5%), marcar os estrangeirismos (37,5%) e o nome de alguns lugares (21,8%), conforme observamos nos exemplos:

afim de executar *executar* / *executar* uma poesia. [3]

em analyses de *toilettes* / *toilettes* [13]

- Já foi á cascata do *Pinel* / *Pinel* ? [20]

O itálico no primeiro exemplo acrescenta sutilmente uma ênfase a ação de declamar uma poesia por meio do verbo “executar”. A ênfase dada pelo itálico parece também ser usada para marcar termos de uma determinada área do conhecimento usados por analogia em outros contextos. Assim, a palavra “*socio*” em itálico é emprestada de outro grupo semântico para indicar as pessoas pertencentes a um mesmo grupo de “amolados”:

Foi por isso que, ha cinco ou seis annos mais ou menos, estabeleceu-se no Rio de Janeiro uma associação intitulada – *Resgate dos captivos*, com o fim altamente philantropico de livrar os *socios* / *sócios* das garras dos massantes.

A distribuição dos dados de passagem para itálico é bem equilibra, como destacamos acima. Isso indica que são três funções pontuais para o uso do itálico já a partir do testemunho B, pois 78,1% das variantes com itálico ocorrem nesse testemunho e são repetidos no seguinte. O pesquisador que estuda a influência de léxicos de outras línguas, consciente de que o “léxico de um idioma, entretanto, não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente” (ALVES, 2002, p. 72) poderá constatar o que ainda era visto no século XIX como estrangeirismo ao identificar as palavras em itálico. Como o acesso do jornal é frequente, a variante sem-itálico do testemunho A poderia indicar que tais termos, embora destacados em itálico nos demais testemunhos, já estariam em estágio um pouco mais avançado de incorporação ao léxico do português.

3.1.7 – Latinização gráfica

Latinização gráfica é a investida dos redatores numa escrita que tem como modelo a grafia latina, ou seja, o redator procura grafar a palavra conforme fora realizada no latim.

Assim, a palavra “cavalleiros” foi grafada com “ll” porque a forma latina era “caballarius”:

Testemunhos A e B: E’ alli onde se armam os **cavalleiros** nas letras, [1]

Testemunho C: E’ alli onde se armam os **cavaleiros** nas letras, [1]

No próximo capítulo, trataremos com mais profundidade sobre essa variante, uma vez que funciona como estratégia de erudição para os redatores do século XIX. Cabe-nos aqui indicar a frequência das variantes “palavras latinizadas” e “palavras não-latinizadas”, em qual testemunho ocorre mais variação e, para cada testemunho, o que era mais frequente, latinizar ou atualizar a grafia.

Há 55 dados (12%) de variantes de latinização. Isso não quer dizer que não existam mais palavras latinizadas no texto. Pelo contrário, há muitas palavras latinizadas, como

verificaremos no próximo capítulo. Esse número indica os casos de variação de um testemunho para o outro.

Há 38 dados em que a opção do livro passa a ser a latinização e 14 dados em que a opção do livro é eliminar as latinizações. Apenas em 3 casos a atualização representou a retificação de uma falsa latinização. Nos demais casos, a simplificação representa a atualização de palavras recorrentes no português:

a denominação de - **amolladores** / **amoladores**. [2]

bordado de flôres **sysvestres** / **silvestres**, desfila uma pequena caravana. [16]

lã de **camello** / **camelo**. [14]

Com esses resultados, podemos afirmar que a tendência do testemunho em livro é ficar mais latinizado do que o testemunho em jornal. Isso vai ao encontro a afirmação de Castilho (1992) de que quanto mais para o final do século, mais reacionárias (ou simplesmente conservadoras) são as escolhas.

A latinização se distribui de maneira equilibrada nos dois testemunhos em livro. Como podemos observar na tabela abaixo, o testemunho C (21 dados) leva um pouco mais longe a opção em latinizar a grafia do que o testemunho B (17 dados). Em ambos os testemunhos, a ocorrência de atualização de grafia é a mesma (7 dados):

Testemunhos	B	C
Latinização	17	21
Atualização	7	7
Total	24	28

Tabela 30: Latinização nos testemunhos em livro

Há três casos em que o testemunho C revê a opção do testemunho B e volta à variante do testemunho A. Todos esses casos corrigindo a palavra de acordo com a forma latina, *traditio*, *tranquillus* e *acceptare*, respectivamente:

pomposo nome, de gloriosas **tradições** / **tradicções** / **tradições** historicas, [9]

Tranquillisai-vos / **Tranquilisai-vos** / **Tranquillisai-vos**. [17]

é forçoso acceital-o **acceital-o** / **aceital-o** / **acceital-o**. [17]

3.1.8 – Pontuação

Descrever a ortografia oitocentista significa também analisar os acidentes gráficos que auxiliam a construção do texto, por isso neste subitem reunimos as variantes de pontuação. Desta maneira, ao mesmo tempo que realizamos uma descrição geral dos casos de alteração de pontuação nos testemunhos A, B e C, procuramos apontar os efeitos de sentido.

Há 469 casos, envolvendo ponto, vírgula, ponto-e-vírgula, dois-pontos, travessão, reticências, interrogação e exclamação, travessão e outros sinais:

Testemunho A: Era alli o *rendez vous* dos poetas, oradores, guerreiros e artistas; cujos nomes atravessaram os seculos, registrados pela historia em laminas d'ouro. [1]

Testemunhos B e C: Era alli o *rendez vous* dos poetas, oradores, guerreiros e artistas, cujos nomes atravessaram os seculos, registrados pela historia em laminas d'ouro. [1]

Testemunho A: elles classificam-se em diversas cathegorias. || Primeira: [2]

Testemunhos B e C: elles classificam-se em diversas cathegorias: || Primeira: [2]

Testemunho A: Vamos a ver se *cheguemos* a tempo senão não *encontremos* mais almoço..... || [4]

Testemunhos B e C: Vamos a ver se *cheguemos* a tempo senão não *encontremos* mais almoço... || [4]

Testemunhos A e C: - E o que fazem aqui esses dous moleques, como um Morfeu agitando seu ramo de dormideiras ? || [4]

Testemunho B: - E o que fazem aqui esses dous moleques, como um Morfeu agitando seu ramo de dormideiras ! || [4]

Testemunhos A e B: *Gazeta de Noticias, Jornal do Commercio, Globo e Republica* em todos os tons. [1]

Testemunho C: <<*Gazeta de Noticias*,>> <<*Jornal do Commercio*,>> <<*Globo*>> e <<*Republica*>> em todos os tons. [1]

A variante mais recorrente é a vírgula, com 280 dados, o que corresponde, em porcentagem, a 59,7% do total de dados de pontuação. Procuramos separar os dados tomando como base o primeiro testemunho em relação aos demais. Dividimos em dois grupos. O primeiro grupo reúne os casos de vírgula no testemunho A que passam a outros sinais de pontuação nos demais testemunhos. O segundo grupo, outros sinais de pontuação que passam a vírgula nos testemunho B e C:

E' uma grande procissão de carros e cavalheiros com as competentes **damas, / damas**; uma especie de prolongamento das folias do deus Momo. [13]

Era alli o *rendez vous* dos poetas, oradores, guerreiros e **artistas**; / **artistas**, cujos nomes atravessaram os seculos, registrados pela historia em laminas d'ouro. [1]

Algumas vírgulas do primeiro testemunho foram substituídas por ponto-e-vírgula, ponto, interrogação e zero. Foram 130 casos deste tipo de alteração, ou seja, 46,4%:

[-] Ha tanto tempo que não se sai de *casa*, / *casa*; observa uma das filhas. || [5]

que faz exame **amanhã**, / **amanhã**. Tenho que passar [11]

- A sua **graça**, / **graça** ? ainda que mal lhe pergunte?

De certa hora em diante, quem estava fóra já está **dentro**, / **dentro** e toma parte na função, [3]

O ponto-e-vírgula substitui a vírgula no primeiro exemplo em um contexto de intercalação de comentário do narrador em relação à fala do personagem. O ponto-e-vírgula parece ser mais pontual que simplesmente o uso da vírgula para esses testemunhos em livro. Corresponde a 15,3% dos dados de passagem de vírgula para outro sinal. A maior parte dos dados é de período composto (coordenação, subordinação e justaposição).

Só há um caso em que a vírgula foi substituída por ponto de interrogação, como vimos no exemplo. Como no primeiro e segundo testemunho utiliza-se a vírgula depois de “graça” a exclamação ocorre depois de “pergunte”. No testemunho C, a antecipação do sinal de interrogação leva a retirada do sinal após “pergunte”. A decisão do testemunho C inclui à frase interrogativa o comentário a respeito do valor da pergunta. Observa-se que há apenas um único dado, pois a vírgula e a interrogação possuem funções diferentes na organização das sentenças. Veremos adiante que a oposição interrogação *versus* exclamação é bem mais produtiva.

O caso mais recorrente envolveu a passagem de vírgula do primeiro testemunho a zero. Só do par de variantes vírgula/zero há 100 dados, ou seja, 76,9% dos dados de passagem de vírgula para outro sinal. Isso também ocorreu com o par de variantes zero/vírgula do grupo “outro sinal de pontuação passando a vírgula”, por isso resolvemos analisá-los em conjunto para verificar o que caracteriza a escolha de cada testemunho, tomando como base a investida de retirar ou colocar a vírgula. Antes de comparar esses dados, vamos apresentar o grupo em que outros sinais passam a vírgula.

Há 150 dados no grupo de variante em que resulta a escolha da vírgula (nos testemunhos em livro). Corresponde a 53,6% dos dados em que a variante vírgula aparece. A vírgula substitui nos testemunhos em livro outros sinais, como ponto-e-vírgula, ponto e zero:

O chefe remette-o para o delegado. || - Não estou de semana ; procure o **outro** ; / **outro**, tal é a resposta d'aquelle funcionario. [7]

Peixe está **caro**. / **caro**, dá só *dô mè rès* [12]

lembra-se de que na vespera não tomou **chá** / **chá**, e eil-o entrando no harmonioso *ensemble* [9]

A decisão nesse primeiro exemplo é parecida com a que ocorre no caso de substituição. Isso significa que usar ou não usar a vírgula nos casos de intercalação estavam presentes em todos os testemunhos. O caso de justaposição do segundo exemplo também não é exclusivo dos testemunhos em livros. A opção pela vírgula indica, com mais clareza, que a segunda sentença pertence semanticamente à primeira oração. Atualmente, o sistema de pontuação vigente considera desnecessário o uso da vírgula diante da conjunção “e”, o que não torna categórico a recomendação. Essa tensão já existia no século XIX. Encontramos casos de inclusão ou de exclusão de vírgula nesse mesmo contexto.

Embora haja mais casos de substituição de outros sinais por vírgulas, não é uma diferença muito grande. São apenas 20 dados separando as duas possibilidades. Isso demonstra que a vírgula, o ponto e o ponto-e-vírgula eram estratégias disponíveis para os testemunhos para a realização dos mesmos contextos. A diferença está na distribuição, como podemos ver na tabela a seguir:

Casos	Qtd.	Casos	Qtd.
, > ;	22	; > ,	9
, > .	7	. > ,	8
, > ?	1		
, > Ø	100	Ø > ,	133
total	130		150

Tabela 31: Alterações envolvendo a vírgula

O uso da variante ponto-e-vírgula passou a ser mais recorrente nos testemunhos em livro, embora ainda presente a variante vírgula. A variação entre ponto e vírgula é bem mais

equilibrada. A implicação dessa variante é um pouco mais significativa, pois delimita os limites de uma oração. Por fim, a variação da vírgula com zero é bastante recorrente, como podemos ver acima, tanto na passagem da vírgula para zero (76,9%), como de zero para vírgula (88,6%) do testemunho A para os demais.

Como a maior parte dos dados pertence a essa variante, procuramos observar qual seria o contexto para cada variante. Assim, agrupamos as ocorrências de passagem de vírgula para zero e de zero para vírgula subdividindo os dados pela função da pontuação. Desta forma, temos enumeração, deslocamento, intercalação, relativas (um tipo específico de intercalação) e separação de argumentos oracionais:

quasi todos **celibatarios**, / **celibatarios** e inimigos irreconciliáveis de reformas. [1]
 lembra-se de que na vespera não tomou **chá / chá**, e eil-o entrando no harmonioso *ensemble* [9]
 Figurem os leitores um sobrado com janellas de **peitoril**, / **peitoril** na Prainha, [3]
 Do lado opposto, na ourivesaria do **Souza / Souza**, vão se expor os medicos **elegantes / elegantes**, recentemente chegados da Europa. [1]
 - **Homem**, / **Homem** o marido tinha alguma cousa . [7]
 - O' **creatura / creatura**, quem sabe se não foi máu olhado que lhe deitaram ? [5]
 O convidado que está á cabeceira vai passando os **pratos**, / **pratos** que giram de mão em mão, [4]
 e um ou outro deputado **inoffensivo / inoffensivo**, que alli vai tomar sorvetes em horas de sessão. [1]
 O **amphytrião**, / **amphytrião** é todo amabilidade ; [4]

Os contextos dos exemplos apresentados acima aparecem contabilizados na tabela abaixo:

Casos	, > Ø	Ø > ,
enumeração	28	23
deslocamento	40	41
intercalação	20	25
relativas	7	40
separação de argumentos da oração	5	0

Tabela 32: Distribuição das variantes vírgula/zero

Quase todos os dados têm distribuição equilibrada. A única coisa que estabelece a diferença das duas possibilidades são os casos de relativas que, com o uso de vírgula, passam a apositivas. Portanto, com base nesses dados, apenas em caso de orações relativas, há uma preferência maior no uso da vírgula. Nos demais casos a divisão é equilibrada.

Os 5 casos que só aparecem na passagem da vírgula para zero são casos em que o argumento do predicador foi separado por vírgula, como em:

O amphytrião, / O amphytrião é todo amabilidade ; [4]

Os testemunhos em livro provavelmente identificaram o uso de vírgula nesses casos como inadequado. Como são textos revisados em que se tomou cuidado para evitar esse tipo de uso, não encontramos o caso inverso, ou seja, introdução de vírgula separando argumentos nos testemunhos em livro.

Além da vírgula, observamos outros sinais de pontuação, como o ponto, dois pontos, reticências, interrogação, exclamação e travessão. Procuramos também com esses sinais, que ocorrem em 189 dados, observar suas variantes nos testemunhos A, B e C.

O ponto, sinal que indica o final de um período, pode substituir a vírgula, mudando com isso a organização sintática, como vimos anteriormente, além de poder variar com outros sinais. Vamos observar agora a passagem entre testemunhos do ponto a outro sinal e de outro sinal ao ponto. São 21 dados em que aparece a variante ponto em um dos testemunhos. Em 8 dados (38,1%), o ponto passa a outro sinal de pontuação nos testemunhos em livro. Em 13 dados (61,9%) outro sinal de pontuação passa a ponto. A tendência, portanto, é o uso do ponto nos livros em mais contextos do que no jornal. Vejamos alguns exemplos

Ouçamo[s] o que dizem lá **dentro. / dentro:**|| [16]

A sôra Maria interrompe o **extasis: / extasis.** || - O que estás tu a olhari ? [8]

Nos dois exemplos, encontramos o mesmo contexto, preparação para o diálogo entre os personagens. As variantes aparecem em todos os testemunhos. Quando o caminho é do ponto a outro sinal, a escolha é categórica, ou seja, será sempre substituído por dois-pontos, pois o contexto vai ser sempre o mesmo. No entanto, o caminho inverso, de outro sinal a ponto, há mais possibilidades. Além do caso do segundo exemplo, temos o que seguem abaixo:

Eulalia; as intimidades com a vizinhança acabam sempre **mal ! / mal.**

já não temos vontade de **rir** / **rir**. [17]

- Perca-[s]e tudo, senhores, mas salve-se a moralidade **publica.** / **publica;** / **publica.** || [5]

- A sua **graça,** / **graça?** ainda que mal lhe **pergunte?** / **pergunte.** || [12]

Há 5 casos em que o sinal de dois-pontos passa a ponto nos testemunhos B e C. Os outros dados são como os exemplos acima. Há um único dado em que a exclamação passa a ponto em que os testemunhos em livro retiram um pouco a ênfase da frase, típica de uma discussão na modalidade oral, ao substituírem pelo ponto a exclamação. Há alguns casos em que a não-marcação de pontuação é revista pelos testemunhos seguintes ao A, com a colocação de ponto, delimitando a sentença, como ocorre no segundo exemplo. Há ainda um caso em que a variante termina com ponto no testemunho A, porém é substituído no testemunho B por ponto-e-vírgula e volta novamente a ponto do testemunho C, conforme o terceiro exemplo. A preferência por ponto no último testemunho é justificável, pois não há qualquer indício de enumeração, ou sequência de orações ligadas pelo sentido. Após o sinal, termina-se o parágrafo. No último exemplo, já discutido quando tratamos da vírgula, o ponto de interrogação passou a ponto em decorrência da mudança anterior de pontuação, em que houve antecipação da exclamação para a posição que antes ocorria a vírgula. Para não deixar o final de período sem pontuação, usou-se o ponto.

Uma vez observado o contexto em que o sinal de dois-pontos varia com o ponto, aproveitamos para apresentar as demais ocorrências de variação. São apenas 6 dados. Desses dados, apenas dois dados passam de outro sinal para dois-pontos:

entra elle no exercicio de suas funcções, e agora o **vereis !** / **vereis :** [3]

Previno-te, porém de uma **cousa ;** / **cousa :** á mesa não te mettas a discutir [10]

No primeiro exemplo, a ênfase da exclamação é substituída por dois-pontos, sinal que nesse contexto indica o início do confronto de personagens em uma sequência narrativa. No segundo exemplo, a substituição de ponto-e-vírgula por dois-pontos proporciona maior destaque a afirmação do personagem. Nos 4 dados restantes em que aparece a variante dois-pontos, 3 dados são de passagem de dois-pontos do testemunho A para ponto-e-vírgula nos

demais testemunhos. O outro dado refere-se à exclusão do sinal de dois-pontos sem a introdução de outro sinal:

- Vamos, minha **senhora** : / **senhora**; estão á sua espera. [3]

Quando nos avista, não nos pergunta - como estamos, ou – como temos passado, mas **sim** : / **sim** - Como foi a Fricci na *Força do Destino* ? [2]

No primeiro exemplo, percebe-se a relação de sentido nas orações que se encontram justapostas. A segunda sentença funciona como uma explicação da primeira. No segundo exemplo, o uso de dois-pontos ficaria bem ajustado na introdução da fala de personagens, porém os testemunhos do livro preferiram simplificar a pontuação mantendo apenas o travessão, de acordo com a pontuação que já havia sido feita no início do período, garantindo assim a consistência da pontuação do texto.

Em geral, o uso da reticência serve para marcar uma pausa ou omitir alguma informação que não deve ser revelada ou que os leitores podem deduzir, uma vez que possuem o mesmo conhecimento partilhado. São 96 dados envolvendo as reticências. Como podemos observar, os testemunhos em livro tomam decisões diferentes para a representação desse sinal. Por isso, dividimos os dados em decisões do testemunho B, decisões do testemunho C e desacordo dos testemunhos B e C:

- Eu não valho nada, **porém.....** / **porém ...** [12]

de[*i*]xei os caixões que o **J....** / **J...** mandou[-]lhe. [11]

No testemunho A, não há uma sistematização para a representação da reticência. Ora é representado por 5 pontos, ora por 6, ou até mais pontos. A partir do testemunho B a opção passa a ser representar a reticência por 3 pontos. A nossa divisão justifica-se, porque nem todas as ocorrências de reticências com mais de 3 pontos foram revisadas no testemunho B. Muitas só ocorreram apenas no testemunho C que ratifica o outro testemunho em livro e procura regularizar os demais casos.

Em 27 contextos, o testemunho B adota os 3 pontos para indicar as reticências. Esse número dobra (52 contextos) no testemunho C. O que indica que, quanto menor a possível intervenção do autor, maior a regularização do sinal de reticência, ou ainda, à medida que se aproxima da fase ortográfica marcada pelos acordos orientados por filólogos, maior a regularidade do sinal de reticências. A intenção de sistematizar do testemunho C comprova-se nos casos de desacordo com o testemunho B, pois em alguns casos já aparecia no testemunho A 3 pontos, que foram substituídos por mais pontos e no testemunho C foi revisto, voltando aos 3 pontos, de acordo com o testemunho A:

tenho uma conferencia **com.... / com...|| - Então... / Então.... / Então...||** [10]

Há dois trechos destacados no exemplo acima. No primeiro, encontramos o uso das reticências com 4 pontos que aparece nos testemunhos A e B e só revisto, passando a 3 pontos no testemunho C. Para manter a consistência, o segundo trecho também passa a ter 3 pontos, voltando, inclusive, a decisão que fora tomada no testemunho A e que havia sido alterada no testemunho B, para 4 pontos. Nota-se ainda que, nos testemunhos A e B, usar 3 ou mais pontos para indicar a reticência são possibilidades admissíveis, ou seja, são variantes. Já no testemunho C, temos apenas o uso dos 3 pontos para indicar as reticências. Trata-se, desta forma de uma decisão consciente a favor da sistematização da pontuação.

Os sinais de interrogação e exclamação que já apareceram como variantes esporádicas de outros sinais de pontuação formam juntos outro grupo de variantes de pontuação, reunindo 30 dados. Procuramos dividir os dados em passagem ou acréscimo de exclamação, substituição de exclamação, passagem ou acréscimo de interrogação, passagem de interrogação a outro sinal, inversão do posicionamento da interrogação e da exclamação:

|| - Esta negra é os meus **peccados / peccados!** || [4]

foi um dia **cheio ! / cheio.**[13]

- O senhor está vendo isto, seu **Felisberto / Felisberto?** [11]

- O que lhe apresentei na semana **passada ? / passada.** || [10]

- Querem vêr que **sahiram ?! / sahiram !?** [5]

Há 15 dados em que há a introdução de exclamação, ou seja, metade dos dados envolvendo esse grupo. No primeiro exemplo acima, observamos um caso em que houve a introdução do acento de exclamação em um lugar que antes não havia sinal de pontuação. O sinal de exclamação deu à sentença o vigor de uma frase proferida com emoção expressa por um personagem. Em um terço desses dados, a exclamação nos testemunhos em livro substituiu a interrogação, no testemunho em jornal:

- Qual minha senhora ; quem sou **eu ? / eu !** ||[23]

A mudança de pontuação atenua a noção de pergunta em um caso de pergunta retórica, substituindo por exclamação. Há ainda casos em que há uma oscilação entre os testemunhos em relação às escolhas:

- Que creatura **engraçada ! / engraçada ? / engraçada !**[13]

No exemplo acima, observamos a presença do sinal de exclamação no testemunho A, passando para interrogação no testemunho B e voltando a exclamação no testemunho C. Ao observar o contexto em que a sentença foi colocada, o redator do testemunho C percebeu que não se trata de uma pergunta, como interpretou o redator do testemunho B. Desta forma, voltou ao sinal de exclamação do primeiro testemunho. A exclamação é geralmente substituída por ponto, embora a passagem para interrogação seja também muito frequente:

|| - Se eu morrer vais ao meu **enterro? / enterro ! / enterro ?** [7]

Ao contrário do exemplo anterior, o exemplo acima, na oscilação entre as variantes, resulta, no testemunho C, no uso da interrogação, devolvendo o sentido que o autor no testemunho A deu a sentença.

Como exemplificamos anteriormente, só há um caso em que o sinal de interrogação é substituído por outro sinal. Trata-se do ponto. A escassez dessa ocorrência deve-se à função específica do sinal de interrogação, marcar o final de frases interrogativas. O sinal que mais se aproxima desse é a exclamação. Por isso, em alguns casos, dá-se a impressão que houve

equivoco do redator na hora de utilizar o sinal de exclamação. Além disso, é comum os dois acentos aparecerem juntos no final de sentença, conforme o exemplo:

Não haverá por ahi quem me dê um paletot **engommado !! / engommado ?!** || [5]

O uso simultâneo da interrogação e da exclamação, a partir do testemunho B, ressalta tanto a pergunta, quanto o sentimento de revolta do personagem em relação à ausência de um determinado objeto.

Por fim, há dois dados em que a ordem dos sinais de interrogação e exclamação aparece alterada, como vimos em um exemplo anteriormente. Tal exemplo ilustra o esquema “?! > !?”. Para o redator do testemunho A, trata-se de uma pergunta com ênfase. Já os demais testemunhos é uma expressão de um sentimento auxiliada por uma interrogação.

Outro sinal de pontuação muito frequente nos textos de França Junior é o travessão. Geralmente usado para indicar a mudança de interlocutores de um diálogo ou separar indicar intercalações em uma sentença, varia em 23 contextos. Procuramos dividir para a análise os casos de inclusão, exclusão e mudança de posicionamento do travessão:

Não / - **Não** sei onde tenho esta cabeça ! [4]

- **E'** / **E'** um escandalo ! [15]

<< - **Onde** / -<< **Onde** estava eu ? >> || [2]

O primeiro exemplo ilustra os casos de inclusão de travessão nos testemunhos em livro. Ao total, são 13 dados (56,5%) como este em que a fala de um personagem é indicada por travessão. Por outro lado, o segundo exemplo ilustra os casos em que ocorreu o contrário, ou seja, a retirada do travessão. Casos como esse somam 7 dados (30,4%). Nesses casos em que são retirados os travessões há dois pontos introduzindo a fala de algum personagem. Contudo, essas falas não são de um personagem específico, mas são falas daquilo que as pessoas costumam dizer em um determinado contexto. Portanto, a tendência nos testemunhos em livro é colocar o travessão nas falas de personagens específicos.

Há 3 dados (13,1%) em que o travessão muda de posicionamento. Um deles já fora indicado anteriormente. Nos testemunhos em livro, o travessão passa a ocupar posição mais externa, conforme vemos no exemplo acima. Atualmente, o travessão dispensa os sinais de menor e maior (doravante serão chamados de aspas, pois é exatamente a função das aspas que desempenham no texto). A decisão dos testemunhos em livro deveriam também deixar na posição mais externa à direita o sinal de interrogação, assim a acentuação seria mais sistemática e coerente.

Por fim, concluímos a descrição da pontuação mencionando o uso das aspas, já introduzido anteriormente e de símbolos suspensos de abreviaturas. As aspas reúnem 7 dados de variantes. Em 4 dados, observa-se o movimento de inclusão de aspas na passagem de jornal para livro. Foram usados para destacar nomes próprios de empresa, destacar uma palavra-chave ou uma frase importante:

Gazeta de Noticias, Jornal do Commercio, Globo e Republica / <<*Gazeta de Noticias*,>> <<*Jornal do Commercio*,>> <<*Globo*>> e <<*Republica*>> em todos os tons. [1]
convencer-nos talvez | que a **palavra** / << **palavra** >> [17]
- <<Senhor: Em tres palavras se dirige um mulher a um homem. – Vá plantar **batatas**. / **batatas**.>> |[17]

Quanto aos símbolos de abreviatura, temos 4 dados reproduzidos abaixo:

o codigo criminal | diz no **art. 1^a** / **art. 1^o** / **art. I.º** [2]
|| - V. **Ex.** / **Ex.^a** não quer tomar um calix de licor ? [3]
antiga de... **n.** / **n.º** 43 | [*p*]laca, 39 antigo. [7]
no **n.** / **n.º** 23. [12]

No primeiro exemplo, a alteração realizada no testemunho B, procura resolver o problema de concordância causada pela escolha da variante do testemunho A. A escolha do testemunho B também é aceita no testemunho C. O que muda, portanto, não é o símbolo suspenso de abreviatura. O que muda no testemunho C é a base que passa a ser representada por um algarismo romano. Nos demais casos, o que ocorre é a introdução de um símbolo suspenso para indicar a abreviatura de *Excelência* e *Número*, respectivamente. Ambas as decisões ocorrem apenas no testemunho C.

Enfim, as alterações gráficas destacadas na comparação dos três testemunhos nos ajudam a constatar que existem vários sistemas gráficos para o século XIX. Ao contrário do que se possa imaginar, são sistemas regulares e coerentes. Ora um sistema se aproxima, ora se afasta daquilo que se tornou modelo subjetivo para os séculos seguintes, uma vez que o período ortográfico seguinte (fase dos acordos ortográficos) não se pautou apenas no uso, mas também naquilo que “deveria ser” o uso dos redatores. Como verificamos, todos os testemunhos refletem esses sistemas que se aproximam e se afastam da norma subjetiva do século XX. Cabe-nos observar outras alterações que ocorreram entre esses testemunhos capazes de mudar a intenção daquilo que está sendo comunicado.

3.2 – Alterações linguísticas nas sentenças

Além das variantes gráficas, há alterações que nos permitem observar as tendências gerais de um testemunho e os efeitos de sentido de uma alteração específica. Temos, desta forma, 218 dados de alterações significativas, agrupados pelo tipo de mudança: regência, colocação pronominal, referência, flexão e concordância, léxico, inserções ou exclusões e alteração do texto. Procuramos também observar qual a frequência dessas mudanças nos testemunhos estudados. Por isso, diferente do item anterior em que comentávamos cada variante e sua presença nos testemunhos, aqui comentaremos cada testemunho e as variantes que lhes são recorrentes:

	B	B≠C	C
Mudança de regência	15	3	6
Colocação pronominal	8	4	23
Referência	8	0	6
Flexão e concordância	36	0	25
Mudança de palavras	21	0	12
Inserções ou exclusões	33	0	15
Mudança textual	3	0	0
Total	124	7	87

Tabela 33: Alterações significativas

A tabela acima ilustra as alterações nos dois testemunhos em livro em oposição ao testemunho A (jornal). Um pouco mais da metade das alterações significativas (56,8%) já ocorre no testemunho B. Contudo, o testemunho C continua realizando novas alterações. Além de ratificar 124 alterações significativas do testemunho B, o testemunho C realiza mais 87 alterações (39,9%). Há apenas 3,3% de dados de alterações que o testemunho C discorda do testemunho B, voltando à variante do testemunho A.

O testemunho B procura rever as regências (65,2%), as referências (57,1), o léxico (60%), as inserções e exclusões (68%) e o texto (100%). As alterações de regência procuram retificar a realização do testemunho A:

Ha mais de duas horas que andava á tua procura para **áquelle** / **aquelle** negocio ; [2]
Era raro o dia **que** / **em que** não tomasse uma bebedeira. [5]

O acento grave indicativo de crase foi considerado desnecessário, no primeiro exemplo, uma vez que já existe a preposição “para” antecedendo o pronome demonstrativo. No segundo exemplo, houve o acréscimo da preposição “em”, no testemunho B, acompanhando a função sintática (adjunto adverbial preposicionado) do referente da relativa na oração subordinada.

No entanto, algumas decisões quanto à regência não retificam o testemunho anterior, às vezes, alteram realmente o significado da construção:

e o barbaro começa a trucidar sem dó nem piedade mimosos versos d’algum poeta desconhecido, ou **o** / **do** nunca assaz louvado – Era no Outomno – do Sr. Bulhão Pato. [3]

No exemplo acima, tomando como base o testemunho A, temos uma enumeração: “versos d’algum poeta” e “Era no Outomno do Sr. Bulhão”. O testemunho B, ao introduzir a preposição “de” no início do item enumerado muda o sentido da construção original. Assim temos “d’algum poeta” e “do Era no Outomno do Sr. Bulhão”. A palavra “versos” deixa de ser um dos elementos que formam um item enumerado passando a ser o núcleo da construção

que possui dois complementos preposicionados. A falta de simetria formal entre “versos” e “Era no Outomno” e a contiguidade desses mesmos itens, além da distância entre as preposições “de” podem ter condicionado a alteração no testemunho B. Há outro caso de regência envolvendo enumeração:

Eu te benzo com o santo da segunda-feira, da terça, da quarta, da quinta, da sexta, do sabbado e **do domingo / e domingo**. [5]

No testemunho A, todos os itens enumerados, inclusive o último, são antecidos pela preposição “de”. No entanto, a preposição de+artigo “o” tem a mesma composição fônica da primeira sílaba da palavra enumerada. Para desfazer a possível cacofonia, o testemunho B retirou a preposição e o artigo, como vemos no exemplo. O que não aparenta ser uma alteração significativa, na verdade, revela o perfil do testemunho B: elaborar uma regência que facilite a leitura em voz alta, facilitando a compreensão dos ouvintes com estruturas simétricas quando possível e evitando formações de pronúncia estranha.

A mudança lexical foi outra alteração significativa que encontrou sua maior expressão no testemunho B. Do testemunho A ao B, 21 palavras foram alteradas, o que reúne 60% dos casos de alteração lexical. Como vamos ver nos exemplos, percebe-se que em alguns casos a alteração lexical procura retificar o testemunho anterior:

O que faz toda essa gente que enche o salão principal, e transborda **peles [sic] / pelos** corredores e salas adjacentes ? [3]

Eis porque tomamos hoje **sob / sobre** os hombros a tarefa de estudal-os. [12]

Em Pernambuco / Na Bahia, como o leitor não ignora, os carros que acompanham os enterros não são pagos pelos convidados, [7]

Os advogados que embrulham os vizinhos em questões **judiciaes / juridicas** e *termos de bem viver* [12]

No primeiro exemplo, a palavra “peles” remete-nos a ideia de órgão que reveste o corpo dos animais, porém não encaixa com o significado que se espera pela distribuição de constituintes da sentença. O espaço deveria ser preenchido pelo elemento “pelos”, conforme ocorreu no testemunho B. Isso significa que ocorreu um erro tipográfico no testemunho A em que o “e” átono foi colocado no lugar do “o”. Já o segundo exemplo não é um segmento que forma a palavra que foi alterada, mas a palavra inteira. No testemunho A, o uso de “sob”

remete a um posicionamento “para baixo”, diferente do que o autor tenta dizer no contexto. Por isso, no testemunho seguinte, ocorre a revisão e o item passa a “sobre”, ou seja, em cima. No terceiro exemplo, muda-se por completo o tópico do qual se faz o comentário. No testemunho A, o comentário que se faz é de “Pernambuco”. São os pernambucanos que não precisam pagar carro para acompanhar os enterros. No testemunho B, o comentário feito passa a ser da “Bahia”, ao que tudo indica uma revisão para desfazer um equívoco do testemunho anterior. Nem sempre a escolha do testemunho B vai ser a mais acertada. No último exemplo, temos “questões judiciais” do testemunho A e “questões jurídicas” do testemunho B. A escolha do testemunho A parece estar mais de acordo com o contexto, pois os advogados procuram envolver os vizinhos em questões que se processa em juízo, ou seja, “questões judiciais”. Enquanto que “questões jurídicas” são aquelas que se versa sobre o que é lícito.

Os demais casos de alteração lexical não indicam correção do texto. Indicam a intenção de mudar o sentido de algumas construções:

- Manda pedir **uma dúzia** / **uns** aqui ao pé ao vizinho. [4]
- Diz ao Bernardo que vá pedir uma escada aqui á **visinhança** / **visinha**. || [6]
- Vou anunciar **pelo Jornal** / **pela Gazeta**. [11]

Os exemplos acima demonstram a oscilação na escolha lexical daquilo que é específico e daquilo que é geral nos dois primeiros testemunhos. No primeiro exemplo, a substituição de “uma dúzia” do testemunho A por “uns” do testemunho B torna imprecisa a quantidade do item em questão no contexto. Já o exemplo seguinte, as coisas se invertem. A escolha por “visinha” do testemunho B especifica um pouco mais o alvo da intenção da sentença. O que também ocorre no terceiro exemplo. A palavra “jornal” do primeiro testemunho é substituída por “Gazeta” no testemunho B. Isso ao mesmo tempo especifica qual jornal se comenta, como também faz menção a um dos serviços prestados pelo jornal que serve de veículo para esses folhetins.

Como percebemos, o testemunho B procura realizar a alteração lexical para retificar alguma realização lexical praticada equivocadamente pelo testemunho A e para alterar o grau de especificação dado pelo testemunho anterior. A tendência é especificar, tornando a narrativa mais familiar e as informações mais precisas.

A inclusão e a exclusão de elementos dos textos também ocorrem com mais frequência no testemunho B (68%). No entanto, são alterações simples, como os exemplos abaixo:

Considerando **agora** / Ø englobadamente os passageiros de todos os bonds, [15]

Eis / E eis a razão por que a missa do Gallo transporta[-]me á época saudosa da jaquetinha á polka[,] [16]
imitando um inglez a fallar mal **a nossa lingua / a lingua portugueza**. ||[13]

Os casos mais comuns são como os indicados acima. No primeiro exemplo, temos a exclusão do constituinte “agora” que deixa de precisar o tempo da ação no testemunho B. Há mais 9 dados como esse no *corpus*. No segundo exemplo, temos a inclusão do elemento “e” no testemunho B. Embora em início de parágrafo, o elemento introduzido liga o acontecimento seguinte àquilo que estava sendo narrado anteriormente. Por fim, no terceiro exemplo, observamos a possibilidade de encontrarmos exclusão e inclusão em uma mesma sentença. A exclusão de “nossa” retira da construção a familiaridade que se tem com a “lingua”. Com o acréscimo de “portugueza” permite-se que o texto seja lido por leitores de outras línguas sem quebrar as relações de referência.

Os casos mais significativos desse grupo são apresentados abaixo. São 3 dados em que o testemunho B não realiza um trecho que aparece no testemunho A. O trecho que aparece em negrito é justamente aquele que não está presente no segundo testemunho:

|| Na secretaria da sociedade ha um livro, onde se acham escriptos os nomes de todos os massantes mais conhecidos, **com as respectivas photographias, tendo á margem notas luminosissimas ácerca dos habitos, costumes, vestuario e generos de manias dos mesmos**, || [2]

cada um trata de acotovelar o que lhe fica em frente, afim de poder vêr a noiva bem de perto. || **Entram todos para a igreja**. || Começam os commentarios. ||[18]

- **Aqui estou, conforme V. Ex. ordenou-me.** || - Estou muito cansado... , desculpe-me ! [10]

No primeiro exemplo, o testemunho B elimina toda a descrição do “livro da sociedade” responsável em livrar os sócios dos “massantes”. Toda a riqueza de detalhes que caracterizam o livro é excluída, promovendo simplesmente a objetividade do elemento apresentado. Convém dizer que o parágrafo termina na vírgula, forte indício de que o redator do testemunho B pulou praticamente duas linhas ao recompor o texto. Já no segundo exemplo não podemos fazer a mesma afirmação, pois a pontuação está presente. Apenas uma informação que aparece no testemunho A deixa de aparecer, provavelmente por ser considerada desnecessária para a narrativa. No último exemplo, a fala de um personagem também deixa de existir no testemunho B. Era a fala de um “pretendente” a emprego público. Restou apenas a fala daquele que poderia ajudar tal “pretendente”. A não-realização nesse caso não compromete a cena. Simplesmente a presença do personagem diante do outro traduz a fala que foi elidida.

Assim, a maioria das alterações por inclusão ou exclusão do testemunho B procura mais uma vez facilitar a leitura tornando o texto de fácil compreensão, sem prolixidade. Porém nem sempre vamos ter alteração por inclusão ou por exclusão. Às vezes, o que acontece é a modificação significativa do texto, como veremos abaixo:

<< Anna Felicia dos Reis, o capitão Adolpho Ernesto dos Reis, o **Dr. Leopoldo Camargo dos Reis / Dr. Ignacio Camargo dos Reis**, [7]
á semelhança dos antigos sacerdotes Giralde[us] / ao inverso dos antigos sacerdotes Chaldeus, [17]
 que **faço supplicas / supplico** todos os dias ao céu[23]

No primeiro exemplo, alterou-se o nome do personagem que participa em posição de destaque de um “enterro”. A alteração não foi para um nome parecido, o que nos indicaria a possibilidade de um erro. Foi escolhido para o testemunho B um nome bem diferente. É possível que algum leitor do folhetim se chamasse “Leopoldo Camargo dos Reis”, ou simplesmente “Leopoldo”. O caso do exemplo seguinte é mais significativo. A decisão do testemunho B inverte por completo aquilo que é afirmado no testemunho A. No primeiro testemunho, trata-se da “semelhança” com “os antigos sacerdotes”, já no testemunho seguinte,

trata-se do “inverso” dos “antigos sacerdotes”. A alteração por “Chaldeus” no testemunho C foi para retificar e colocar o nome correto de um antigo povo de longa história que habitou a Caldeia, localizada ao sul da Mesopotâmia. No último exemplo, a substituição da forma analítica por uma forma sintética do presente é um indício de que a edição em livro, embora comprometida com a proposta de um texto claro para a leitura, sobretudo em voz alta, não deixa de ser um texto escrito que representa um modelo e uma tradição escrita que tende a formas sintéticas. A mudança textual (3 dados) é exclusividade do testemunho B.

O testemunho C ratifica esses casos apresentados em relação ao testemunho B, com um número mínimo de exceções, e acrescenta mais casos de alterações significativas.

O único caso em que o testemunho C se destaca em termos de quantidade de dados é a colocação pronominal. O testemunho C é responsável por 74,1% do total de alterações de colocação pronominal entre os testemunhos em livro:

que **vamos nos** / **vamos-nos** ocupar. [6]

que **está se** / **está-se** fazendo de engraçadinho. [12]

- Não é verdade, o senhor é que **quer me** / **quer-me** empurrar para o lado do sol. [15]

Quem **poderá se** / **poderá-se** incumbir d'isto ? [11]

O clítico em complexos verbais aparecia ligado ao verbo principal em próclise nos testemunhos da década de 70 do século XIX (testemunhos A e B). Já o testemunho C revê todos os casos deste tipo de colocação realizando a ênclise ao verbo auxiliar. Enquanto os primeiros testemunhos apontam para uma decisão daquilo que se configurou como a norma de uso brasileira, o testemunho C demonstrou-se inclinado a adoção da norma escrita lusitana ao adotar a ênclise ao verbo auxiliar. A escolha pela ligação como o verbo auxiliar fica patente no caso abaixo:

As luzes do arraial **vão** / **vão-se** pouco a pouco **se** / **Ø** apagando. [16]

Além do clítico, o complexo verbal possui uma expressão adverbial, “pouco a pouco”. No testemunho A, a opção é próclise ao verbo principal, por isso o clítico aparece depois da expressão adverbial, próxima ao verbo principal. No testemunho C, a opção é a ênclise ao

verbo auxiliar, por isso o clítico aparece ligado com hífen ao verbo auxiliar e seguido da expressão adverbial que nos ajuda a ver com maior clareza a quem o clítico se liga.

Há ainda mais esses dois casos abaixo:

Quem é aquelle sujeito que alli vem, suando por todos os póros, **esbarrando / esbarrando-se** nos grupos, [19]

Quem **lhês / os** tira do Alcazar e dos botequins... [18]

No primeiro exemplo, o testemunho C introduz o pronome reflexivo à construção que nos dois testemunhos anteriores aparecia sem, mantendo simétrica a coordenação com “suando”. A introdução do pronome reflexivo torna a narração um pouco mais detalhada. No segundo exemplo, o testemunho C substitui o dativo “lhe” do testemunho A pelo acusativo “o”, caso mais apropriado para o verbo bitransitivo, embora se possa “tirar” algo animado de algum lugar.

Assim, o testemunho C procura confirmar as modificações realizadas no testemunho anterior, ajustar o texto a fim de melhor incorporar a norma escrita lusitana, por isso, realizando novas alterações, e, em alguns momentos, revendo a alteração do testemunho B, voltando à decisão original, quando necessário.

Algumas alterações possuem distribuição equilibrada entre os testemunhos B e C. São os casos de referência pronominal e flexão e concordância. Os exemplos abaixo demonstram como o testemunho C preocupa-se com o preenchimento do pronome:

porque era de minha mocidade que **eu / Ø** me despedia. [17]

á saude por certo mas á memoria de **que / quem** proporcionou-lhes tão grato prazer. [7]

- Não diga **isto / isso**, vale muito. [12]

No primeiro exemplo, o pronome pessoal “eu” poderia permanecer oculto, mas o testemunho C preferiu realizá-lo. No segundo exemplo, o pronome relativo “quem” do testemunho C substituiu adequadamente o pronome “que” por ser o pronome mais ajustado para se referir a um antecedente +animado. Por fim, no terceiro exemplo, o testemunho C revê com mais frequência o uso dos demonstrativos para referentes anafóricos e catafóricos. Por

isso, substitui “isto”, o que ainda vai ser dito, por “isso”, mais adequado ao contexto de algo que já foi dito e está sendo retomado no discurso.

O testemunho B também tem casos como esses, envolvendo os pronomes demonstrativos e são ratificados pelo testemunho C. O que é mais frequente no testemunho B é a mudança do referente:

Quem quizer que uma mentira ou um dito maligno percorra com rapidez electrica toda a cidade, nada mais tem a fazer que **transmittil-a / transmittil-o** áquella assembléa das tres ás quatro horas da tarde. [1]

Os recitadores não dançam, não comem e não conversam. || Vão expressamente para recitar. || Sentam-se em um sofá, com a fronte er- | erguida [*sic*], fingindo uma certa indiferença por aquelle mundo futil e banal que **lhe / lhes** gyra em torno, e parecem dizer a todo o momento : [3]

No primeiro exemplo, o clítico acusativo “a” do primeiro testemunho refere-se a “uma mentira”, já o clítico “o” do testemunho B refere-se a “dito maligno”. No segundo exemplo, o clítico “lhe” do testemunho A encontra-se inadequado em relação a seu referente “os recitadores”, por isso que o testemunho B altera para “lhes”, estabelecendo a referência e a concordância entre os constituintes do período.

Nos casos de alteração de flexão e concordância, a distribuição também tende a um certo equilíbrio, porém há uma certa vantagem na implementação de novas alterações no testemunho B (59,1%). Entende-se por flexão, nesse grupo, os casos de mudança de pessoa e tempo, no caso dos verbos, e feminino, masculino, singular e plural, no caso dos nomes. Neste mesmo grupo, também reunimos os casos em que outros termos possuem a mesma flexão, estabelecida na relação com seu núcleo, ou seja, concordância verbal e nominal:

|| Sem pretender os fóros d’ Athenas para esta pacifica cidade onde **tive / tivemos** a ventura de ver [1]
N’este numero não se **incluem / inclue** um moleque que foi trazido para ajudar o serviço [4] , uma crioula com uma grata lata, dentro da qual ha muda de roupa para
A falta de criados e o máu serviço dos escravos **é / são** o thema obrigatorio das conversações das familias burguezas. [5]
O infeliz ou a infeliz que **estão / está** sob o peso de tamanha dôr, **limitam-se / limita-se** a responder apenas por monosylabos á tão extemporanea pergunta. [7]
sendo **necessario / necessaria** muitas vezes a intervenção policial para impedir conflictos. [3]
Não se riam, **leitoras / leitores**, o bello sexo d’aquelle tempo não era lá dos mais exigentes. [16]

Reunimos alguns casos de flexão e concordância verbal e nominal a fim de demonstrar a tendência do testemunho B. No primeiro exemplo, tal testemunho procura flexionar o verbo em primeira pessoa do plural usado, no caso, para indicar a realização de um indivíduo com modéstia. A decisão é reforçada no testemunho seguinte, quando o redator altera o primeiro verbo do período para “pretendermos”. No segundo exemplo, o verbo do testemunho B concorda com o núcleo do sujeito mais próximo que está posposto. Já o testemunho A concorda com os dois núcleos. No terceiro exemplo, temos uma mudança do referente de concordância. No testemunho A, o verbo “ser” concorda com o “thema obrigatório”. Já no testemunho B o verbo concorda com o sujeito composto do início da sentença. A escolha da concordância do caso seguinte modifica a leitura que se faz da sentença. No testemunho A, vemos que o infeliz e a infeliz que podem estar sob o peso da dor limitam-se a responder brevemente. Já no testemunho B, ou é “o” infeliz ou é “a” infeliz que passa por tal situação, ou seja, enquanto o testemunho A tem uma concordância em que se atribui o predicado aos dois núcleos, no testemunho B o conteúdo do predicado só será atribuído a um dos núcleos. No quinto exemplo, observamos um caso de concordância nominal. O núcleo com o qual o predicativo deve concordar está, além de distante, posposto ao verbo, o que levou o testemunho A a realizar “necessario”, diferente do testemunho B que corrigiu a realização com a variante “necessaria”. O último exemplo desse grupo demonstra a ampliação do público leitor a que os folhetins se dirigem. No testemunho A, o autor se dirige às “leitoras”. É para elas que o autor escreve e estabelece o diálogo, ou, pelo menos, simula ser para elas o destino dos folhetins. No testemunho em livro (testemunho B), a proposta é desfazer o simulacro de que o texto destina-se apenas às mulheres ou ampliar realmente o público alvo, o que estaria de acordo com todas as alterações em que se corrige o testemunho precedente e se adota uma visão mais objetiva do texto.

Portanto, para o testemunho B, alterar a flexão e/ou a concordância significa tornar a leitura mais adequada ao público geral, obedecendo aos princípios gramaticais lusitanos presentes na época. Vejamos agora o perfil do testemunho para esse tipo de alteração, ilustradas nos exemplos abaixo:

resumiam-se / resumiram-se no seguinte: [8]
pergunta / perguntou a um amigo. [11]

Em geral, as alterações do testemunho C estão relacionadas ao tempo verbal empregado. No primeiro exemplo, o pretérito imperfeito dos testemunhos A e B dão lugar ao pretérito perfeito do testemunho C. O verbo se refere às práticas do namoro no passado. Nos dois primeiro testemunhos, lê-se que era habitual o resumo apresentado. No testemunho C, todas as práticas de namoro são resumidas pontualmente, sem indicação de recorrência. No segundo exemplo, o uso do presente do indicativo, como presente histórico, presente em todos os testemunhos como uma estratégia de aproximação do leitor à narrativa, é atenuado no testemunho C. Quanto à flexão e concordância nominal, separamos alguns dados para comentário que indicam a tendência do testemunho C:

e os filiaes de tos[t]ão atravessam as ruas **embandeiradas / embandeirados**, [14]
 Esta especie trata o ministro por tu, fila-lhe charutos de Havana, visita-o **no / nos camarote / camarotes** em noites de **espectaculo / espectaculos**, vai[-]lhe ás receções , [10]

No primeiro exemplo, o testemunho C modifica o referente de concordância dos testemunhos anteriores. Enquanto temos “ruas embandeiradas” em A e B, temos “filiaes embandeirados” no testemunho C. Nesse caso, temos os “filiaes de tostão” animados atravessando a rua. No segundo exemplo, o uso do plural no testemunho C generaliza os “camarotes” e “espectaculos” frequentados pelos pretendentes a cargo público.

Tais realizações sugerem que o objetivo maior da alteração da concordância e/ou flexão não é simplesmente retificar o testemunho anterior, tarefa cumprida pelo testemunho B. Trata-se, no testemunho C, de estabelecer outra relação de sentido. Os efeitos estilísticos

dessa nova relação de sentido é matéria de análise à espera da investigação teórico-literária. Nosso papel foi o de deixar a eles tudo isso mapeado e à disposição.

A divergência entre os testemunhos B e C ocorre, embora com poucos dados na alteração de regência e colocação pronominal, conforme apresentamos nos exemplos:

e vão se entregar **ás** / **as** / **ás** doçuras de Morpheu. [3]

Estamos **na** / **à** / **á** sobremesa. [4]

O acento grave que indica a crase, utilizado no testemunho A, foi retirado no testemunho B, conforme observamos no primeiro exemplo. No entanto, no testemunho C, percebendo que o verbo “entregar” exige preposição e na sequência há um artigo definido “as”, recoloca-se o sinal indicativo de crase. O exemplo ilustra que a inexistência de diferença fônica entre a preposição “a” e o artigo “a”, causando hesitações por parte dos redatores oitocentistas. No segundo exemplo, a primeira alteração que temos ocorre no testemunho B, ao optar por “a” no lugar de “em” do primeiro testemunho. A preposição “em” que indica tempo no testemunho A, ou seja, durante a sobremesa, dá lugar a preposição “a” por analogia à forma “à mesa”, ou seja, ao redor da sobremesa. A divergência que queremos comentar desse exemplo ocorre entre os testemunhos B e C. Verifica-se a oscilação na representação da crase, ora indicada por grave (´), ora por agudo (˘). Por fim, apresentamos dois casos de colocação pronominal:

Posso **arranjar-te** / **arranjar te** / **arranjar-te** portanto uma carta [10]

[- *Eu*] **conheço-o** / **conheço o** / **conheço-o** como as palmas de [*minhas*] mãos. [19]

O testemunho divergente é o B que não utiliza o hífen, ligando o clítico ao verbo, diferente dos demais testemunhos que realizam o hífen. Poder-se-ia afirmar que se trata de um caso de apagamento do hífen, uma vez que o sinal é tênue e a tinta se desgasta com facilidade com o atrito com a outra página, porém no segundo exemplo ocorreu a mesma coisa, mostrando que se tratava de uma possibilidade de realização para alguns redatores do século XIX.

Concluímos a descrição do perfil dos testemunhos A, B e C, ou seja, do testemunho em jornal, do testemunho em livro com o autor em vida e do testemunho em livro sem a presença do autor. Demonstramos a intenção de cada testemunho com base nas alterações significativas, mostrando os pontos convergentes e divergentes desses testemunhos a fim de fazer emergir o perfil de um texto publicado no periódico e esse mesmo texto publicado em livro.

4 – DA AVALIAÇÃO DO PERÍODO PSEUDO-ETIMOLÓGICO DA ORTOGRAFIA PORTUGUESA: LATINIZAÇÃO GRÁFICA EM TEXTOS-MODELO OITOCENTISTA

4.1 – A Etimologização gráfica

A grafia imprime valores sócio-culturais, que expressam um maior ou menor conhecimento do falante em relação ao código escrito partilhado pela comunidade. Na dimensão grafológica, podemos nos referir aos traços que constituem as letras, tanto impressas como manuscritas. Através da grafia, podemos ver nitidamente a influência da esfera social na escolha dos padrões gráficos, como podemos observar as leis determinando novos padrões, ou seja, a esfera oficial, influenciando a social.

Este trabalho orienta-se também para o estudo de uma estratégia que expressa a erudição na escrita portuguesa do século XIX e encontra na latinização gráfica um valor objetivo dessa erudição. Atualmente, verificam-se inúmeros trabalhos discutindo a ortografia, especificamente, sobre o novo acordo ortográfico. Muitos até oferecem um panorama das fases ortográficas da qual a tradição escrita portuguesa fez parte. No entanto, poucos são os trabalhos que buscam entender como determinado comportamento na escrita expressa valores culturais, ou seja, como cada fase deixa transparecer aspectos da cultura escrita ocidental.

Segundo Houaiss (2008), costuma-se dividir a história da ortografia em três principais momentos: fonético, pseudo-etimológico e simplificado. A primeira fase teria início no século XIII, junto com os primeiros textos portugueses, e iria até o século XVI. Caracteriza-se pela tentativa de reproduzir fielmente na escrita a fala. Para Coutinho, “o objetivo a que visavam os escritores ou copistas da época era facilitar a leitura, dando ao leitor uma impressão, tanto quanto possível exata, da língua falada.” (COUTINHO, 1976, p. 72). Contudo, até o final do século XVIII, ainda é possível encontrar manuais ou estatutos de instituições de ensino que recomendavam que se escrevesse conforme a pronúncia, como os *Estatutos do Seminário Episcopal de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Olinda de Pernambuco ordenados por D. Jozé Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho* de 1798:

Deve en[inar]-lhes a ortografia mais [imples , isto é | e[crever como [e fala ; pois que [upo]to alguns daõ | como [à direita] | [página seguinte] | como regra para a ortografia a lingua Latina , prin- | cipalmente aquelas palavras , que [aõ as me]mas , | ou [semelhantes ás no]as ; com tudo como a maior | parte dos Portuguezes naõ e[studaõ a lingua Latina , | viriaõ muitos a ficar [em ter uma regra jeral pa- | ra bem e[crever com uniformidade , e perfei]aõ a | lingua Portuguesa (COUTINHO, 1798)

Observa-se nessa citação já a existência do segundo momento da ortografia, período *pseudo-etimológico*, quando o autor menciona o fato de alguns usarem a regra latina; No entanto, também aponta para a coexistência do primeiro momento, ao defender uma regra geral para bem escrever, pautada na fala. A partir do Renascimento, quando ocorre uma retomada de valores da cultura clássica, os redatores começam a investir em formas latinizadas, isto é, realizar a grafia portuguesa, por exemplo, tomando como modelo a grafia latina. Assim, a forma gráfica de “captiveiro” seria espelhada na forma gráfica latina “captiveus”. Para Marquilhas (1991, p.16), ao contrário do que se poderia pensar, o século XVIII não foi o período em que houve um predomínio de uma determinada norma ortográfica, como o uso de formas latinizadas. Os esforços em multiplicar o número de mestres, de impressores em

Lisboa e os tratados ortográficos não resolveram as normas coexistentes, porém, ao menos, uma espécie de consenso estético, diferente do que a pragmática de Coutinho (1798) defendia, fez a grafia etimológica encontrar seu auge no século XIX.

A partir de 1904, com os trabalhos filológicos, sobretudo de Gonçalves Viana, dá-se a fase dos acordos ortográficos que objetivam simplificar e unificar as ortografias coexistentes. Torres (1959), em sua *Moderna Gramática Expositiva*, apresenta esse terceiro momento como sendo a fase histórica, uma vez que a proposta de uma nova ortografia foi fruto de um estudo com base na história da língua.

Em todos esses momentos, é possível perceber traços fonéticos e etimológicos na grafia. Ora, predominando o primeiro, ora o segundo. Por isso, o gramático oitocentista Alfredo Gomes (1890) afirma que essas fases expressam os sistemas gráficos, ou seja, um “conjuncto de leis ou preceitos convencionaes com que se representam os sons de uma lingua”. Para o autor, haveria basicamente três sistemas, consoante ao que já apresentamos: (1) “graphica phonetica” em que se representa o vocábulo de acordo com a pronúncia (Ex.: filozofia); (2) “graphica etymologica” em que se representa o vocábulo de acordo com sua origem (Ex.: philosophia); e (3) “graphica usual ou mixta” em que se escreve o vocábulo de acordo com o uso dos “doutos” e tenta conciliar com proporção a pronúncia e a origem.

Seguindo o princípio ortográfico exposto por Cagliari (2009), que expressa a necessidade de “congelar formas de escrita para que todos escrevessem de um único modo as mesmas palavras, independentemente da maneira como cada um (pessoa ou dialeto) as pronunciava”, uma língua que conta com um sistema de escrita como o português precisa seguir padrões de escrita estáveis a fim de que a sociedade possa de fato reconhecê-los como representantes da fala, mesmo que não seja a representação fiel de como se pronuncia. Isso quer dizer que cada língua tende a uma padronização que seja possível estabelecer entre seus usuários um acordo cooperativo que facilite a comunicação. Segundo Cagliari (2009, p. 90)

“Se cada dialeto ou pessoa escrever como fala, as palavras passam a ter muitas formas gráficas, o que dificultaria enormemente a leitura”. Acredita-se que é possível estudar a língua por meio de um sistema de escrita capaz de revelar o comportamento linguístico daqueles redatores que difundiam modelos de erudição, como também observa Faraco (2005):

depreender variações na grafia e na estrutura de textos antigos ou mesmo correções em manuscritos é valioso indicador de uma fase de mudança em progresso no passado e, portanto, pode contribuir para a delimitação de fases intermediárias, iluminando o problema da transição.” (FARACO, 2005, p. 191)

É justamente no século XIX, momento do Português Brasileiro que nos chama a atenção, que a fase etimológica tem sua maior expressão, o que não é por acaso. Se a grafia etimológica passa a ser acessada no Renascimento, ganha maior força em uma cultura escrita que se expande graças aos jornais. E encontra um novo impulso em correntes literárias, como o Parnasianismo, que voltam ao Classicismo resgatando também valores da escrita. Castilho (1992), inclusive, afirma que, no Parnasianismo e no Simbolismo, encontramos uma reação contrária ao Romantismo, marcado pelo sentimento nacionalista. Como aponta o autor, nessas duas correntes do último quarto do século há uma atitude conservadora que se espelha no padrão clássico. Para o Brasil, mesmo que fossem inexpressivas essas correntes em relação à primeira, ser uma nação independente, com identidade própria, significaria participar da tradição gráfica das principais nações europeias, latinizando a grafia.

Observa-se que a exacerbação da grafia latinizada no século XIX não corresponde apenas àquilo que a comunidade linguística espera que as pessoas realizem (norma subjetiva), o que acontecia no século XVIII, mas principalmente aquilo efetivamente praticado pela classe social de prestígio (norma objetiva), percebida nos jornais cariocas desse século. É justamente essa norma objetiva que se pretende acessar:

Urge que o filólogo e o linguista procurem conhecer a língua, isto é, os textos, e não os gramáticos, muito menos os gramatiqueros: conhecer a

língua, estudando-a com olhos de técnico e com olhos de artista. (MELO, 1952 *apud* CAMBRAIA, 2005)

A latinização gráfica, por ser um fato exterior à língua e transcendente aos diversos gêneros e a uma língua particular, é capaz de representar não a história de um texto particular, mas a história da própria língua. Barbosa (2005) parece ter captado bem isso, ao tentar responder a questão de quem era erudito no passado, uma vez que só contamos com a subjetividade de leitores contemporâneos e parâmetros de nossa época, desenvolvendo uma metodologia, que identifica como um valor de erudição presente em textos-modelo a latinização gráfica.

A metodologia consiste em (1) selecionar estratégias de erudição – a estratégia escolhida faz parte da dimensão gráfica – latinização da grafia; (2) levantar latinizações presentes em autores conhecidos, considerados eruditos em seu tempo; (3) verificar a taxa de uso e a taxa de acerto:

Taxa de Uso	Taxa de acerto
O quanto era aplicado o princípio de <i>Latinização</i> .	O quanto o redator dominava realmente o modelo gráfico latino.

Tabela 34: Taxas de uso e de Acerto da latinização gráfica

Para Barbosa (2009):

Quanto mais encontrarmos de grafias latinas em um autógrafo oitocentista, mais seu autor teria estado em contato com os meios de transmissão de modelos de erudição, sejam escolares, de norma subjetiva ou de norma objetiva. Se o uso da grafia for significativo, em quantidade e variedade consideráveis, quanto mais o referido redator mantiver um paralelo perfeito entre a forma latina oficial e o que escreve, maior seria o grau de conhecimento da norma culta de sua época via estudo - particular, público ou religioso. (BARBOSA, 2009)

Podemos ilustrar a metodologia com a tabela a seguir:

Nº	Palavra	Taxa de Uso	Taxa de acerto	Falsas	Forma Latina
	Bocca	1	X		lat. <i>bucca,ae</i>
	Captivo	2	2X		lat. <i>captívus,a,um</i>
	Captiveiro	1	X		lat. <i>captívus,a,um</i>
	Cathegoria	9		9X	<i>categoria,ae</i>
Total		13	4	9	

Tabela 35: Modelo de comparação de vocábulo latinizados

Com base nos textos que formam o *corpus*, levantamos todas as palavras latinizadas (2ª coluna), verificamos a taxa de uso (3ª coluna) e a taxa de acerto (4ª coluna), estabelecida por meio da comparação com a forma latina (última coluna). Quanto mais alta a taxa de uso e maior a taxa de acerto, mais próximo estará dos textos considerados modelares para a época.

Contudo, a aplicação da metodologia requer certa habilidade no momento da identificação de formas latinizadas, pois reconheceríamos com facilidade palavras como *assumpto*, mas formas como *quasi* e *d'entro* não nos levariam a conclusão de que são formas latinizadas. A primeira nos faria pensar que o redator escreveu conforme a pronuncia, ou seja, sílaba postônica *e* passando a *i*. A segunda de que a segmentação do vocábulo é inadequada. Mas os dois casos são espelhados nas formas latinas, do latim, *quasi* e contração da preposição latina *de* 'de' + adv. lat. *intro* 'para dentro', respectivamente.

Após a verificação dessas duas taxas em autores considerados eruditos em seu tempo, a metodologia procura (4) testar além da dimensão grafológica, a dimensão morfossintática, um fenômeno em que se possa observar a oposição entre literacidade e oralidade a fim de ratificar as conclusões obtidas no plano gráfico. O fenômeno linguístico adotado é a distribuição do gerúndio em suas formas sintética e analítica. A primeira expressa um maior contato com a escrita; a segunda, um contato menor com o modelo de escrita na época. Segundo Barbosa (2005), “as formas sintéticas, normalmente, são tidas como mais frequentes na escrita, ao passo que, as analíticas, como mais comuns na oralidade” (Barbosa, 2005, p. 39). Se as duas dimensões revelam um maior contato com a escrita oitocentista (latinização e

formas sintéticas de gerúndio), o material funcionaria como modelo de erudição para o século XIX.

A seguir (5), procura-se comparar esses resultados presentes em textos-modelo com outros materiais desses mesmos redatores a fim de verificar a influência do gênero e a interferência do grau de formalidade. Por fim, (6) aplicar as mesmas taxas de latinização em autores desconhecidos, encaixando-os ao *continuum* de acordo com parâmetro construído a partir dos textos-modelo.

Neste trabalho, pretendemos contribuir para a metodologia de Barbosa (2005) ao observar em um redator reconhecido como erudito, França Junior, o uso da latinização da grafia (ou como tradicionalmente é conhecida, grafia etimológica), como uma estratégia de erudição no século XIX. Por meio dessa estratégia seria possível escalonar redatores em um *continuum* de erudição. A ideia é verificar a frequência de itens latinizados e comparar com as taxas de textos considerados modelares para o século XIX e constatar o quanto tal informante se aproxima ou se afasta do ideal de latinização, por isso a existência do *continuum*.

Procuramos, desta forma, resolver o problema de perfis da linguística de *corpus*. Mesmo desconhecendo o informante, poderíamos utilizar os seus dados para estudar a norma culta de outra sincronia, pois, através de um simples controle no plano gráfico, verificaríamos se corresponde ao perfil de um redator erudito. Assim, os *corpora* poderiam ser muito mais expressivos do que são hoje em dia, além de ser confiáveis, uma vez que se levam em consideração os critérios de erudição da época.

4.2 – Resultado das latinizações nos folhetins de França Junior.

Como nossa intenção é contribuir para a metodologia, verificando em autores eruditos as taxas que servirão de parâmetros para redatores desconhecidos, aplicamos a metodologia às crônicas folhetinescas de França Junior. Do total de palavras, destacamos todas aquelas que teriam a grafia inspirada na forma latina. Comparamos tais ocorrências com as formas latinas, com objetivo de verificar se o redator tinha ou não a consciência da forma latina. Usamos 22 folhetins como *corpus* para essa investigação. Deixamos de fora o folhetim *Dilettanti*, pois não temos seu testemunho em jornal. Assim chegamos aos resultados abaixo:

	Palavras	Ocorrências	Verdadeiras	Falsas
Total	55130	1638	1487	151
%	97,03	2,97	90,78	9,22

Tabela 36: Resultados da Latinização em França Junior

De 55.130 palavras de todos os folhetins do autor, apenas 1.638 são latinizadas, ou seja, apenas 2,97%. A impressão que se faz de que toda a grafia oitocentista é latinizada se desfaz estatisticamente. No entanto, ainda assim, 2,97%, o que parece pouco, representa uma taxa elevada de latinização a ponto de chamar a atenção dos falantes. Também é elevada se compararmos com as taxas de outro período que não ultrapassam a faixa de 1%.

Dessas 1.638 ocorrências de latinização 90,78% foi espelhada na forma latina corretamente e apenas 9,22% de falsas latinizações, como em *cancellà* – o redator grafa dois *l* por analogia de outras formas geminadas, porém a forma latina dessa palavra é *cancelus*. Ao contrário do que se costuma dizer, de que “a etimologia, nessa época, era uma ciência que dependia, em grande parte, da fantasia de cada escritor.” (COUTINHO, 1976, p. 71), os resultados revelam que as formas latinizadas não eram fruto de fantasia, mas de investida numa escrita baseada na forma latina quase sempre com sucesso. Por isso, a prática de chamar o período de “pseudo-etimológico” não é muito acertada, pois o antepositivo “pseudo”

significa “falso, mentiroso”, porém afirmar que no século XIX se faz uma falsa etimologização é desconsiderar essa taxa tão alta de investida correta da forma latina.

A distribuição dos dados demonstra que o redator ao utilizar formas latinizadas quase sempre espelha na forma latina correta. Isso demonstra que o redator teve contato com textos modelares de sua época a ponto de se servir dos mesmos expedientes para produzir uma escrita que o garanta ser aceito como um erudito pertencente à rede limitada de redatores e leitores do século XIX.

O gráfico na sequência ilustra a distribuição dos dados de latinização nos folhetins. Percebe-se que, quando aumenta o número de palavras, aumenta proporcionalmente o número de latinizações, de acertos e de erros. Se a taxa de acerto acompanha a taxa de uso, significa que o repertório do redator não se restringe a um número limitado de palavras, mas acompanha proporcionalmente o total de palavras utilizadas no texto, com a mesma probabilidade de incorrer em um erro:

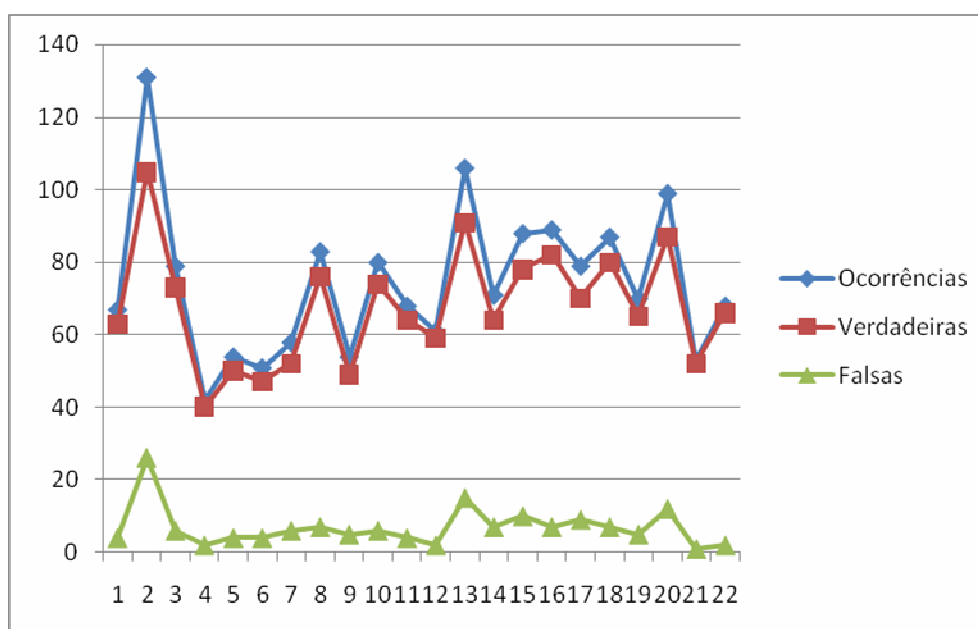


Gráfico 1: Distribuição de latinismos nos folhetins de FJ

Os números da linha horizontal indicam a distribuição por folhetins. A linha verde representa os erros distribuídos nos 22 folhetins, assim como a linha vermelha e azul

representam os acertos e o uso de latinização, respectivamente. O gráfico torna mais visível a incoerência de se chamar o período de “pseudo-etimológico”.

Os resultados observados em França Junior vão ao encontro de outros resultados obtidos através de outros redatores modelares destacados por Barbosa (2006):

<i>Corpus</i>	Taxa de uso	Taxa de acerto
Texto Modelo - Jornais (Notícias e Folhetins)	3,69%	90,35%
Cartas Familiares Cristiano Ottoni (Avô)	2,81%	92,15
Cartas Familiares Bárbara Ottoni (Avó)	1,29%	não se aplica

Tabela 37: Resultado de latinismos nos textos-modelo

Barbosa (2006) aplicou a metodologia em notícias e folhetins do *Diario do Rio de Janeiro* e *Jornal do Commercio*, material por nós identificado. Depois comparou com manuscritos autógrafos de Cristiano Ottoni e sua esposa Bárbara Ottoni. O Sr. Ottoni, presidente da estrada de ferro e colaborador com artigos para jornal; e sua esposa, amável dona de casa. Ambos escrevem aos netos. Dessa situação informal, percebe-se nitidamente que o Avô, mesmo numa situação informal, tem uma taxa de acerto semelhante a dos textos-modelo dos jornais.

França Junior tem uma taxa de uso significativa (2,97%), mesmo que não idêntica aos textos modelares. Sua taxa de uso localiza-se entre os textos-modelo de notícias e folhetins e as cartas familiares de Cristiano Ottoni. Encontra-se um pouco abaixo do que é considerado o modelar, mas fica um pouco acima da escrita informal de outro erudito. Portanto, França Junior procura um meio termo para seu uso de latinização a fim de que não crie completamente a imagem de uma escrita informal, nem tire a familiaridade que ele procura estabelecer com seus leitores (leitoras).

A taxa de acerto de França Junior (90,78%) é praticamente a mesma que a dos textos-modelo (90,35%). Isso reforça aquilo que já foi afirmado anteriormente apenas com os

resultados desse autor: França Junior investe de maneira quase precisa na grafia latinizada. Pode-se dizer ainda que o autor acompanha os textos-modelo, que provavelmente lhes serviram de modelo, assim como outras tradições de textos da época.

Mais uma vez temos reforçada a nossa afirmação de que mesmo numa situação informal, como a de Cristiano Ottoni, ou escrevendo para o jornal, despretensiosamente, quase num simulacro de bate-papo com o leitor, sobre o dia a dia da sociedade, os autores mantêm um modelo de grafia de acordo com os padrões gerais da época, independente do gênero e do grau de formalidade.

Como observamos acima, a presença significativa da grafia latinizada aponta para um contato maciço de França Junior com os modelos escritos da época. Vale ressaltar que não se trata aqui de observar o que era idealizado como escrita correta, mas o que era praticado por redatores capazes de difundir modelos. Constatada uma prática no nível grafológico que expressa sua erudição escrita acompanhando os modelos gráficos de seu tempo, convém verificar se esses resultados encontram eco no nível morfossintático, por isso, nossa análise se completa com o estudo de formas sintéticas e analíticas do gerúndio.

4.3 – Procedimento Sintático – Formas Sintéticas e Analíticas de Gerúndio

Conforme prevê a metodologia de Barbosa (2005), procuramos estabelecer um contraponto sintático utilizando esse mesmo *corpus* em que levantamos os casos de latinização para verificar a presença de formas analíticas e sintéticas de gerúndio.

Segundo Barbosa (1999), ao estudar as cartas do comércio do século XVIII, casos de formas analíticas do gerúndio são exemplos de marcas da oralidade na escrita, ou seja, uma característica da língua falada que ganha espaço na escrita à medida que o contato do leitor/redator com essa última modalidade se atenua:

Quando este via que o barulho **ia serenando**, procurava excitar a alegria com observações d'este jaez,

Por outro lado, as formas sintéticas deixam transparecer em oposição às formas analíticas um maior contato do redator/leitor com os modelos escritos de sua época:

Conheço ainda uma senhora d'esses bons tempos que, **mudando**-se para o Ceará, teve que assistir ultimamente á inauguração de uma estrada de ferro n'aquella provincia

Do levantamento feito nos folhetins de França Junior, chegamos aos seguintes resultados:

França Jr. (1877-1878)	Analítica	Sintética	Geral
Total	76	215	287
%	25,09	74,91	100

Tabela 38: Distribuição da formas de gerúndio em França Jr.

As formas sintéticas somam 74,91% do total de contextos, um indício de que o redator deixa transparecer em seus textos seu contato expressivo com a literacidade. Esse resultado também ratifica o comportamento epilinguístico do redator, ao lançar mão da latinização gráfica em seus textos, influenciado pela escrita erudita da época, isto é, ele tanto lança mão da grafia latinizada como também utiliza mais formas sintéticas de gerúndio, demonstrando contato expressivo com os textos-modelo.

Além disso, a distribuição dos dados de forma não-categórica não é sinal de que o informante não é hábil. Pelo contrário, a distribuição não-categórica reforça a existência das duas variantes e que há um esforço maior de um redator erudito em evitar marcas da oralidade, neste caso, materializada nas formas analíticas do gerúndio.

Como comparamos os resultados de latinização de França Junior com os resultados dos textos considerados modelares para o século XIX, realizamos o mesmo procedimento com os casos de gerúndio. Assim, comparamos os resultados dos folhetins de França Junior com os resultados dos folhetins *A Filha do Povo* (1874), *A Flor das Favas* (1843), *O Ultimo dia de Frascati* (1843), *Inês de Las Sierras* (1842), além das cartas familiares e cartas publicadas de Cristiano Ottoni.

A primeira comparação foi com o folhetim *A Filha do Povo* (1874), folhetim escrito na mesma época que os textos de França Junior:

A Filha do Povo (1874)	Analítica	Sintética	Geral
Total	32	309	341
%	9,38	90,62	100

Tabela 39: Resultados de gerúndio no Folhetim A Filha do Povo

O redator de *A Filha do Povo* também demonstra ter um significativo contato com a escrita ao adotar quase sempre as formas sintéticas de gerúndio (90,62%). Diga-se de passagem que o uso de formas sintéticas é parecido com a taxa de acerto de latinizações dos textos-modelo. Esses resultados parecem ser o parâmetro da distribuição de formas analítica e sintética nos textos-modelo do século XIX. Encontramos uma distribuição semelhante em cartas de Cristiano Ottoni publicadas nos jornais, na mesma época que os folhetins de França Junior:

Cartas Publicadas – Jornais / Cristiano Ottoni	Analítica	Sintética	Geral
Total			
%	7,05%	92,94%	85

Tabela 40: Resultados de gerúndio das cartas do Sr. Ottoni

Tal distribuição também já ocorria 30 anos antes nos demais folhetins e notícias, nossos textos-modelo. Notam-se em todos esses resultados as formas sintéticas sempre acima de 90%, diferente do resultado de França Junior (74,91%):

Notícias (1842/43)	Analítica	Sintética	Geral
Total			320
%	9,68%	90,31%	

Tabela 41: Resultados de gerúndio em notícias

Os resultados de França Junior se aproximam dos resultados das cartas familiares de Cristiano Ottoni:

Cartas Familiares / Cristiano Ottoni	Analítica	Sintética	Geral
Total			54
%	29,62%	70,37%	

Tabela 42: Resultados de gerúndio em textos publicados do Sr. Ottoni

França Junior, embora escrevendo para o jornal, utiliza a distribuição de um erudito em contexto informal. Para compreender melhor a distribuição dos dados em França Junior, procuramos observar em qual folhetim as formas analíticas são mais significativas e onde há equilíbrio dessas com as formas sintéticas, assim teríamos condições de observar a possibilidade da existência de condicionantes linguísticos que favoreceriam uma dessas formas do gerúndio. Para isso, observamos os dados distribuídos por folhetim:

TEXTOS	Analítica	Sintética	TOTAL
A Rua do Ouvidor	0	5	5
Massantes	4	12	16
Os Bailes	4	10	14
Jantares	1	11	12
Visitas	5	8	13
Mudanças	5	5	10
Enterros	4	9	13
O Namoro	2	17	19
Crianças	3	15	18
Pretendentes	7	12	19
Encomendas	2	13	15
Vizinhos	4	6	10
Feijoadas	7	7	14
Luminarias	9	12	21
Bonds	2	6	8
A Missa do Gallo	6	14	20
A Republica	3	10	13
Casamentos	2	5	7
Organizações Ministeriaes	3	7	10
Friburgo e Petropolis	1	1	2
O Cantor de Serenatas	2	17	19
Os Recitativos	0	9	9
TOTAL	76	211	287
%	26,49	73,51	100

Tabela 43: Distribuição de gerúndio pelos folhetins de França Jr.

O folhetim *Feijoadas* não é o único em que há equilíbrio de formas com gerúndio, mas é o que tem a maior ocorrência com equilíbrio de gerúndio. Já o folhetim *Luminarias* é o que mais ocorre formas analíticas.

Ao reler os textos, percebemos a incidência de formas analíticas nos diálogos dos personagens. Pereira (2006), ao estudar os modos de organização do discurso que compõem os diversos gêneros afirma que o texto é formado por diversas sequências definidas pela natureza linguística de sua composição. Para a autora, teríamos como sequências de natureza linguística: narração, relato de fatos marcados pelo tempo e lugar; descrição, caracterização de um item pelos seus traços singulares; exposição, apresentação de informações detalhadas sobre um tema; argumentação, busca convencer, influenciar e persuadir; injunção, detalhamento de passos para realizar uma ação; e diálogo, reproduzir a troca de idéias entre os interlocutores. Ao analisar todos os contextos de gerúndio, constatamos quais são os modos de organização do discurso envolvidos: narração, descrição e diálogo.

Como afirmamos anteriormente, com base em Pereira (2006), narração é o relato de acontecimentos ou fatos, reais ou imaginários, que envolvem ação e movimento no transcorrer do tempo. É comum verbos no pretérito perfeito e advérbios indicadores de tempo e espaço, além de apresentação de fatos em sequência numa relação de causa e efeito.

A descrição oferece oportunidade de visualizar o cenário em que uma ação se desenvolve e os personagens que dela participam. Ela também enumera as características próprias do lugar, pessoa, coisa e costume. É frequente o emprego de advérbios e expressões indicadoras de lugar que garantem a coerência textual e verbos no imperfeito e no presente do indicativo, traduzindo o cenário como uma imagem.

O diálogo é o intercâmbio verbal entre duas pessoas ou personagens que objetiva a troca de ideias e de informações sobre determinado assunto por meio do discurso direto.

No folhetim *Feijoadas*, em que há um equilíbrio dos dados, isto é, 7 dados analíticos e 7 dados sintéticos, há 9 sequências narrativas. Há apenas uma sequência a mais de formas sintéticas de gerúndio em sequências narrativas, uma distribuição equilibrada. A diferença dessa distribuição é a presença de diálogos nas formas analíticas e de descrição nas formas sintéticas:

Dados equilibrados -Feijoadas	
ANALÍTICOS - 7 dados	
4 narrativas	3 diálogos
Quando este via que o barulho ia serenando , procurava excitar a alegria com observações d'este jaez	- Leva-se tanto tempo ! Se nós tivessemos vindo a cavallo, já estávamos em Paquetá.
SINTÉTICOS – 7 dados	
5 narrativas	2 descritivas
Conheço ainda uma senhora d'esses bons tempos que, mudando-se para o Ceará, teve que assistir ultimamente á inauguração de uma estrada de ferro n'aquella provincia.	Já vêm, pois, a leitora aristocratica e o leitor elegante, que não é meu fito irritar-lhes os nervos com a pintura minuciosa d'essas negras caldeiradas, onde a cabeça de porco e o toucinho de Minas, unindo-se em fraternal amplexo ao rubinco paio d'além mar,

Tabela 44: Os modos de organização do discurso nas formas de gerúndio

Há tanto narrativas nas formas analíticas quanto nas sintéticas. No entanto, há uma sequência que aparece de forma significativa nos casos analíticos, são os diálogos. Quando analisamos o folhetim em que há mais casos de formas analíticas, a presença significativa de diálogos nesses contextos reforça a hipótese de que seria um condicionante no uso dos dados de forma analítica de França Junior:

Dados analíticos mais expressivos– Luminárias		
ANALÍTICOS: 9 dados		
7 diálogos	2 narrativas	
- Vamos caminhando para um abysmo.	Das dez horas em diante as ruas vão se despovoando , e começa a retirada.	

SINTÉTICOS: 12 dados		
	10 narrativas	2 descritivas
	Os bonds nos arrabaldes e os filiaes de tos[t]ão atravessam as ruas embandeiradas, cheios como sanguessugar, e entornando gente pelos estribos e platafórmias.	Aquell[a]s, ostentando <i>toilettes</i> de variega[d]as côres, são as que tomam parte mais activa nos folguedos.

Tabela 45: Os diálogos nas formas analíticas

A inflação de contextos de forma analítica de gerúndio em França Junior pode ser explicada por meio da presença de diálogos nesses contextos. Esses diálogos costumam reproduzir a oralidade dos personagens, às vezes, pequenos burgueses, aristocratas falidos, donas de casa, escravos e empregados. Parece que além de reproduzir o cenário da sociedade carioca, França Junior procurava reproduzir também a fala desses personagens que encenam a comédia do dia a dia no palco de seus folhetins.

A retirada desses dados nos leva a uma distribuição de forma sintética mais significativa, aproximando-se dos demais textos-modelo:

França Jr. (1877-1878)	Analítica	Sintética	Geral
Total	27	211	238
%	11,35%	88,65%	100

Tabela 46: Resultados de gerúndio sem os dados em diálogos

Como observamos na tabela acima, as formas analíticas caem mais do que a metade, demonstrando que realmente os diálogos inflacionavam a quantidade de dados analíticos. A porcentagem de formas sintéticas, desta forma, aproxima-se dos 90% dos textos modelos.

Ao utilizar a metodologia de Barbosa (2005), contribuimos de forma geral, descrevendo mais um redator erudito cujo perfil nos era conhecido; e de forma específica, esmiuçando os dados de gerúndio, reconhecendo sequências textuais que funcionam como estratégias do autor para a caracterização dos personagens e que não representariam o discurso modelar, mas praticado na época. Conseguimos constatar que a erudição de França

Junior também se expressa discursivamente, no nível grafológico e morfossintático. Avançamos também na descrição da grafia oitocentista ao rever a condição de “pseudo” que era atribuída à grafia desse período, norma não apenas prescrita como fora para muitos no século XVIII, mas praticada pelos falantes eruditos do XIX.

5 – CONCLUSÃO

Procuramos fazer deste trabalho um estudo grafológico da Língua Portuguesa no século XIX, o que tornou indispensável a elaboração de uma edição confiável que tivesse sido criticamente construída a fim de servir de fonte para qualquer investigação linguística e epilinguística.

Os dois objetivos que justificam esse trabalho, a edição crítica de folhetins de França Junior e o estudo grafológico do século XIX, colaboraram para o projeto maior Para uma História do Português Brasileiro (PHPB), uma vez que disponibilizamos material para pesquisa de época pretérita e descrevemos um momento da Língua Portuguesa, como toda descrição, é claro, adotando uma perspectiva e fazendo um recorte da realidade.

O percurso de edição e apresentação dos textos deixa claro o esforço em trazer ao público contemporâneo o olhar de quem também adotava uma perspectiva para descrever sua realidade. Percebendo a alma bem-humorada do carioca, França Junior soube colocar em seu texto essa comicidade do dia a dia, deixando entrever sua crítica à sociedade fluminense. Trata-se de um material que, se não é propriamente um documento histórico do passado, é um depoimento avaliativo de diversos acontecimentos históricos que ocorreram no Rio de Janeiro, no século XIX.

Procuramos investigar a que rótulo jornalístico as crônicas de França Junior estavam vinculadas. Como observamos, sob o rótulo *folhetim*, os textos fizeram parte de uma Tradição Discursiva atualizada em seu uso, incorporando; portanto, um modelo evocado e servindo também de modelo para os leitores do século XIX. Isso proporcionava à imprensa oitocentista avanços na implementação de uma cultura de leitores no Brasil.

O cotejo entre testemunhos nos permitiu não apenas preencher lacunas decorrentes da ilegibilidade do primeiro testemunho, mas principalmente apontar diferentes decisões dos

editores responsáveis por cada edição, com ou sem autorização do autor. Por um lado, as alterações gráficas são provas de que existem normas gráficas sistemáticas, consistentes e regulares à disposição dos redatores que vão fazer uso desses sistemas conforme o objetivo de sua edição. Por outro lado, as alterações significativas demonstram que, de acordo com o objetivo de cada testemunho, alguns elementos linguísticos vão ser alterados para dar conta da relação de sentido que tal testemunho procura apresentar, caracterizando, portanto cada testemunho.

Ao estudar a grafia dos oitocentos, especificamente, as latinizações; questionamos o termo *pseudo-etimológico*, pois os textos-modelo dos oitocentos, dentre eles os textos de França Junior, indicam que os redatores acertavam quase sempre a investida na forma latina, o que demonstra que o período é mais do que *pseudo* (falso). O período é etimológico e passa ser um valor de erudição no século XIX com a diminuição significativa de traços da oralidade na escrita, presente nos outros séculos dessa fase.

Contribuímos com Barbosa (2005) ao incluir mais um material que testa sua metodologia que prevê uma mensuração da norma objetiva por meio de estratégias epilinguísticas (latinização gráfica) e linguística (formas sintética e analítica do gerúndio). Como destacamos, os textos de um redator reconhecido como erudito aproxima-se estatisticamente no nível grafológico e linguístico dos padrões de erudição do século XIX.

A tarefa de busca na BNRJ para localizar esse representativo material e o esforço empregado para o restabelecimento da primeira edição e o cotejo com as edições seguintes, à luz da Crítica Textual, fizeram-nos pensar sobre as palavras de Olavo Bilac, quando afirmava que a língua portuguesa é “ouro nativo, que na ganga impura, a bruta mina entre os cascalhos vela”. Parece que é papel da linguística histórica desvelar esse ouro, que tem sido não só a norma objetiva para os oitocentos, mas também própria história social da língua portuguesa e

disponibilizá-los para qualquer estudo linguístico que tente compreender o presente à luz do passado.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2002.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: Criação lexical*. São Paulo: Ática, 2002.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de. “As Crônicas de Carlos Heitor Cony e a Manutenção de um diálogo com o leitor” in: PRETI, Dino (org.). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005.

ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Gramática Ilustrada*. São Paulo: Ed. Moderna, 1978.

BARBOSA, Afranio Gonçalves. *Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas de comércio*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1999.

_____. “Tratamento dos ‘Corpora’ de sincronia passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e lingüísticos” in: LOPES, Célia Regina dos Santos (org.). *A norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2005.

_____. “Normas Cultas e Normas Vernáculas: A Encruzilhada Histórico-Diacrônica nos Estudos sobre Português Brasileiro” in: LOBO, Tânia *et alii* . *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, 2006.

_____. “Novos corpora para estudos diafásicos: cartas pessoais e cartas publicadas em jornais do séc. XIX. in: Neue Romania, Veröffentlichungsreihe des Studienbereiches Neue Romania des Instituts für Romanische Philologie der FU Berlin. Berlin: maio 2009, p. 197.

BECLUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Editorial Castalia, 1983.

BENTO FILHO, Egídio. *O Riso na Comédia brasileira no séc. XIX*. PUC-Rio, 1997. (Mestrado em Letras).

BORGES, Luiz Eduardo Ramos. *Comigo em França Junior: Uma análise a partir do modelo Bergonosiano*. USP, 1991. (Mestrado em Artes).

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAFEZEIRO, Edwaldo (org.). *Teatro de França Junior*. Rio de Janeiro: SNT , FUNARTE, 1980.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *A História do Alfabeto*. São Paulo: Paulistana, 2009.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPBELL, Lyle. *Philology: The Role of Written Records in: Historical Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 5. ed. São Paulo: CEN, 1976.

CASTILHO, Ataliba T. de. “O português do Brasil”. in: ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1992.

CASTILHO, Ataliba T. de. “Proposta Funcionalista de mudança lingüística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas” in: LOBO, T. et alii (org.). *Para a História do Português Brasileiro*. Tomo I. Salvador: EDUFBA, 2006.

COUTINHO, Afrânio (dir.) & SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. São Paulo: Global, 2001.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora, 2007.

CRUZ VIVA, José Gonçalves da (sacerdote). Folhetins. *Varietades e devaneios de Abdiel o Algarvio...* Lisboa: Typ. Universal, 1876-77.

DINIZ, P.; FARIA, R.; FERREIRA, N. & LIMA, A. *Romances-folhetim e notícias em jornais do século XIX: Padrões e contrastes sociolingüísticos e culturais*. XXV Jornada de Iniciação Científica da UFRJ. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2003.

DINIZ, P.; FARIA, R.; LIMA, A. & MOTHE, N. *A Evolução dos Folhetins em Jornais Brasileiros do Século XIX*. XXVI Jornada de Iniciação Científica da UFRJ. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática. 2005.

FARIA, João Roberto Gomes de. *O Teatro realista no Brasil: 1855-1865*. USP, 1990. (Doutorado em Literatura Brasileira).

FÁVERO, Leonor Lopes. “A Crônica em Limba Barreto: dialogismo fala/escrita”. in: PRETI, Dino (org.). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005.

FRANÇA JUNIOR, Joaquim José da. *Folhetins*. Rio de Janeiro: Typ. Da Gazeta, 1878.

_____. *Folhetins*. 2 ed. Corr. e Augm. Rio de Janeiro: Liv. De J. R. Santos, 1894.

_____. *Folhetins*. [3 ed.] Publicados na Gazeta de Noticias. Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos, 1915.

_____. *Folhetins*. 4 ed. Augmentada com os folhetins publicados nos jornaes “O Globo Ilustrado”, “O Paiz” e o “Correio Mercantil”. Pref. e coordenação de Alfredo Mariano de Oliveira... Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos, 1926.

_____. *Política e Costumes, folhetins esquecidos (1867-1868)*. Organização, Introd. e notas de Raimundo Magalhães Junior... Edição Ilus. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1957.

_____. *Relatório de sobre a pintura e estatuaria apresentado ao Exmo Sr. Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1874.

_____. *Requerimento a Domingos Jacy Monteiro, solicitando licença para a representação da comédia em 1 ato: Ingleses na Costa*. Rio de Janeiro, 22/09/1863.

FREITAS, Eduardo Luiz Viveiros de. *Folhetins e Máscaras*. PUC, 2005. (Mestrado em Ciências Sociais).

GOMES, Alfredo. *Grammatica Portugueza*. Francisco Alves, [1890].

GUANABARINO, Oscar. *Folhetins sobre a ópera Fosca de Carlos Gomes, publicados na Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro: Typ. Primeiro de Janeiro, 1880.

GRAMSCI, Antonio. “Derivações culturais do romance folhetim”. in: *Literatura e vida nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

HARTUIQUE, Deise Luci Luiz. “Crônica jornalística: um gênero ambíguo de texto” in: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid. *Texto e Discurso: Mídia, Literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

HEINE, Bernd. “Grammaticalization” in: BRIAN, J. & RICHARD, J. *The handbook of historical linguistics*. [s/l]: Blackwell, 2003

HOPPER, Paul J. “On Some Principles of Grammaticization” in: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

HOUAISS, Antonio (Coordenação José Carlos Azeredo). *Escrevendo pela Nova Ortografia*. Rio de Janeiro: Publifolha, 2008.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.

KABATEK, Johannes. “Tradições discursivas e mudança lingüística” in: LOBO, Tânia *et alii* . *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, 2006.

KOCH, Peter. “Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik” in: FRANK, Barbara; HAYE, Thomas & TOPHINKE, Doris. (hrsg.), *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingem: Narr 1997.

LEVY, Carlos Roberto Maciel. *O Grupo Grimm: paisagismo brasileiro no século XIX*. Prefácio Quirino Campofiorito. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1980.

LIMA, Israel Sousa. *Biobibliografia dos Patronos: Fagundes Varela e França Junior*. ABL: 2003.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. *Panorama do Conto Brasileiro: os precursores*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.

LIMA, Alexandre Xavier & FARIA, Rosane Manhães da Rocha. *Diferentes usos para o rótulo folhetim e a construção do público leitor no século XIX*. Rio de Janeiro: UERJ: 2005.

LIMA, Alexandre Xavier. *A edição de folhetins oitocentistas cariocas: o caso França Junior*. Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

LOBO, Tânia *et alii* . *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, 2006.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do Teatro Brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC/SNT/FUNARTE, [s/d].

MARCUSCHI, Luiz Antônio. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade” in: DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARQUILHAS, Rita. *Norma Gráfica Setecentista: Do Autógrafo ao Impresso*. Lisboa: INIC, 1991.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. I e II. São Paulo: FAPESP, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. “Reflexões e questionamentos sobre a constituição de *corpora* para o Projeto ‘Para a história do português brasileiro’” in: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & CALLOU, Dinah (org.). *Para a História do Português Brasileiro –*

Notícias de corpora e outros estudos. – Vol. IV. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2002.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1988.

MONTEIRO, Domingos Jacy. *Designação para José Pedro Xavier Pinheiro examinar a comédia: Os ingleses na costa, de Joaquim José da França Junior.* Rio de Janeiro, 22/09/1863.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Leituras de mulheres no século.* Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORAES SILVA, Antonio de. *Diccionario da Lingua Portuguesa.* Lisboa: Typ. Lacérdina: 1813.

NADAF, Yasmim Jamil. *Rodapé das miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX).* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

PACÍFICO BARBOSA, Socorro de Fátima. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX.* Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

PAGOTTO, Emílio Gozze & DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. “Gênero e norma: avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX” in: LOPES, Célia Regina dos Santos (org.). *A norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século 19.* Rio de Janeiro: FAPERJ, 2005.

PEREIRA, Cilene da Cunha; PINILLA, Maria da A. Meireles de; COSTA, Maria C. Rigoni; OLIVEIRA, Maria T. Indiani de. in: PAULIUKONIS, A. & SANTOS, L. (org.). *Estratégias de leitura: texto e ensino.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

PRADO, Décio de Almeida. “A Evolução da Literatura Dramática” in: *A Literatura no Brasil* (org. Afrânio Coutinho), Vol. II. Rio de Janeiro: Ed. Sul-Americana, 1955.

RIGONI, Cristina; PINILLA, Aparecida & INDIANI, Maria Thereza. *Linguagem e Cultura.* [s/d]. Disponível em <http://acd.ufrj.br/~pead/>. Acesso em: 15 dez. 2009.

SERRA, Tânia Rebelo Costa (org.). *Antologia do romance-folhetim (1839 a 1870).* Brasília: Ed. UNB, 1997.

SOARES, Angélica. *Gêneros Literários.* São Paulo: Ática, 2006.

SODRÉ, Muniz. Teoria da Literatura de Massa. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1978.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. Fundamentos de Crítica Textual. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica*. São Paulo: Cultrix, 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. A história da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Editora, 1966.

SOUSA, J. Galante de. *O Teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

TINHORÃO, José Ramos. *Os Romances em folhetins no Brasil: 1830 a atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. “Subsídios para a fixação de normas de transcrição de textos para estudos lingüísticos III. in: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. I e II. São Paulo: FAPESP, 2001.

TORRES, Artur de Almeida. *Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. “Constructions in Grammaticalization” in: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)